

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE PONTA PORÃ**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SISTEMAS PRODUTIVOS**

**NÍVEL MESTRADO - PPGDRS**

**ESTEVÃO DOMINGO COPÉRNICO SATTI**

**ÍNDICE DE POTENCIAL CRIATIVO PARA  
MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO SUL**

**Ponta Porã - MS**

**2017**

ESTEVÃO DOMINGO COPÉRNICO SATTI

**ÍNDICE DE POTENCIAL CRIATIVO PARA  
MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Ponta Porã, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Maria Sonaglio

**Ponta Porã - MS**

**2017**

S268i Satti, Estevão Domingo Copérnico  
Índice de potencial criativo para municípios de Mato  
Grosso do Sul/ Estevão Domingo Copérnico Satti. – Ponta  
Porã, MS: UEMS, 2017.  
91 p.

Dissertação (Mestrado) – Desenvolvimento Regional e  
Sistemas Produtivos – Universidade Estadual de Mato Grosso  
do Sul, 2017.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudia Maria Sonaglio.

1. Economia criativa 2. Potencial criativo 3. Cultura 4.  
Desenvolvimento I. Título

CDD 23.ed. – 338.98171

**ESTEVÃO DOMINGO COPÉRNICO SATTI**

**ÍNDICE DE POTENCIAL CRIATIVO PARA MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO  
SUL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos.

Ponta Porã/MS 06 de novembro de 2017.

---

Prof. Dr. Carlos Otávio Zamberlan  
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Claudia Maria Sonaglio  
Orientadora  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Adriana Kirchof de Brum  
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Célia Maria Foster Silvestre  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

## DEDICATÓRIA

*Dedicado à minha família, amigos, professores do programa e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, a minha família, aos meus amigos, a minha orientadora, aos professores, aos colegas de turma e a todos que contribuíram com este período de aprendizado e conquistas. Muito obrigado.

## RESUMO

A economia criativa envolve um conjunto de negócios que tem por base o capital intelectual, cultural e a criatividade. Surgida na Austrália nos 1990, esse segmento pode ser um caminho para o desenvolvimento em um ambiente marcado pela competitividade quase sempre baseada em princípios segregatórios, conservadores e despolitizadores que tem seu viés mercadológico e consumista e que gera uma polarização entre riqueza e pobreza. Esse caminho, uma vez que é um processo novo que busca a defesa do trabalho criativo através de políticas culturais e atividades que venham contribuir não só para a economia, mas também para a inserção social, se alia ao desenvolvimento de forma a transformar os espaços (cidades) em locais onde se possa viver para além de sua dimensão produtiva. A fim de conhecer o potencial criativo nos municípios de Mato Grosso do Sul este trabalho busca construir um índice de potencial criativo a partir de quatro dimensões, a saber: capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva. Para a obtenção deste indicador fez-se uso da análise fatorial. Além disto, utilizou-se a análise de *cluster* para agrupar os municípios de acordo com suas características ligadas a criatividade. A elaboração deste trabalho se justifica por buscar identificar as potencialidades úteis ao desenvolvimento regional a partir da criatividade, cultura e simbologia existentes em Mato Grosso do Sul. De acordo com o índice de potencial criativo, os municípios de Campo Grande e Dourados são considerados com alto grau de potencial criativo. No oposto, Aral Moreira e Caracol registram os menores índices. Além destes, outros 64 municípios foram classificados com baixo potencial criativo no estado. Esta concentração na faixa de baixo potencial criativo torna-se um desafio para o desenvolvimento, especialmente no que tange os setores da economia criativa, onde as práticas são pautadas por ações solidárias que trazem benefícios reais para a qualidade de vida dos moradores. A análise de *cluster* apresentou resultados semelhantes aos obtidos na análise fatorial. Os municípios do estado foram agrupados em três grupos distintos, o que corrobora a classificação obtida a partir do índice de potencial criativo proposto neste estudo.

Palavras chave: Economia criativa; Potencial criativo; Cultura; Desenvolvimento.

## ABSTRACT

The creative economy involves a set of businesses based on intellectual, cultural and creative capital. Emerging in Australia in the 1990s, this segment can be a path to development in an environment marked by competitiveness, often based on segregatory, conservative and depoliticizing principles that have a market and consumerist bias and generate a polarization between wealth and poverty. This way, since it is a new process that seeks to defend creative work through cultural policies and activities that contribute not only to the economy, but also to social insertion, allied to development in order to transform spaces ( cities) in places where they can live beyond their productive dimension. In order to know the creative potential in the municipalities of Mato Grosso do Sul, this work seeks to construct an index of creative potential from four dimensions, namely: human capital, urban environment, social capital and economic-productive structure. To obtain this indicator, factorial analysis was used. In addition, cluster analysis was used to group municipalities according to their characteristics linked to creativity. The elaboration of this work is justified by the fact that it seeks to identify the useful potentialities for regional development based on the creativity, culture and symbology existing in Mato Grosso do Sul. According to the creative potential index, the municipalities of Campo Grande and Dourados are considered to be high degree of creative potential. On the other hand, Aral Moreira and Caracol registered the lowest rates. In addition, 64 other municipalities were classified as having low creative potential in the state. This concentration in the range of low creative potential becomes a challenge for development, especially in the sectors of the creative economy, where practices are based on solidarity actions that bring real benefits to the quality of life of the residents. The cluster analysis presented results similar to those obtained in the factorial analysis. The municipalities of the state were grouped into three distinct groups, which corroborates the classification obtained from the index of creative potential proposed in this study.

Keywords: Creative economics; Creative potential; Culture; Development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Classificação da Economia Criativa .....	31
Figura 02	Limites e localização dos municípios de Mato Grosso do Sul .....	42
Figura 03	Índice de Potencial Criativo dos municípios vizinhos à Campo Grande .....	69
Figura 04	Índice de Potencial Criativo dos municípios vizinhos à Dourados .....	70
Figura 05	Índice de Potencial Criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul .....	71
Figura 06	Agrupamento por potencial criativo .....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Dimensões contempladas e resumo das variáveis selecionadas para índice de potencial criativo .....	44
Quadro 02	Compatibilização da classificação conforme UNCTAD e CNAE 2.0. ....	45
Quadro 03	Nomeação dos fatores e variáveis relacionados .....	62
Quadro 04	Agrupamento por potencial criativo.....	73

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Representação gráfica dos fatores selecionados pelo método Kaiser e pela observação do gráfico <i>scree-plot</i> .....	59
Gráfico 02	Dendrograma .....	72

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Graus de potencial criativo atribuídos aos municípios a partir do índice de potencial criativo (IPOCR) .....	54
Tabela 02	Valores do teste de Medida de Adequação da Amostra (MSA) e <i>Kaiser-Meyer-Olkin</i> (KMO).....	58
Tabela 03	Autovalores, variância individual explicada e variância acumulada .....	59
Tabela 04	<i>Loadings</i> extraídos antes e após a rotação varimax, comunalidades, unicidades e variância explicadas .....	60
Tabela 05	Escores fatoriais, Índice Bruto de Potencial Criativo (IBPOCR), Índice de Potencial Criativo (IPOCR), grau de potencial criativo e <i>ranking</i> dos municípios de Mato Grosso do Sul.....	64
Tabela 06	Índice de Potencial Criativo, número de habitantes e taxa de urbanização dos municípios de Mato Grosso do Sul .....	67
Tabela 07	Estatística descritiva dos grupos .....	75

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
FNP	Frente Nacional de Prefeitos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPOCR	Índice Bruto de Potencial Criativo
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPOCR	Índice de Potencial Criativo
KMO	Kaiser-Meyer-Olkin
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MAS	Medida de Adequação da Amostra
MRES	Matriz Residual
MS	Mato Grosso do Sul
PDFF	Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira
PEA	População Economicamente Ativa
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SED	Secretaria Estadual de Educação
SEMAC	Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia
SEMADE	Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

# SUMÁRIO

<b>1 . INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. BREVES DISCUSSÕES SOBRE COTIDIANO, TECNOLOGIA E AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS .....</b>	<b>19</b>
2.1 Evolução e tecnologia .....	21
<b>3. ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>29</b>
3.1 Criatividade, simbólico e diferença cultural .....	37
<b>4. MÉTODO.....</b>	<b>41</b>
4.1 Área de estudo .....	41
4.2 Fonte de dados .....	43
4.3 Descrição das variáveis .....	43
4.4 Técnicas de Análise Multivariada .....	47
4.4.1 Análise fatorial .....	47
4.5 Cálculos do Índice de Potencial Criativo ( <i>IPOCR</i> ) .....	53
4.6 Análise de Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) .....	54
<b>5. ÍNDICE DE POTENCIAL CRIATIVO DOS MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO SUL.....</b>	<b>58</b>
5.1 Índice de Potencial Criativo ( <i>IPOCR</i> ) .....	64
5.2 Análise de Agrupamento ( <i>Cluster</i> ) .....	72
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A tecnologia, a disposição nos dias atuais, se insere em todos os domínios da atividade humana. Relaciona-se diretamente com os processos sociais de criação e manipulação de símbolos, influenciando diretamente a cultura e também nas forças produtivas e interferindo na capacidade de produção e distribuição de bens e serviços.

Contudo, existe desigualdade no acesso e na velocidade de difusão da tecnologia que se torna seletiva e dependente da maneira como os países e regiões destinam sua aplicação. As diferentes formas de utilização das tecnologias se adaptam a uma série de possibilidades de comunicação através da transmissão direta via satélite, micro-ondas, telefonia celular digital, cabos coaxiais e fibras óticas. A internet, com sua lógica de redes, conectou os mais variados tipos de atividades nos diversos contextos e locais tornando possível a formação de novos meios de inovação e descobertas (CASTELLS, 1999).

No cenário atual, a condição humana sofre a influência das tecnologias nas suas atividades e modos de vida. Esses acontecimentos criam expectativas e estimulam o pensamento a buscar um olhar cuidadoso em relação às dimensões temporais do passado, presente e futuro. Nesse sentido este trabalho busca, através de um olhar mais voltado para as questões culturais, ou seja, aquele que leva em consideração as múltiplas formas de agrupamento humano e suas características que mantém sua união e que os diferencia.

A vida cotidiana acumula uma série de fatos que foram ao longo do tempo sendo repetidos e acabam por moldar o modo de agir, criando rotinas de vida. Essa repetição do passado se mistura com novas temporalidades culturais e reinventam tradições, mas ao mesmo tempo abre possibilidade de novos pensamentos capazes de aproveitar o processo que já existe e utilizá-lo de maneira a revitalizar os laços comunitários.

E nesse sentido, a questão do trabalho se apresenta como elemento importante no processo histórico e prático da realidade vivida das classes sociais. No capitalismo contemporâneo uma gama variada de processos conduziu para uma constante expansão do trabalho assalariado principalmente no setor de serviços, diminuição da classe operária industrial tradicional, crescente inclusão do contingente feminino no mundo operário e expansão do trabalho temporário, parcial, precário e subcontratado.

As inovações tecnológicas e organizacionais permitiram a produção de mercadorias com maior qualidade, menos esforços e recursos. O processo de produção sofreu mudanças e trouxe para o trabalho uma ampliação no universo profissional que ficou cada vez mais diversificado. A transição desse processo ocorrido no trabalho mostra uma alteração da

agricultura para a indústria e posteriormente para serviços. Dessa maneira surgem questionamentos em relação às transformações decorrentes destes fatores na sociedade. Fatores como a diversidade das atividades incluídas no setor de serviços. As novas tecnologias que permitem conexão direta entre os diferentes tipos de atividades que são partes do mesmo processo de produção, administração e distribuição, mas, são separadas artificialmente por categorias estatísticas.

A conexão cultural do ponto de vista mais histórico leva a uma visão mais local, de comunidade centrada mais na coletividade que no indivíduo e estrutura-se de forma hierárquica. Por outro lado pode-se pensar a cultura numa dimensão mais temporal e vê-la como pontes simbólicas e afetivas de identidade cultural. A linguagem cultural e da comunidade pode ser o elo de equilíbrio entre as fissuras do presente e passado.

Nesse sentido a economia criativa é uma oportunidade para utilizar os saberes locais de forma colaborativa e com o auxílio das tecnologias de informação de modo a gerar comunidades que sejam capazes de liberar a sua inventividade e torná-la efetivas na geração de recursos que tragam benefícios sociais e econômicos.

Entende-se por economia criativa aquela que produz bens e serviços tangíveis e intangíveis com base simbólica e cultural, organizadas a partir do talento individual ou coletivo de determinada região (REIS 2008).

Dentro desta perspectiva, a economia criativa pode ser avaliada a partir de quatro dimensões inter-relacionadas que afetam a estrutura produtiva, a saber: capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva. O capital humano representa o conhecimento intelectual disponível para trabalhar conteúdos criativos e simbólicos. O ambiente urbano, caracterizado pelas especificidades de localização geográfica e investimentos em cultura, assim como os bens públicos disponíveis na região afetam a capacidade produtiva e a geração de riquezas, da mesma forma que a estrutura econômico-produtiva existente. O capital social é outro fator envolvido e está relacionado com a segurança e diferenças étnicas existentes.

A economia criativa justamente por conter em sua essência as questões culturais envolvidas na criação de produtos e serviços cria oportunidades de mesclar as necessidades regionais com as oportunidades de inovar e oferecer produtos e serviços criativos ao mercado relacionado com os setores criativos. Os saberes existentes em cada localidade tornam-se um potencial desafiador para a economia criativa criar as pontes necessárias para o surgimento de ideias que possam ser aproveitadas e transformadas em inovações que venham contribuir com o desenvolvimento da região.

O estado de Mato Grosso do Sul por sua origem histórica tem sua economia centrada na agropecuária. A expansão agropecuária derivada de diversos fatores, inclusive da difusão tecnológica, que tornou o setor um dos mais dinâmicos e competitivos do país, gerando impactos de ordem social, econômico e territoriais. As consequências revelam um caráter concentrador e excludente que promove a concentração da propriedade da terra criando um impacto no êxodo rural e originando uma periferia carente na maioria dos municípios. Os espaços formados com seus valores diferenciados culturalmente, por vezes deixados de lado pela sociedade capitalista. Entretanto, do ponto de vista da economia criativa, são locais que possuem uma efervescência cultural muito grande e que pode ser aproveitada para criar um ambiente para suprir as necessidades locais com práticas e costumes que façam sentido na dinâmica da localidade.

Assim sendo, este trabalho tem por objetivo construir um índice de potencial criativo para os municípios de Mato Grosso do Sul a partir de variáveis que contemplem as dimensões do capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva. Para tal será utilizado análise fatorial. A vantagem do uso da análise fatorial está em analisar a estrutura das inter-relações existentes entre um grande número de variáveis e resumir os dados em fatores comuns que representam a maior parte da variabilidade dos dados. Dessa forma, a análise fatorial pode auxiliar na seleção de um subconjunto que possa representar ou substituir as variáveis originais mantendo suas características.

A justificativa para a realização deste trabalho está na identificação das potencialidades que possam ser úteis ao desenvolvimento regional a partir da criatividade, cultura e simbologia. Apesar de existirem trabalhos medindo o potencial criativo das cidades brasileiras, não existem estudos que sejam específicos para o estado de Mato Grosso do Sul. Assim, o trabalho adquire um caráter inédito e pode contribuir para a discussão de políticas voltadas ao desenvolvimento estadual e a diversificação da estrutura econômico-produtiva, respeitando as potencialidades locais.

Além do cálculo do índice de potencial criativo, aplicou-se a análise de *cluster*, no intuito de identificar as similaridades do potencial criativo nos municípios do estado de Mato Grosso do Sul e agrupá-los conforme as características que consolidam o potencial criativo.

Em termos de estrutura, o trabalho compõe-se de seis capítulos, sendo o primeiro a introdução que apresenta a proposta da pesquisa levando em consideração as transformações ocorridas nos últimos anos. O segundo capítulo aborda questões referentes ao trabalho e as consequências sofridas mediante os avanços tecnológicos e reflexos nas relações sociais. No terceiro capítulo apresenta-se a economia criativa e sua relação com o desenvolvimento. O

método é apresentado no quarto capítulo. Os resultados são apresentados no quinto capítulo. E no sexto capítulo estão as considerações finais.

## **2. BREVES DISCUSSÕES SOBRE COTIDIANO, TECNOLOGIA E AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS**

As transformações ocorridas no final do século XX trouxeram um novo paradigma tecnológico que vem acompanhado de expectativas em relação aos seus efeitos. As consequências são sentidas nos vários aspectos da vida cotidiana principalmente no que se refere ao tema “trabalho”.

Entende-se que as relações de trabalho apontadas por Antunes (2006) possuem características de centralidade no mundo capitalista. O autor considera que a forma contemporânea do trabalho possui uma dinâmica complexa que se intensifica no desenrolar de seus ritmos e processos combinando-se socialmente. A sociedade do capital com sua “lei do valor” segundo Antunes (2006) vem diminuindo a necessidade do trabalho estável, uma vez que as novas configurações de trabalho parcial e terceirizado vêm se diversificando e sendo cada vez mais utilizado. O capital também apresenta seu lado de desperdício e exclusão que se verifica na massa de pessoas que excluídas do trabalho acabam por buscar formas de individualização e socialização dentro do universo fora do trabalho. Outra questão abordada por Antunes (2006) refere-se à tese da transformação da ciência como sendo a principal força produtiva. Antunes (2006) discorda dessa tese, pelo fato de que essa tese substitui o valor do trabalho pela ciência, desconsiderando a complexidade das relações entre a teoria do valor e do conhecimento científico. A ciência está presa na referência material estruturada pelo capital e, portanto, a tendência do capital é manter o que já está criado, limitando o caráter científico à produção e desta forma produz aspectos antissocial com objetivo de restringir a produção dentro dos limites do capital.

Conforme aponta Martins (2000) está se falando do homem simples que trabalha e encontra no seu cotidiano a existência de mecanismos de dominação e alienação que muitas vezes distorce a compreensão da História e do próprio destino. Na luta para viver a vida de todo dia depara-se com uma cultura arraigada que está marcada pela lógica da orientação do colonizado e do colonizador. O autor afirma que seu interesse sociológico está ligado aos movimentos relacionados às questões de esperança da humanidade na construção de um mundo melhor. Entretanto, há uma descrença na capacidade do homem de produzir seu próprio destino. Isso acontece devido às decepções que acompanham as várias fases e alterações da sociedade capitalista, onde as relações do capital, da força e coação do Estado produziram certas expectativas de vida que não se concretizaram para totalidade da sociedade.

A fim de compreender o processo histórico de formação da sociedade brasileira, essa seção apoia-se nos escritos de Prado Jr (1961) sobre o processo histórico de formação da sociedade brasileira que se prolonga até os dias de hoje. O esforço é empreendido no intuito de compreender a dinâmica de formação de Mato Grosso do Sul do ponto de vista histórico-geográfico para depois seguir a discussão do tema do “trabalho” que está inserido nas transformações ocorridas no final do século XX. Alinhada a essa discussão apresenta-se também as questões referentes às tecnologias de informação mencionadas por Castells (1999) em conjunto com as considerações feitas por Harvey (2008) e Arendt (2005) referentes às relações humanas. As questões no âmbito da cultura serão abordadas a partir das contribuições feitas por Bhabha (1998).

Esses temas são discutidos na busca dos possíveis horizontes que possam ser incorporados na compreensão de como a economia criativa pode se tornar uma via de desenvolvimento. Na visão de Deheinzelin (2012) é necessário se libertar da busca de futuros plausíveis e sair à procura de futuros desejáveis. É preciso sair à procura do improvável, mas que não seja impossível. Como é o exemplo dos empreendedores sócias da Ashoka<sup>1</sup> que tem mostrado uma nova possibilidade onde centenas de pessoas e instituições se juntam em comunidades de baixa renda para construção de creches e parques no período de dois dias com os recursos existentes na comunidade. A escolha harmoniosa e participativa do que se deseja para o futuro evita o risco do gasto de enormes quantidades de tempo, recurso e oportunidades formulando políticas que muitas vezes estão baseadas em prioridades que não fazem sentido.

A cultura e a criatividade são matérias-primas da economia criativa disponível para ser utilizada em modelos de negócios de forma a englobar não só a dimensão econômica, mas também a social, simbólica e ambiental de forma a englobar segmentos periféricos da população de maneira a gerar novos mercados. Afinal de contas, dentro de um contexto capitalista é necessário que o mercado englobe o máximo possível de pessoas para que estas de fato venham a adquirir sua cidadania através da conquista de seu papel enquanto consumidor (DEHEINZELIN, 2012).

---

<sup>1</sup> Ashoka Empreendedores Sociais. É uma organização internacional sem fins lucrativos, com foco em empreendedorismo social. Foi fundada na Índia por Bill Drayton em 1980. Atua no Brasil desde 1987 e investe em empreendedores sociais que são pessoas com ideias que geram mudança dentro da sociedade para diminuir as desigualdades sociais. Veja: <https://www.ashoka.org/en> e <https://brasil.ashoka.org/>

## 2.1 Evolução e tecnologia

Os acontecimentos importantes pelos quais passaram as nações e regiões, na década de 1970, a partir da invenção do microprocessador que proporcionou a operacionalização dos microcomputadores desencadeando a partir dessa data como Castells (1999) afirma, inicia-se a revolução da tecnologia da informação.

Assim, as tecnologias a disposição nos dias atuais surgidas a partir do ano de 1970 são frutos de um amadurecimento de acontecimentos anteriores. As chamadas tecnologias de informação tiveram suas descobertas concentradas, sobretudo nos Estados Unidos. A explicação dada por Castells (1999) está na maneira autônoma da descoberta e difusão tecnológica com efeitos sinérgicos. Como e o caso do microprocessador que viabilizou a criação do computador. Este por sua vez, aliado aos avanços das telecomunicações, possibilitou seu funcionamento em rede aumentando seu poder e flexibilidade.

Harvey (2008) também chama atenção para as transformações ocorridas no final do século XX na economia política do capitalismo. Aponta para uma grande quantidade de sinais e marcas de modificações significativas no processo de trabalho, hábitos de consumo, nas configurações geográficas e geopolíticas, nos poderes e práticas do Estado entre outras. Lembra também que a sociedade ocidental tem sua base de vida econômica organizada na produção em função de lucros. E, portanto, os acontecimentos da década de 1970, continuaram a ser operacionalizados com as regras básicas do capitalismo que influencia o desenvolvimento histórico-geográfico.

Conforme Harvey (2008) observa, a partir de 1945 o *fordismo*<sup>2</sup> chegou à maturidade como regime de acumulação e transformou-se na base do período de expansão no pós-guerra até 1973. Nesse período os países capitalistas alcançaram crescimentos econômicos relativamente estáveis, os padrões de vida aumentaram, as crises foram contidas e a democracia preservada. Mas para que isso acontecesse, houve uma série de compromissos e reposicionamento dos principais atores do processo de desenvolvimento capitalista. Portanto,

---

<sup>2</sup> Fordismo é o conjunto de métodos de racionalização da produção elaborado pelo industrial norte-americano Henry Ford, baseado no princípio de que uma empresa deve dedicar-se apenas a produzir um tipo de produto. Para isso, a empresa deveria adotar a verticalização, chegando a dominar não apenas as fontes das matérias-primas, mas até os transportes de seus produtos. Para reduzir os custos, a produção deveria ser em massa, e dotada de tecnologia capaz de desenvolver ao máximo a produtividade de cada trabalhador. O trabalho deveria ser também altamente especializado, cada operário realizando apenas um tipo de tarefa. E para garantir elevada produtividade, os trabalhadores deveriam ser bem remunerados e as jornadas de trabalho não deveriam ser muito longas. (SANDRONI, 1999)

o Estado assumiu seu papel na construção de novos poderes institucionais, o caminho da lucratividade segura foi trilhado com ajustes em certos aspectos e o trabalho por sua vez, também contribuiu assumindo novos papéis e funções em seus processos de produção e desempenho nos mercados de trabalho (HARVEY, 2008).

Os movimentos radicais de operários que ressurgiram no período pós-guerra, sofreram várias derrotas que se constituíram, em um exemplo de fatos que favoreceram a política de controle e compromisso do trabalho com o *fordismo*. Um dos problemas surgidos que nunca foi completamente superado é a questão do sistema de rotina de trabalho, sem expressão e degradado. As organizações sindicais foram sendo burocratizadas e acuadas através do poder estatal, tendo que trocar ganhos reais de salários pela cooperação dos trabalhadores na disciplina de produção fordista (HARVEY, 2008).

O capital caracterizado em uma posição central e significativa do capitalismo norte-americano desde 1900 possibilitou a redução da competição intercapitalista. Assim, dentro dessa economia poderosa surgem práticas de planejamento e preços monopolistas<sup>3</sup> e oligopolistas<sup>4</sup> (HARVEY, 2008).

As sociedades capitalistas de hoje, ainda são dominadas pelo tempo no sentido cronológico da repetição da rotina diária em determinado espaço. Mas esse tempo está sofrendo alterações na sociedade em rede<sup>5</sup>, passando a ser comprimido em quase todo o domínio da atividade humana como as ligadas ao sistema financeiro, tempo de serviço, ciclo de vida, morte, práticas de guerra e mídia. A essas alterações percebidas nas relações de tempo/espaço, Castells (1999) denominou de “tempo intemporal” e afirma ser uma forma dominante do tempo social que está inserido dentro da sociedade em rede e que não anula a existência dos lugares.

As tecnologias propiciam a comunicação através do computador em tempo real. Dessa forma o tempo pode ser superado de maneira fácil derrubando barreiras temporais de modo que as partes envolvidas na comunicação possam se expressar em segundos ou minutos. Entretanto, traz como consequência a intemporalidade do hipertexto de multimídia que acaba por caracterizar e modelar as mentes e memórias das crianças numa educação com novas conotações culturais. Comparada com as enciclopédias que organizam o conhecimento

---

3 Monopólio é a forma de organização de mercado, nas economias capitalistas, em que uma empresa domina a oferta de determinado produto ou serviço que não tem substituto. (SANDRONI, 1999)

4 Oligopólio é tipo de estrutura de mercado nas economias capitalistas, em que poucas empresas detêm o controle da maior parcela do mercado. O oligopólio é uma tendência que reflete a concentração da propriedade em poucas empresas de grande porte, pela fusão entre elas. (SANDRONI, 1999)

<sup>5</sup> Sociedade em rede: é o termo indicado para definir as interações sociais no mundo ocidental e nos países desenvolvidos desde o aparecimento da internet. Segundo Castells (1999) caracteriza-se pela sociabilidade assentada na dimensão virtual impulsionada pelas novas tecnologias que transcende o tempo e o espaço.

humano em ordem alfabética, a mídia eletrônica fornece as informações e expressões de acordo com o impulso do consumidor ou do produtor. E assim, fica condicionada ao contexto social de sua utilização em sequências temporais (CASTELLS, 1999).

A questão da organização do conhecimento com as novas tecnologias traz à tona a perspectiva cultural. Bhabha (1998) trata essas questões ligadas à cultura, do ponto de vista das diferenças culturais, pois acha que assim tem uma maior representação do que é feito para promover a legitimação de determinadas culturas sobre outras. Propõe uma nova forma de pensar a nação, de maneira que sejam priorizadas as relações, os conflitos sociais, as minorias e os grupos excluídos.

Em suas considerações Bhabha (1998) discute o nacionalismo com certa oposição à certeza histórica sobre a nação ocidental. Através da análise da localidade da cultura pensando em torno da temporalidade, do simbólico, da mitologia, do coletivo, de forma mais psíquica, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais. Busca uma proposta de construção cultural de nacionalidade de maneira a agregar o social e textual de forma que não venha negar as categorias históricas e os significados dentro das diferentes linguagens políticas. Mas que as estratégias complexas de identificação cultural e interpolação discursiva em favor da nação ou povo venham a torná-los sujeitos que não se separam do objeto de narrativas sociais e literárias. A análise da diferença cultural serve para transformar o cenário das articulações e não simplesmente expor a lógica da discriminação política. O objetivo é rearticular a soma do conhecimento de maneira que se possa partir da importância da minoria que resiste a uma totalização.

Como afirma Prado Jr (1961) todo povo possui em sua evolução um determinado “sentido” que é percebido de forma conjunta através dos fatos e acontecimentos ocorridos ao longo do tempo. A ocupação e povoamento do território que se transformaria no Brasil é um episódio que deriva da atividade colonizadora característica da história dos países europeus a partir do século XV.

O povoamento de um vasto território semideserto e a organização da vida humana se deram por vários fatores. Primeiro para a efetiva ocupação do território e sua defesa simultânea em vários pontos. Em seguida, com os bandeirantes na busca de índios, metais e pedras preciosas. As missões católicas também contribuíram na busca de catequizar os nativos. A política da metrópole foi outro fator de povoamento através da promoção e exploração dos produtos naturais da floresta.

Em termos econômicos o “sentido” já mencionado anteriormente por Prado Jr (1961) é de formação de uma colônia cuja finalidade estava no fornecimento ao comércio europeu, de

gêneros tropicais e minerais de grande importância como o açúcar, algodão e ouro. Assim a economia subordinou-se a esse fim e organizou-se para produzir e exportar esses produtos.

A vida social da colônia se formou da aglomeração heterogênea das raças que foram unidas pela colonização com o propósito de constituir-se numa vasta empresa comercial para suprir as necessidades da Europa. Foram três as raças e culturas de formação da sociedade colonial. Das quais, duas delas, consideradas semibárbaras em seu estado nativo que foram incorporadas de forma violenta pela colonização sem o devido cuidado na preparação ou educação que lhes permitissem amenizar o convívio dentro de uma sociedade tão estranha que as suas de origem. E assim, as primeiras expectativas de contatos iniciais se basearam em ausência de nexos morais onde as unidades e grupos apenas coexistiam e se tocavam mantendo uma integridade social apenas por primários vínculos humanos da interação entre as relações servis de trabalho e produção entre escravos e o senhor (PRADO JR, 1961).

Dessa forma a sociedade colonial se define pela inércia da estrutura colonial baseada num frágil conjunto de integridades ligados por laços materiais primários, econômicos e sexuais, num plano inferior resultado da aproximação e do contato elementar entre os indivíduos, raças e grupos. Os acontecimentos posteriores não foram muito diferentes até a Independência. E a partir daí, construiu-se um Estado que reproduzia a monarquia portuguesa vinda do exterior e que manteria o mesmo tipo de pressão que já existia (PRADO JR, 1961).

Nesse contexto, a capitania de Mato Grosso era o segundo grande núcleo de povoamento originário da mineração. Iniciou-se com a descoberta do ouro no ano de 1718 em Cuiabá, porém as jazidas eram escassas se comparadas com as de Minas Gerais. Dessa forma o fluxo de pessoas foi muito menor e a decadência mais rápida e acentuada. Entretanto, desde 1746 a capital da capitania manteve sua posição de importância devido a sua localização estratégica nas margens do rio Guaporé e fronteira com os domínios castelhanos. Além da capital, existia Vila Bela e os fortes, Príncipe da Beira, Coimbra, Miranda e Albuquerque com guarnições para a proteção das fronteiras da colônia (PRADO JR, 1961).

A partir de 1872 com o Tratado de Paz e Amizade Perpétua, assinado entre Brasil e Paraguai consolida a presença dos descendentes de portugueses em território sul-matogrossense. Na República Velha, os fazendeiros reivindicavam o título de suas terras uma vez que a Companhia Mate Laranjeira<sup>6</sup> mantinha o monopólio da exploração da erva mate e tinha privilégios que impediam os fazendeiros de se instalarem na região dos ervais. A construção

---

6 Companhia Mate Laranjeira. Era uma grande empresa ervateira que no período entre o final da guerra do Paraguai (1870) e a década de 1960 manteve vultosas concessões públicas para a exploração do mate nativo tornando-se historicamente conhecida (QUEIROZ, 2015).

da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em meados do século XIX, propiciou a fundação de várias cidades e o desenvolvimento de outras que já existiam. Devido as suas fronteiras com a região sudeste e com outros países o escoamento da produção ficou facilitada e a região sul de Mato Grosso começou a destacar-se ocasionando conflitos entre as oligarquias<sup>7</sup> que defendiam seus interesses econômicos e políticos, marcando assim o movimento que desencadeou a emancipação político-administrativa do Estado de Mato Grosso do Sul (PRADO JR, 1961).

A atividade agropecuária se destacou devido às condições do clima e potencial hídrico. Nas áreas mais férteis prevaleceu à agricultura e nas áreas menos fértil a pecuária. A proximidade de São Paulo e Paraná facilitou a integração de um corredor de exportação que potencializou ainda mais as atividades agropecuárias incentivadas, nas décadas de 1970 e 1980, por programas do governo federal que intensificou os investimentos com objetivo de promover o desenvolvimento das regiões menos favorecidas (SEMADE, 2015).

Conforme aponta Pavão (2005) a pecuária assume papel principal como atividade econômica de Mato Grosso no período compreendido entre 1930 e 1977 e seu desenvolvimento ocorre em grandes propriedades através da produção extensiva onde poucos trabalhadores tomam conta de imensas boiadas. As atividades de erva-mate, borracha e o açúcar também representavam bons resultados econômicos para a região. Com o crescimento do conjunto de cidades existentes na região Sul de Mato Grosso, como Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas, Ponta Porã e Aquidauana, principalmente pelo fato de manter vínculo com a economia paulista, permitiu o desenvolvimento comercial e da agropecuária da região. Dessa forma houve pressão por parte da região Sul para o desmembramento de Mato Grosso.

Araújo (2016) lembra que a criação do estado de Mato Grosso do Sul aconteceu no final do período da ditadura militar. Assim, os primeiros passos em relação à participação da população de forma mais ativa na política nacional permitiu que os sindicatos se estruturassem. Até então, os trabalhadores da região não possuíam ou tinham pouca assessoria jurídica e sindical. Foi criada a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Mato Grosso do Sul (Fetagri/MS), a Federação dos Professores de Mato Grosso do Sul (Feprosul) e o Sindicato dos Trabalhadores em Bares e Restaurantes de Campo Grande.

---

<sup>7</sup> Oligarquia. Regime político ou forma de dominação de qualquer tipo, no qual o poder está nas mãos de um grupo pequeno de pessoas ou que dele se apossaram, sendo exercido apenas por elementos desse grupo. (SANDRONI, 1999)

As relações de trabalho conforme aponta Pavão (2005) foi acompanhado da evolução da economia baseada na produção pecuária e a dinâmica orientada pela demanda de carne nas regiões metropolitanas, em especial, do Sudeste. Por sua vez a característica da agricultura apresentava-se como incapaz para atender a demanda interna. E acompanhando as transformações ocorridas na sociedade brasileira onde o processo de urbanização passa de rural para urbano, também alterou o modo de vida socioeconômica da região.

Esses acontecimentos, ou seja, os processos de urbanização trazem questionamentos feitos por Arendt (2005) a respeito dos princípios orientadores da atividade humana no que se refere a uma vida ativa de trabalho e afirmações de liberdade humana e dignidade política. Lembrando que o lar do homem é construído na terra com a transformação do material da natureza terrena colocada à sua disposição para ser usada. Então, se a natureza e a terra de maneira geral constituem a vida humana, pode-se dizer que a vida humana se sente a vontade na terra à medida que possa usar e construir uma sociedade que seja adequada à manutenção de suas necessidades.

Martins (2000) também descreve sobre as relações entre o homem e a natureza. E aponta que para atender suas necessidades o homem modifica a natureza e sua própria condição de vida. As modificações acontecem em tempos distintos e circunstâncias históricas específicas. Assim, a evolução do processo de formação histórico-econômico da região é marcada por sobressaltos que são evidenciados na realidade vivida pela imensa maioria da população, o que coaduna com as considerações apontadas por Martins (2000) sobre a rotina de vida constituída. Os reflexos do período colonial, um passado longínquo, mas que nos cerca de todos os lados, no qual Prado Jr (1961) sintetiza como sendo um panorama de incoerência e instabilidade na maneira como o Brasil foi povoado. A economia pobre e miserável foi combinada com uma dissolução dos costumes e incapacidade dos dirigentes e eclesiásticos do período colonial.

Mato Grosso do Sul reflete em sua dinâmica social, política, econômica e cultural as consequências de seu passado histórico. As oligarquias rurais conforme Oliveira (2007) apresenta formaram-se desde a época colonial ocupando as terras, produzindo relações autoritárias que contribuíram para formular um projeto político que não proporcionou condições para que outros setores sociais pudessem participar diretamente, ocasionando assim, uma exclusão social. As elites atuaram no sentido de solidificar a propriedade privada das terras dentro da lógica do desenvolvimento capitalista que apresenta uma duplicidade contraditória. De um lado a modernidade e de outro o atraso.

Os programas dos governos militares através do Plano Nacional de Desenvolvimento (I e II PND) tinham por objetivo a integração da economia nacional. O I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) que esteve em vigor de 1972 a 1974 tinha por objetivo a criação de infraestrutura ao desenvolvimento agropecuário do Centro-Oeste. Assim a criação de rodovias Federais e a pavimentação da BR-163 e BR-267 possibilitou ao setor agropecuário do Estado a expansão das atividades produtivas. Os programas do governo federal proporcionaram na década de 70 a região sul de Mato Grosso tivesse uma rápida e forte expansão na produção de soja e trigo e também significativa transformação na pecuária que passa de extensiva para intensiva. O I PND do Governo Federal apresentou resultados positivos e como consequência o II PND (1975-1979) é implantado com programas que continuaram favorecendo o Mato Grosso do Sul através do capital produtivo que vem para a região acompanhando o processo de desconcentração da produção industrial brasileira. E a partir de 1977 com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul os investimentos na agroindústria se intensificam principalmente de empresas paulistas do setor frigorífico e esmagadoras de soja ligadas ao mercado internacional e também à região Sul do Brasil (PAVÃO, 2005).

Conforme Silva (1980) a modernização da agricultura foi impulsionada através dos incentivos do governo desde o pós-guerra e transformou a atividade agropecuária através da produção capitalista com maior uso de adubos, inseticidas, máquinas, utilização de trabalho assalariado, cultivo intensivo da terra, ou seja, a produção ficou mais intensiva através do controle do capital. E as consequências são típicas do sistema capitalista: de um lado o acúmulo de riqueza e de outro a miséria. Isso por causa do objetivo das transformações capitalistas na agricultura, assim como em qualquer ramo da economia, trata-se do aumento da produtividade do trabalho. De maneira que as pessoas possam produzir mais durante o tempo destinado ao trabalho. E dessa forma, o trabalhador produz mais e o lucro fica com patrão.

Outra consequência trazida pela modernização da agricultura refere-se à aceleração do processo de urbanização. Conforme Silva (1980) quando se analisa a evolução da força de trabalho ocupada no Brasil, verifica-se uma rápida redução da participação das famílias ocupadas no setor agrícola. Cita como exemplo, as atividades não agrícolas no período de 1960 para 1970 teve um aumento em valores absolutos de 6,7 milhões de famílias ocupadas para 11,2 milhões. Com isso a população ativa vai se tornando cada vez mais urbanizada proporcionando a ampliação do mercado interno para a indústria. As atividades agrícolas também sofrem influencia nesse processo de urbanização da população, pois as fazendas não

são mais autossuficientes na produção de alimento devido à dedicação exclusiva para a comercialização de produtos de exportação.

E nesse contexto de transformações históricas, que o território de Mato Grosso do Sul apresenta seu processo de ocupação no mesmo ritmo dos ciclos econômicos do Brasil. O estado de Mato Grosso do Sul caracteriza-se pela grande propriedade territorial, com forte vocação agrícola destacando-se pela elevada produção e produtividade principalmente nas culturas de soja e milho. A pecuária representa a atividade mais tradicional, constituída principalmente pela criação de bovinos, aves, suínos, equinos, ovinos, caprinos e bubalinos.

A incorporação da tecnologia em Mato Grosso do Sul segundo a SEMADE (2015) inseriu no período de 1980 a 2012 avanços principalmente no setor agropecuário e agroindustrial através da modernização e incorporação tecnológica na pecuária e no aumento expressivo da produção de grãos. A produtividade e expansão de novas áreas forma impulsionadas e assim, o setor primário potencializou o Estado para tornar-se grande produtor de matéria-prima. A expansão da agricultura comercial, dificuldades de sobrevivência dos pequenos produtores rurais, bem como o incentivo para a industrialização e investimentos em infraestrutura contribuiu para as migrações em busca de melhores condições de vida para as áreas urbanas intensificando desta maneira a urbanização.

A questão referente ao trabalho apresenta uma característica decisiva apontada por Albornoz (2006) como sendo a sua submissão ao capital. É um ponto chave, pois a força de trabalho passa a ser uma mercadoria de interesse do capital e, portanto submetido aos interesses dos capitalistas e dos proprietários. Dessa forma os conflitos existiram e o desafio está na busca do equilíbrio entre o capital e o trabalho.

Neste contexto a economia criativa emerge como um segmento capaz de contribuir para se pensar em mudanças e discutir procedimentos, códigos técnicos e políticas públicas que venham melhorar as condições de vida da população de Mato Grosso do Sul. Levando em consideração o que Foucault (1979) menciona sobre a importância do reconhecimento do poder das ideologias e governos centrais, assim como, identificar o grande poder local e territorial que existe e que são manifestadas nas pequenas relações sociais do cotidiano. Exemplo disto, já foi mencionado anteriormente, o caso dos empreendedores sociais que mobilizam os membros de comunidade. Desta maneira, também pode ser idealizado o que Falcón (2013) menciona a respeito de formação de Arranjos Produtivos Locais (APLs) inovadores e sustentáveis que incluam a cultura local na equação econômica através dos setores que compõem a economia criativa.

### 3. ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO

O avanço da tecnologia traz novas formas de comunicação principalmente com o uso da internet e da computação móvel possibilitando o compartilhamento de conteúdos nas várias áreas de atuação do ser humano. Tanto no cenário de trabalho quanto no campo das diversões. Para a economia apresenta novos modelos de negócios e novas formas de competição em busca de mercados que surgem em decorrência da utilização das novas tecnologias.

A economia criativa surge como um elo entre as dimensões econômica, social e cultural e com certa preocupação com a formulação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento local e econômico (REIS, 2008).

Como cita Reis (2008) no aspecto econômico a criatividade é um insumo renovável, que aumenta seu estoque com o uso. A concorrência entre os agentes criativos estimula a atuação de novos produtores, em vez de saturar os mercados. Assim, a economia criativa é um vetor de geração de riqueza que valoriza a “identidade” do agente. Nos termos da autora:

“Essas e outras características fazem da economia criativa uma oportunidade de resgatar o cidadão (inserindo-o socialmente) e o consumidor (incluindo-o economicamente), através de um ativo que emana de sua própria formação, cultura e raízes. Esse quadro de coexistência entre o universo simbólico e o mundo concreto é o que transmuta a criatividade em catalisador de valor econômico” (REIS, 2008, p.15).

Dado que a economia criativa produz bens e serviços tangíveis e intangíveis com base simbólica e cultural, organizada a partir do talento individual ou coletivo de determinada região, as ações nesse sentido acabam por fomentar o desenvolvimento no seu sentido amplo, não apenas econômico.

O panorama de novas práticas e teorias da economia criativa abre novas perspectivas para o aspecto cultural não apenas como uma dimensão específica da vida social, mas como uma possibilidade de viver de forma mais intensa as potencialidades que cada cidade possui e que vão além da dimensão produtiva.

O termo economia criativa surgiu inicialmente na Austrália conforme aponta Miguez (2006) e Reis (2008), o Governo australiano em 1994 desenvolveu o conceito de *Creative Nation* para estabelecer como base de uma política cultural visando o desenvolvimento cultural do país. A partir de então o conceito se espalhou para o Reino Unido onde em 1997

passou a ser identificado como “indústrias criativas” entendida como um setor particular da economia que necessita de políticas públicas específica para seu crescimento.

No Brasil, as primeiras discussões sobre a economia criativa iniciaram-se em 2004, durante o encontro quadrienal da UNCTAD<sup>8</sup>, realizado em São Paulo, a partir deste momento foram realizados outros eventos para tratar do assunto. Em 2005, o Fórum Internacional de Indústrias Criativas realizado em Salvador. Em 2006, o Fórum Cultural Mundial realizado no Rio de Janeiro. Em 2007 surgem ações estaduais no Ceará através de iniciativas particulares. Em São Paulo através das secretarias de Cultura e Desenvolvimento, no Espírito Santo com parceria entre a Secretaria de Cultura e o SEBRAE. Entretanto, Reis (2008) aponta que apesar do interesse despertado nos setores públicos, privado e sociedade civil, as ações concretas originadas dos debates não se fizeram presentes no cenário nacional. Além disso, são raras as pesquisas e estatísticas sobre economia criativa e cultura, necessária para se conhecer a realidade do setor.

De modo geral, Marinho (2013) sintetiza que a trajetória conceitual da economia criativa deriva de três conceitos: (1) indústrias criativas; (2) economia da cultura; e, (3) “culturalização” da economia, isto é, quando a cultura agrega valor a outro setor econômico.

O conceito de economia criativa e indústria criativa são novos e ambos abordam a dinâmica da criatividade em sua produção, engloba também aspectos que envolvem a propriedade intelectual e a transmissão de significados simbólicos. É um amplo campo promissor, capaz de contribuir para a transformação de valores sociais, culturais e econômicos.

De acordo com Reis (2008, p. 24) a “economia criativa compreende setores e processos que têm como insumo a criatividade, em especial a cultura, para gerar localmente e distribuir globalmente bens e serviços com valor simbólico e econômico”.

As indústrias criativas foram conceituadas por Hartley (2008) como sendo a convergência de conceito e prática das artes criativas com as indústrias culturais dentro do contexto das novas tecnologias e economia do conhecimento visando atingir consumidores interativos. Para Howkins (2005) o termo “indústria criativa” refere-se ao trabalho intelectual como fator principal onde o resultado alcançado torna-se propriedade intelectual. Por sua vez, Jeffcutt (2000) afirma que a indústria criativa se forma da convergência entre a indústria de

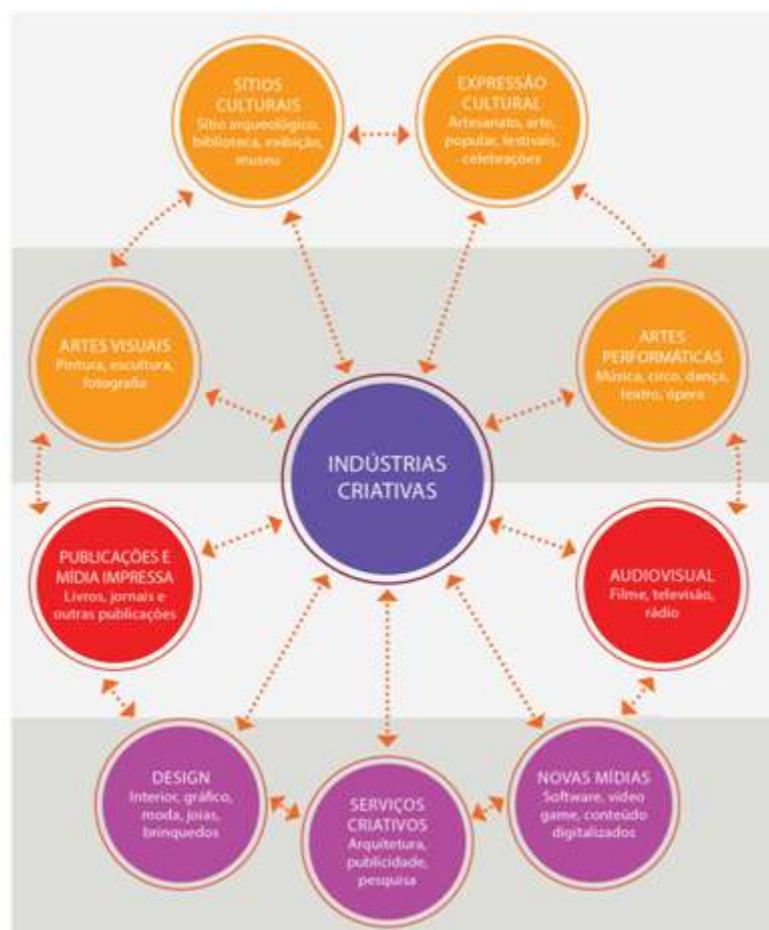
---

<sup>8</sup> UNCTAD. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. Fundada em 1964 a UNCTAD promove a integração favorável ao desenvolvimento dos países em desenvolvimento na economia mundial. (<http://unctad.org/en/Pages/aboutus.aspx>)

mídia, informação, setor cultural e das artes tendo como base a criatividade para a produção e consumo cultural.

A UNCTAD (2008) conceitua as indústrias criativas como sendo aquelas que utilizam a criatividade e capital intelectual com insumos primários para realização de atividades baseadas em conhecimento, artes entre outros para a criação de produtos e serviços que gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual. E, destaca que o conceito de economia criativa está em evolução onde os ativos criativos possuem potencial para gerar crescimento e desenvolvimento. A Figura 01 apresenta os setores que participam da Economia Criativa, de acordo com a UNCTAD.

Figura 01: Classificação da Economia Criativa



Fonte: Marinho (2013)

A organização dos setores produtivos segue uma lógica funcional, dividido em grupos, em que cada grupo reserva características distintas para a geração de bens e serviços inovadores. Observa-se (Figura 01) quatro grupos, a saber: 1) Núcleo do patrimônio material e imaterial que engloba as expressões culturais tradicionais (artesanato, festas populares, celebrações, cultura popular), os equipamentos culturais (sítios históricos) e os espaços culturais (museus, livrarias, teatros, exposições); 2) Núcleo das artes: artes performáticas (música, dança, teatro, ópera, circo) e das Artes visuais (pintura, escultura, fotografia, antiguidades); 3) Núcleo de Mídia: editoras e mídia impressa (livros, imprensa e outras publicações) e audiovisual (cinema, TV, vídeo, rádio); e, 4) Núcleo da Criatividade Aplicada: design (de interiores, gráfico, moda, joias, brinquedos, móveis e objetos), serviços criativos (arquitetura, publicidade, pesquisa e desenvolvimento criativos e recreação) e as novas mídias (software, vídeo game, conteúdos digitais) (DEHEINZELIN, 2008).

Para Machado (2009) a economia criativa, no Brasil, indica uma nova denominação que surge no discurso dos profissionais ligados com a área cultural. Reis (2008) aponta a economia criativa como sendo um amplo espectro onde a economia esta ligada às artes, às novas mídias e tecnologia seguindo as especificidades, talentos e vantagens competitivas que existe em cada região. Também distingue a economia criativa das indústrias criativas, pois considerar que a economia criativa abrange as indústrias criativas e os impactos gerados em outros setores pelos bens e serviços das indústrias criativas.

Para efeitos deste trabalho será adotado o conceito de economia criativa apresentado no Plano da Secretaria de Economia Criativa (2011-2014), que afirma “... é, portanto, a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011, p. 24).

Dado esse entendimento, procura-se evidenciar o potencial existente na economia criativa como uma alternativa para o desenvolvimento. De acordo com Furtado (1978) desenvolvimento é um processo de mudança social que adquire certa nitidez quando está relacionada com a ideia de criatividade. Depende da capacidade dos membros da sociedade em solucionar problemas e tomar decisões frente às incertezas que surgem e forçam a buscar meios de defesa e adaptação em suas estruturas tradicionais. O intercâmbio entre os grupamentos humanos ou acesso a novos recursos naturais abre opções não apenas para manter a estrutura que existe, mas ampliar horizontes de opções para concretizar as potencialidades humanas. Por todas as partes os grupamentos humanos buscam a melhoria de

vida através do acesso a novos excedentes e impulsos criadores de novos valores culturais que possam gerar processos que libertem a energia humana.

De acordo com Schumpeter (1982) o processo de desenvolvimento vai além do mero crescimento econômico que se caracteriza pelo aumento da população e da riqueza. E prescreve a “destruição criativa” como sendo a substituição de produtos antigos e hábitos dos consumidores por novos. Onde o produtor é que inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados, se necessário, a desejar as coisas novas ou que se diferenciem daquelas que lhes são habituais.

Conforme Sen (2010) o desenvolvimento é a promoção da liberdade humana e requer a remoção das principais fontes de privação da liberdade que são a pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos.

Santos (2012) apresenta o desenvolvimento como um fenômeno complexo que ainda não possui uma definição que seja esclarecedora e conclusiva sobre seu significado. Para o autor o desenvolvimento nunca será definido de forma a agradar a todos, devido ao construto social possuir conteúdo ideológico e político cujos valores e crenças possuem sua relatividade no tempo e lugar. Entretanto, demonstra que o desenvolvimento possui a sua importância social de promover o bem estar social da humanidade.

Segundo Santos (2012) menciona para não ser esquecido. Trata-se da finalidade maior que é o homem. Neste sentido, para além do desenvolvimento do espaço é preciso resgatar o desenvolvimento humano. O desenvolvimento do homem passa pela construção de condições que lhe dê possibilidade de evolução de suas potencialidades bio-psíquico-sociais. E para que isso aconteça é necessário ampliar o campo de construção para além, de apenas um campo do saber, visão política ou a uma dimensão da vida humana. Assim a contribuição da economia criativa está na utilização de ideias criativas para produzir dentro da comunidade, produtos e serviços personalizados que de forma colaborativa venha a impactar nas diversas cadeias produtivas.

À luz da discussão sobre a “destruição criativa”, nos termos de Schumpeter (1982), a economia criativa pode ser pensada de maneira a educar não só os consumidores, mas também os produtores a utilizar todos os recursos a sua disposição dentro dos setores da economia criativa para a criação de uma nova dinâmica econômica na região.

Freire (1967) faz uma observação interessante a respeito educação ter sua importância para que o homem reconheça a si próprio no transcurso da discussão criadora de cultura, de modo que seja possível se expressar de maneira particular, suas próprias expectativas de vida.

E dessa maneira possa assumir uma postura de autorreflexão e reflexão sobre seu tempo e espaço, de forma a adquirir consciência que resulte na sua inserção como autor e ator de sua própria história e não como mero espectador ou figurante dela. De qualquer ponto de vista que se olhe a educação, ela vai contribuir para que a economia criativa apresente uma mentalidade de parceria e não de competitividade trazida pelo capitalismo.

Para verificar a situação do capital humano é importante levar em consideração o que Arendt (2005) menciona a respeito das principais atividades humanas (trabalho, obra e ação) sendo que a ação ocupa a principal posição devido a estar ligada a esfera política da vida. Nesse sentido, a ideia de mudança deve ser incentivada no local onde as pessoas vivem. A economia criativa necessita de pessoas criativas. E para as pessoas serem criativas necessitam de conhecimento. Portanto, necessita de local para trocas de experiências e interação de maneira a despertar o interesse para atuarem dentro dos setores da economia criativa.

A cultura pode ser um fator capaz de aproximar e criar espaços de convivência a partir da programação de eventos que envolvam a comunidade. A formação de um arranjo educativo que reúna a academia, empresas e entidades seria um primeiro passo para construção de parcerias com a comunidade local. (DIMENSTEIN, 2008)

As possibilidades de ações são amplas e dependem da realidade e necessidade de cada local. O desafio está em criar uma base produtiva que junte o conhecimento que existe na localidade e acrescente a criatividade para dinamizar a produção local.

Conforme aponta Catela (2013) o potencial criativo está imerso em várias dimensões relacionadas às pessoas, localização, presença de indústria em setores criativos, desenvolvimento tecnológico e inovativo, diferenças culturais e tolerância e a dinâmica da estrutura produtiva bem como o mercado presentes dentro de cada cidade.

As diversas dimensões referentes ao potencial criativo que se localiza nas cidades se tornam um sistema que interage com as pessoas, organizações, infraestrutura, instituições do setor público e privado e recebe a influência de vários aspectos culturais. Dessa forma, a UNCTAD (2010) apresenta como recurso crucial para o potencial criativo, as pessoas e sua inteligência, desejos, motivações, imaginação e criatividade.

Assim, o nível de qualificação tem sua importância na contribuição do desenvolvimento individual e sua inserção na economia criativa. Como Siqueira (2016) menciona, a educação tem influência sobre a criatividade no sentido de ser necessário desenvolver habilidades de raciocinar e questionar e não apenas focar o aprender através de memorização e respostas prontas. Esse pensamento segue o que Freire (1967) menciona sobre alcançar a liberdade através da educação baseada em uma pedagogia com princípios

humanistas que apresentem condições para que as pessoas tenham consciência de sua realidade e consigam desenvolver suas potencialidades.

As considerações de Brandão (1981) sobre a educação alerta sobre o contexto da socialização dentro da esfera de necessidades e projetos que a sociedade realiza e onde seus membros precisam ser reconhecidos para existirem dentro dela. Assim, a formação do adulto, dentro do contexto social coletivo, passa por um processo no qual a pessoa adquire um conjunto de saberes, crenças e hábitos de uma cultura que influenciam na situação pedagógica total. O autor chama esse processo de “endoculturação”, ou seja, o aprendizado, ainda que mais ou menos consciente, através do envolvimento das capacidades do corpo, mente e afetividade na interação das diversas situações do processo pessoal que atua nas trocas entre os demais componentes da sociedade. Portanto, a educação é uma das partes dessa experiência “endoculturativa” que se apresenta naturalmente nas relações entre as pessoas e nas intenções do aprender-ensinar.

De qualquer forma que se veja a educação, Durkheim (2011) apresenta como um processo de socialização. Os novos paradigmas produtivos e tecnológicos conforme aponta Sobral (2000) exigem uma formação de recursos humanos principalmente de jovens que estejam preparados e qualificados para atender as exigências do mercado. Com isso aumenta a necessidade de melhorias no ensino fundamental bem como a viabilização para o maior número da população.

No Relatório de Economia Criativa 2010 (2012), a classe criativa, refere-se ao grupo de profissionais, cientistas e artistas que geram dinamismo econômico, social e cultural principalmente nas áreas urbanas. Através da criatividade que envolve a capacidade de sintetizar dados, percepções e materiais são criadas coisas novas e úteis. A Classe criativa inclui a ciência, engenharia, arquitetura, design, educação, artes, música e entretenimento e sua função econômica é a criação de novas ideias, novas tecnologias e conteúdos criativos.

Neste contexto, entende-se que as variáveis que buscam mensurar a educação e o nível de formação do capital humano, são importantes para identificar o potencial criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul.

As variáveis relacionadas ao ambiente urbano também apresentam sua parcela de contribuição como o caso da variável telefone. Tanto o telefone fixo quanto o telefone móvel (celular) que segundo Pereira (2002) é um instrumento para saciar a busca do ser humano pela interação e adaptação de novas culturas que à medida que o tempo avança novos hábitos são criados, assim como as posturas e comportamentos que vão transformando a sociedade.

O ambiente urbano, alternativa na economia criativa, deste modo a localidade constitui-se outra variável com seu potencial de contribuição para o potencial criativo, pois conforme as observações de Reis e Kageyama (2011) dentro da cidade que vai florescer a criatividade conforme uma serie de fatores, inclusive a sua localização recebera influencia na sua economia, troca de ideias e informações, concentração de capital, proximidade de empregos, oportunidades de trabalho entre outras.

Alinhado a essa discussão, emerge uma especificidade de Mato Grosso do Sul, no qual há uma extensa faixa de fronteira, com Paraguai e Bolívia. A região da Faixa de Fronteira caracterizada geograficamente por compreender uma faixa de até 150 km de largura conforme prevista na Constituição Federal de 1988, artigo 20 parágrafo 2º, o que representa 44 municípios do estado.

Os desafios apresentados no Programa de Promoção do Desenvolvimento da faixa de fronteira (PDFF) mencionam a necessidade de mudar a mentalidade no que se refere à imagem que se tem das fronteiras. E preciso mudar a agenda negativa do entendimento da fronteira, como uma região que concentra e propicia práticas de diversos delitos, principalmente o narcotráfico, a prostituição, a violência e abusos diversos aos direitos humanos. Para isso, se faz necessário catalisar processos de desenvolvimento e integração regional levando em consideração as vantagens regionais de maneira a fortalecer a região com políticas de propósitos comuns (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2009). Nesse sentido, a economia criativa pode ser vetor catalisador desses esforços.

A diferença ética ligadas a fatores culturais tais como língua, religião, vestuário, gastronomia, entre outros, exercerá influencia no capital social que possui importância na composição do índice de potencial criativo. Conforme mencionado por Monasterio (2006) e Frey (2003) os trabalhos do cientista político Robert Putman, cuja concepção de capital social começa a receber destaque. Para o autor, o capital social refere-se aos elementos ligados à organização social: redes, normas e relações de confiança entre as organizações sociais. Em seus trabalhos, demonstra que o desempenho das instituições e a eficiência da sociedade e de sua economia, dependem da organização social que é sustentada por uma rede de associações civis em cooperação sobre regras compartilhadas com base na confiança recíproca. E para a obtenção de um estoque de capital social, necessita-se de uma democracia saudável para uma confiança social que propicie a formação de redes de engajamento cívico.

Quanto às variáveis ligadas a estrutura econômico-produtiva, conforme mencionado por Catela (2013), a dimensão possui uma relação direta com as demais. E de certa maneira é

resultado das demais, onde sua diversificação será um reflexo da estrutura existente na região, bem como a existência de tecnologia, inovação e disposição dos setores criativos.

Partindo do pressuposto de que a economia criativa, focada no capital intelectual, representa oportunidade para os indivíduos, empresas e cidades, de maneira que possa gerar atividades que contribuam para o desenvolvimento regional, arriscam-se em insistir no pensamento de Furtado (1978) que menciona sobre o desenvolvimento adquirir nitidez quando se relaciona com a criatividade. E seguindo neste mesmo caminho, os apontamentos de Schumpeter (1982) sobre a inovação e a criação de novos mercados focados na ação empreendedora. Dessa maneira, cada dimensão: capital humano, ambiente humano, capital social e estrutura econômico-produtiva e suas variáveis estudadas possuem suas parcela de contribuição que serão representadas na vitalidade econômica de cada cidade estudada.

### **3.1. Criatividade, simbólico e diferença cultural**

A palavra criatividade tem sua origem no termo latino *creare* que significa fazer, e também do termo grego *krainen*, que significa realizar. De acordo com Siqueira (2012) muitas pessoas pensam que a criatividade compreende somente extraordinários talentos e associam com as artes, com ciência e grandes invenções. A definição de criatividade assume caminhos distintos dependendo da perspectiva que se olha, seja na visão dos negócios, ciência, música, artes plásticas, teatro, dança e arquitetura. Criatividade é pensar coisas novas, como acontece em nosso dia a dia com as invenções simples que se incorporam no cotidiano e são indispensáveis como a tesoura, o lápis, o carrinho de supermercado e tantos outros que na ocasião de sua invenção foram considerados invenções notáveis e posteriormente tornaram-se trivial e corriqueiro.

Para Mayer (2015) a criatividade é uma capacidade que está presente em todas as pessoas e consiste em gerar ideias originais que servem para resolver qualquer tipo de problema ou necessidade. A criatividade constitui-se em um fenômeno construído da interação entre os pensamentos do criador e seu contexto sócio-cultural. De forma sistêmica os fatores como herança genética, experiências de vida, conhecimento e domínio de valores simbólicos determinam a formas de pensar e agir que somado à cultura vão possibilitar a adequada estrutura e motivação para a prática de novas experiências.

A promoção da criatividade para Catmull (2014) é uma causa nobre, pois serve para ajudar as pessoas a desenvolver o potencial que existe em cada pessoa e serve para a resolução de problemas nos mais variados campos da vida. Existem muitos obstáculos que

dificultam o desenvolver natural da criatividade. Portanto, são necessários mecanismos que sejam capazes de lidar com as incertezas, instabilidades e que preste atenção nas ideias que servirão para desenvolver o potencial individual e coletivo.

E nesse sentido, que a economia criativa pode abrir caminho para a aquilo que Wagner (2010) lembra sobre a cultura ser a soma de todas as conquistas humanas na ciência, arte e tecnologia. Conquista que são preservadas, ensinadas e ampliadas em instituições a fim de preservar as ideias, fatos, segredos e formas de aplicação. A maneira de utilizar, aplicar, manipular e atualizar as técnicas vai constituir um contexto de significação para a criatividade ou a produtividade da cultura.

Por meio da educação, podem-se adquirir as habilidades e ideias necessárias ao refinamento do homem para o incremento criativo, que Wagner (2010) alerta sobre a relação existente com o trabalho e produtividade e a relação de centralidade dos mesmos no sistema capitalista. O valor simbólico do trabalho consiste de uma herança que foi preservada pelo desenvolvimento histórico como algo necessário ao sustento da família. O autor lembra também que nem o dinheiro nem o trabalho devem ser a preocupação principal, mas sim os princípios de solidariedade para a construção de uma estrutura social mais humana e saudável.

A economia criativa busca também, nos valores simbólicos, as alternativas necessárias para o desenvolvimento de uma cultura que traga a construção da solidariedade. E para isso é necessário a inovação e conhecimento da simbologia que existe em cada localidade.

Os símbolos conforme Bourdieu (1989) são instrumentos que comunicam e transmitem conhecimento. O poder simbólico contribui para a ordem social e moral a partir da construção da realidade de mundo social, formando a noção do tempo, espaço, número e causas que tornam possíveis a concordância entre as inteligências.

O simbólico está presente nas relações sociais, na cultura, nas classes, nos indivíduos, no sistema educacional e cada ser humano vê o mundo a partir de diferentes focos de visão. Os sistemas simbólicos acabam exercendo o poder de estruturar a realidade e funcionam como instrumento de conhecimento e comunicação, tornando possível o sentido de mundo social, contribuindo assim, para a reprodução da ordem social e moral.

Neste momento, cabe analisar as considerações feitas até aqui e pensar na relação da criatividade com a economia criativa. Conforme Reis (2008) já mencionou sobre esta questão, o entendimento de economia criativa, como mera reordenação de setores em categorias classificadas como “indústrias criativas” não apresenta novidades, pois a criatividade desde o início dos tempos é reconhecida como combustível de inovação. Portanto, para ser uma novidade, necessita de aplicação da criatividade dentro de um contexto formado pela

convergência de cooperação, tecnologias, insatisfação com o atual quadro socioeconômico de maneira a motivar e gerar novos modelos de negócios, processos organizacionais e institucionais que sedimente os setores econômicos e sociais.

Partindo desse pensamento de aplicação da criatividade, Santos (2014) aponta a contribuição do poder público local como elemento importante para fomentar alternativas para o surgimento de talentos criativos, principalmente nas periferias onde necessita uma organização de forma individual ou coletivamente para que os pequenos empreendimentos possam atuar de forma colaborativa entre artesões, cabeleireiros, designers, cantores, costureiras, enfim todos aqueles setores considerados criativos.

Furtado (1978) em sua abordagem sobre problemas das desigualdades regionais já mencionava sobre a importância de identificar os espaços onde a criatividade pode ser exercida em seu sentido amplo de inventar cultura, ou como Wagner (2010) comenta sobre inventar a cultura, através do uso do conhecimento para alcançar o equilíbrio social.

Outro aspecto importante refere-se às diferenças culturais, que também já foi mencionado anteriormente por Candau (2008), mais especificamente sobre educação, que está imersa nos processos culturais e, portanto, não seria possível uma experiência pedagógica sem influência da cultura. Mas, as questões das diferenças culturais vão além das escolas e se fazem presentes em diversos cenários públicos. E se manifestam de várias maneiras nas diferenças étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosa e outras que adquirem diversas construções históricas, políticas e culturais. As diferenças culturais produzidas dentro de um contexto sócio-histórico configurado por um processo complexo que muitas vezes apresenta manifestações de preconceito, discriminação, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero e também várias manifestações de violência, tanto física quanto simbólicas. Para Candau (2012) a superação desse cenário de conflito, passa por um processo contínuo de promoção de uma educação intercultural com base nos direitos humanos, de maneira que permita vivenciar práticas pedagógicas fundamentadas na equidade e democracia.

A questão da diversidade cultural nas considerações de Salvato (2008) está relacionada ao desenvolvimento humano e faz parte do capital social. O Brasil possui em sua formação a participação de vários povos e línguas. E o reconhecimento das diferenças culturais torna-se importante, devido ao fato de que ao negligenciar parte dessas diferenças, estará comprometendo as opções das gerações futuras por não permitir o desenvolvimento pleno de sua capacidade que compõe o capital social.

Conforme Paglioto (2016) a relação existente entre a economia criativa e o desenvolvimento está assentada no argumento da criatividade e dos recursos culturais

existentes universalmente em abundância. A interação entre os aspectos econômicos, culturais e sociais com a tecnologia, propriedade intelectual e o turismo propiciam a implantação de estratégias de investimentos com valores relativamente pequenos. E a promoção de ações, com foco na visão de desenvolvimento, voltada não só para os processos de geração de riqueza e crescimento, mas principalmente, para a promoção das liberdades individuais e outros avanços sociais. Em torno desta perspectiva, a economia criativa apresenta seu aspecto de inovação e de regeneração de núcleos urbanos tendo na dimensão cultural a sua importância estratégica para a promoção da equidade e inclusão social, igualdade étnica e participação política.

## 4. MÉTODO

O presente trabalho tem por objetivo a construção de um índice de potencial criativo para os municípios de Mato Grosso do Sul combinando 29 variáveis que estão agrupadas em quatro dimensões: capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva.

Capital humano trata do conhecimento das pessoas e todas as características que envolvem a possibilidade de desenvolvimento da criatividade e da utilização da cultura disponíveis para qualificação dos trabalhadores (CATELA, 2013).

Ambiente urbano está relacionado às características do território, localização geográfica, infraestrutura educacional e investimentos feitos em cultura. Souza (2009) considera como *região inteligente*, ou seja, é o território de aprendizagem onde ocorrem as discussões e os fluxos de conhecimento que são facilitados pelas infraestruturas existentes.

Capital social refere-se às diferenças culturais existentes no território e que proporciona uma dinâmica própria. As diferenças sociais apontadas por Bhabha (1998) surgem da tradição cultural e dos signos construídos na comunidade através dos tempos. E essas diferenças culturais que transitam no território podem ser transformadas em potencial para benefício da região.

E por último a estrutura econômico-produtiva que é uma dimensão ligada às demais e relaciona-se com a presença da tecnologia e inovação.

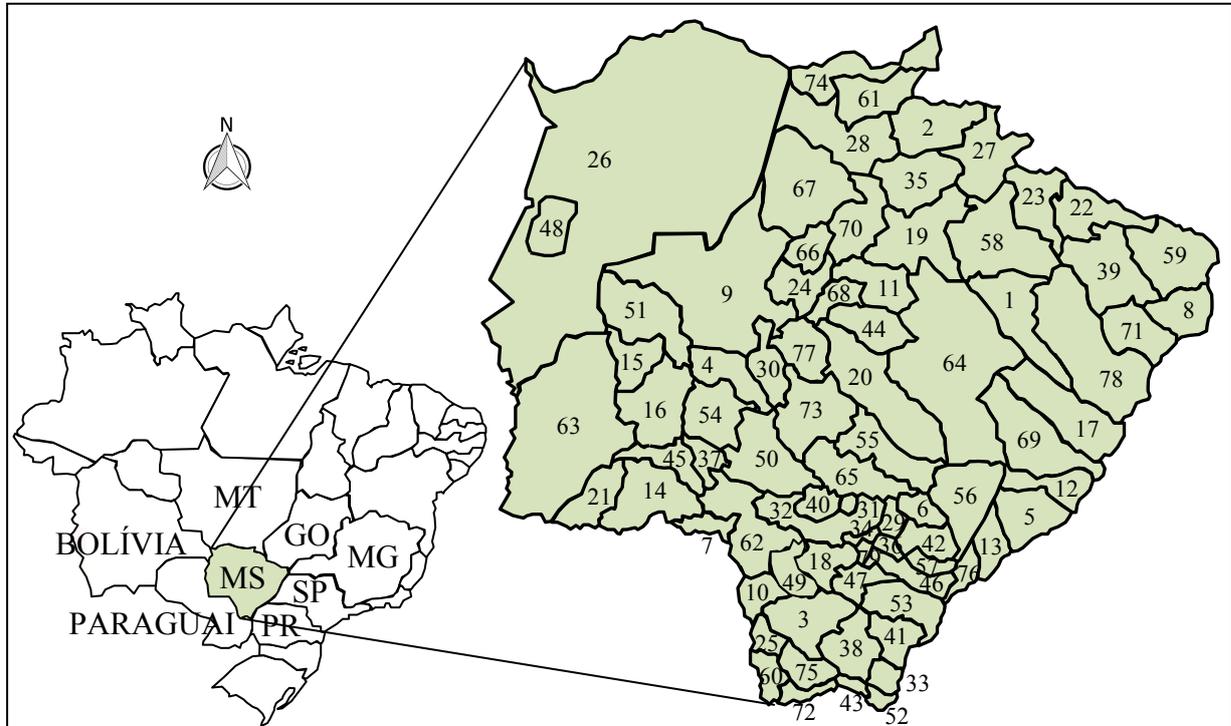
Utilizou-se como método de análise para a construção do índice de Potencial Criativo, a análise fatorial, dado suas vantagens de considerar a variabilidade de um conjunto amplo de variáveis na construção de um indicador, sem atribuir pesos arbitrariamente. Além disto, aplicou-se a análise de *cluster* a fim de identificar os grupos de municípios de acordo com seu potencial criativo e desta forma verificar se há diferenças significativas nos resultados obtidos pela classificação obtida através do índice de potencial criativo.

### 4.1 Área de estudo

Com extensão territorial de 357.145,53 Km<sup>2</sup> que corresponde a 4,19% da área total do Brasil, o Mato Grosso do Sul ocupa a 6<sup>a</sup> posição em extensão territorial do país. Localiza-se numa posição privilegiada devido à proximidade com os grandes centros consumidores e distribuidores do País.

A Figura 02 apresenta os limites geográficos do estado, que ao Norte limita-se com Mato Grosso e Goiás, ao sul Paraná e Paraguai, ao Leste com Minas Gerais, ao Oeste com Paraguai, ao Sudeste com São Paulo e ao Noroeste com a Bolívia.

Figura 02: Limites e localização dos municípios de Mato Grosso do Sul



1 – Água Clara	28 – Coxim	55 – Nova Alvorada do Sul
2 – Alcinoópolis	29 – Deodápolis	56 – Nova Andradina
3 – Amambai	30 – Dois Irmãos do Buriti	57 – Novo Horizonte do Sul
4 – Anastácio	31 – Douradina	58 – Paraíso das Águas
5 – Anaurilândia	32 – Dourados	59 – Paranaíba
6 – Angélica	33 – Eldorado	60 – Paranhos
7 – Antônio João	34 – Fátima do Sul	61 – Pedro Gomes
8 – Aparecida do Taboado	35 – Figueirão	62 – Ponta Porã
9 – Aquidauana	36 – Glória de Dourados	63 – Porto Murtinho
10 – Aral Moreira	37 – Guia Lopes da Laguna	64 – Ribas do Rio Pardo
11 – Bandeirantes	38 – Iguatemi	65 – Rio Brillhante
12 – Bataguassu	39 – Inocência	66 – Rio Negro
13 – Batayporã	40 – Itaporã	67 – Rio Verde de Mato Grosso
14 – Bela Vista	41 – Itaquiraí	68 – Rochedo
15 – Bodoquena	42 – Ivinhema	69 – Santa Rita do Pardo
16 – Bonito	43 – Japorã	70 – São Gabriel do Oeste
17 – Brasilândia	44 – Jaraguari	71 – Selvíria
18 – Caarapó	45 – Jardim	72 – Sete Quedas
19 – Camapuã	46 – Jateí	73 – Sidrolândia
20 – Campo Grande	47 – Juti	74 – Sonora
21 – Caracol	48 – Ladário	75 – Tacuru
22 – Cassilândia	49 – Laguna Carapã	76 – Taquarussu
23 – Chapadão do Sul	50 – Maracaju	77 – Terenos
24 – Corguinho	51 – Miranda	78 – Três Lagoas
25 – Coronel Sapucaia	52 – Mundo Novo	79 – Vicentina
26 – Corumbá	53 – Naviraí	
27 – Costa Rica	54 – Nioaque	

Fonte: elaborado com base nos dados SEMADE (2015)

O estado de Mato Grosso do Sul é formado por 79 municípios. Contudo, esse estudo utiliza dados de 78 municípios, dado que Paraíso das Águas, não havia sido emancipado no ano 2010 (utilizado como ano base na coleta de dados).

Outra questão importante refere-se à área de estudo da faixa de fronteira. De acordo com a SEMAC (2012) a dinâmica existente na fronteira do território de Mato Grosso do Sul mostra um alto grau de relação e permeabilidade junto as fronteira com Paraguai e Bolívia. Apesar de haver divergências, existem pontos convergentes no qual as peculiaridades do espaço propiciam. Segundo Albuquerque (2009), compreender a dinâmica existente no deslocamento e circulação de pessoas nos territórios fronteiriços traz a possibilidade de reflexos sobre a multiplicidade de sentidos do termo “fronteira” e também as formas como são exercidos os direitos civis, políticos e sociais.

#### **4.2 Fonte de dados**

O presente trabalho utiliza fontes secundárias obtidas do IBGE (Censo Demográfico 2010 e também do banco de dados do Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA/IBGE), RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), SEMAGRO (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar), SED (Secretaria Estadual de Educação) e portal Compara Brasil, ligada à Frente Nacional de Prefeitos (FNP). Os dados contemplam aspectos econômicos, sociais e institucionais e foram coletados para o ano de 2010 por ser este período alvo da pesquisa do Censo Demográfico 2010 do IBGE reunindo diversas informações em nível municipal permitindo captar a realidade e especificidade de cada município estudado.

#### **4.3 Descrição das variáveis**

A criatividade é um fenômeno complexo situado dentro de um vasto contexto, que Ostrower (1987) considera como sendo uma propriedade comum a todo ser humano e, portanto, um potencial próprio da condição humana e não uma exclusividade de alguns raros eleitos. Assim a iniciativa de mensurar o potencial criativo e criar um índice deve contemplar diversas dimensões para a construção do referido índice, tais como os que se referem a aspectos sociais, econômicos, ambientais e institucionais. Nesse sentido, as variáveis escolhidas para a realização deste trabalho procuram abarcar aspectos inerentes à criatividade

de maneira a situá-las dentro das dimensões capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva.

O Quadro 01 apresenta as variáveis selecionadas para a construção do índice de potencial criativo. A escolha destas variáveis, em grande parte, segue o trabalho de Catela (2013), que realiza o estudo para um conjunto de 273 municípios, com mais de 100.000 habitantes, de todos os estados brasileiros.

Quadro 01 – Dimensões contempladas e resumo das variáveis selecionadas para índice de potencial criativo.

Dimensões	Temas	Descrição	Fontes	Ano
Capital Humano	Nível de qualificação	Z <sub>1</sub> : Alunos matriculados no ensino fundamental.	IBGE	2010
		Z <sub>2</sub> : Alunos matriculados no ensino médio.	IBGE	2010
		Z <sub>3</sub> : Alunos matriculados no ensino superior.	IBGE	2010
	População jovem	Z <sub>4</sub> : Pessoas de 25 a 29 anos.	IBGE	2010
	Classe criativa	Z <sub>5</sub> : Trabalhadores em ocupações criativas (atividades serão apresentadas no Quadro 03)	RAIS	2010
Ambiente Urbano	IDHM	Z <sub>6</sub> : Índice de Desenvolvimento Humano e Municipal.	IBGE	2010
	Características domiciliares	Z <sub>7</sub> : Existência de telefone.	IBGE	2010
	Localização geográfica	Z <sub>8</sub> : Distância da capital do Estado. (Km)	IBGE	2010
		Z <sub>9</sub> : Faixa de fronteira (distância da fronteira)	IBGE	2010
	Infraestrutura educacional	Z <sub>10</sub> : Número de escolas federais.	SED/MS	2010
		Z <sub>11</sub> : Número de escolas estaduais.	SED/MS	2010
		Z <sub>12</sub> : Número de escolas municipais.	SED/MS	2010
		Z <sub>13</sub> : Número de escolas particulares.	SED/MS	2010
		Z <sub>14</sub> : Número de instituições de ensino superior.	SED/MS	2010
	Bens públicos relacionados à cultura	Z <sub>15</sub> : Número de bibliotecas.	IBGE	2010
		Z <sub>16</sub> : Número de museus.	IBGE	2010
		Z <sub>17</sub> : Número de teatros e salas de espetáculos.	IBGE	2010
		Z <sub>18</sub> : Estádios ou ginásios poliesportivos.	IBGE	2010
Investimento local em cultura.	Z <sub>19</sub> : Despesas em cultura.	COMPARABRASIL	2010	
Capital Social	Segurança Pública	Z <sub>20</sub> : Número de Delegacias de Polícia Civil.	IBGE	2010
	Diferenças étnicas	Z <sub>21</sub> : População de brancos.	IBGE	2010
		Z <sub>22</sub> : População de pretos.	IBGE	2010
		Z <sub>23</sub> : População de amarelos.	IBGE	2010
		Z <sub>24</sub> : População de pardos.	IBGE	2010
		Z <sub>25</sub> : População de índios.	IBGE	2010
Estrutura Econômico-Produtiva	Empresas criativas	Z <sub>26</sub> : Número de empresas dentro dos setores criativos.	RAIS	2010
	Índice Tecnológico	Z <sub>27</sub> : Número de trabalhadores em empresas consideradas de alta tecnologia.	RAIS	2010
	População ativa	Z <sub>28</sub> : População economicamente ativa.	IBGE	2010
	Renda dos setores criativos	Z <sub>29</sub> : Renda do trabalho dos setores criativos.	RAIS	2010

Fonte: Elaborado pelo autor com base no trabalho de Catela (2013).

As variáveis  $Z_1$  a  $Z_5$  representam a dimensão capital humano que contemplam quatro aspectos que são nível de qualificação, população jovem e classe criativa. O aspecto Nível de qualificação relaciona-se as variáveis  $Z_1$  a  $Z_3$  representando a quantidade de alunos matriculados nos distintos níveis de ensino. A variável  $Z_4$  refere-se a pessoas na faixa de idade entre 25 a 29 anos. A variável  $Z_5$  trata dos trabalhadores em ocupações criativas. Uma questão importante sobre a variável  $Z_5$  é a classificação dos setores criativos de acordo com os dados que estão disponíveis para o Brasil, neste trabalho as atividades do setor criativo são classificadas com base na divisão setorial das indústrias criativas da UNCTAD e na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0.) conforme consta no Quadro 02.

Quadro 02 – Compatibilização da classificação conforme UNCTAD e CNAE 2.0.

	<b>Grupos UNCTAD</b>	<b>Grupo CNAE 2.0</b>
<b>Arte</b>	<b>Artes cênicas</b>	90.01-9 Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares. 90.02-7 Criação artística. 90.03-5 Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas. 32.20 -5 Fabricação de instrumentos musicais.
	<b>Artes visuais</b>	91.0 Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental. 74.2 Atividades fotográficas e similares.
<b>Mídia</b>	<b>Publicações</b>	18.1 Atividades de impressão 47.6 Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos. 58.1 Edições de livros, jornais, revistas e outras atividades de edição. 58.2 Edições integradas à impressão de livros, revistas, jornais e outras publicações.
	<b>Audiovisual</b>	18.3 Reproduções de materiais gravados em qualquer suporte. 73.1 Publicidade. 59.1 Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão. 59.2 Atividades de gravação de som e de edição de música. 60.1 Atividades de rádio. 60.2 Atividades de televisão.
<b>Criações funcionais</b>	<b>Design</b>	71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas. 74.1. Design e decorações de interiores. 32.1 Fabricações de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes. 32.4 Fabricações de brinquedo e jogos recreativos. 72.1 Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais. 72.2 Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências sociais e humanas. 93.2 Atividades de recreação e lazer.
	<b>Novas mídias</b>	62.0 Atividades dos serviços de tecnologia da informação. 63.1 Tratamentos de dados, hospedagem na internet e outras atividades relacionadas. 63.9 Outras atividades de prestação de serviços de informação.

Fonte: UNCTAD (2008), IBGE (2007).

As variáveis contempladas na dimensão capital humano possuem sua importância na busca da compreensão das competências e habilidades das pessoas e da comunidade em que estão inseridas.

As variáveis  $Z_6$  a  $Z_{19}$  referem-se à dimensão ambiente urbano onde a variável  $Z_6$  refere-se ao IDHM. A variável  $Z_7$  refere-se à existência de telefone. As variáveis  $Z_8$  e  $Z_9$  tratam de aspectos ligados a localização geográfica, onde  $Z_8$  refere-se à distância da capital do Estado e  $Z_9$  refere-se às cidades localizadas na faixa de fronteira. As variáveis  $Z_{11}$  a  $Z_{13}$  referem-se aos aspectos de infraestrutura educacional como número escolas e federais, estaduais, municipais, particulares e instituições de ensino superior. As variáveis  $Z_{15}$  a  $Z_{18}$  referem-se aos aspectos dos bens públicos relacionados à cultura como a quantidade de bibliotecas, museus, teatros, salas de espetáculos e estádios ou ginásios poliesportivo. A variável  $Z_{19}$  refere-se aos investimentos locais em cultura. Essas variáveis apresentam sua importância conforme as considerações que Souza (2009) menciona sobre a importância dos atores locais manterem uma interação para desenvolver um aprendizado coletivo estimulando as ações e a cooperação. Dessa maneira é possível criar um ambiente propício que estimula à criatividade de maneira que as inovações possam surgir e gerar benefícios para a região.

As variáveis  $Z_{20}$  a  $Z_{25}$  referem-se à dimensão do capital social onde a variável  $Z_{20}$  refere-se ao aspecto de segurança pública buscando verificar a quantidade de delegacias de polícia civil. As variáveis  $Z_{21}$  a  $Z_{25}$  referem-se aos aspectos relacionados às diferenças étnicas, apresentando a quantidade de pessoas por cor ou raça. O capital social conforme Bourdieu (1989) trata-se de um recurso referente à mobilização de uma rede de relações sociais que um indivíduo consegue mobilizar para realizar um determinado objetivo. Portanto o capital social é um recurso facilitador de ações.

As variáveis  $Z_{26}$  a  $Z_{29}$  referem-se à dimensão da estrutura econômico-produtiva onde a variável  $Z_{26}$  refere-se aos aspectos ligados ao número de empresas dos setores criativos. A variável  $Z_{27}$  refere-se ao número de trabalhadores que trabalham em empresas consideradas de alta tecnologia. A variável  $Z_{28}$  refere-se à população economicamente ativa. A variável  $Z_{29}$  refere-se à renda obtida pelos trabalhadores dos setores criativos. Nessa dimensão é importante levar em consideração o que Castells (1999) aponta sobre o desenvolvimento tecnológico necessitar de uma conexão com a ciência, a tecnologia e o setor empresarial.

Além das variáveis utilizadas no trabalho de Catela (2013) foram acrescentadas a variável IDHM na dimensão capital humano; existência de telefone e faixa de fronteira na dimensão ambiente urbano; população ativa e renda dos setores criativos na dimensão estrutura econômico-produtiva. A variável IDHM foi incluída como proxy do

desenvolvimento de cada município. Na dimensão ambiente urbano a variável existência de telefone contribui para verificar a disponibilidade da tecnologia de comunicação existente para contribuir com o processo de transmissão das informações e a comunicação entre as pessoas. A variável faixa de fronteira foi incluída por contemplar 44 municípios de Mato Grosso do Sul que apresentam características específicas que podem contribuir para a dimensão ambiente urbano. Outras duas variáveis, população ativa e renda dos setores criativos, também foram acrescentadas na dimensão estrutura econômico-produtiva, com a intenção de auxiliar na compreensão do potencial de mão de obra e do poder de renda dos setores criativos.

#### **4.4 Técnicas de Análise Multivariada**

O presente trabalho utiliza técnicas de análise multivariada. Para a construção do índice de Potencial criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul, utiliza-se a Análise Fatorial. E, para a identificação do agrupamento dos municípios a partir das características que moldam seu perfil criativo, aplicou-se a Análise de *Cluster*.

Segundo Hair Jr. *et al* (2005) a análise multivariada é o método estatístico que analisa de maneira simultânea múltiplas medidas sobre o objeto de investigação. Mingoti (2005) afirma que os métodos de estatísticas multivariadas servem para simplificar ou facilitar a interpretação do fenômeno estudado de maneira a sintetizar a informação original dos dados através da construção de índices ou variáveis alternativas.

##### **4.4.1 Análise fatorial**

A análise fatorial segundo Hair Jr. *et al* (2005) pode ser utilizada para o exame de padrões ou relações ocultas para um grande número de variáveis de maneira a determinar se a informação poderá ser agrupada ou resumida a um conjunto menor de fatores ou componentes.

Conforme Mingoti (2005) a análise fatorial identifica um número menor de novas variáveis alternativas não correlacionadas a partir de um número grande de variáveis medidas e correlacionadas entre si. Dessa maneira as variáveis alternativas são chamadas de fatores ou variáveis latentes e representam o resumo das informações principais das variáveis originais. Assim, através desta técnica é possível reduzir uma grande quantidade de variáveis em fatores menores para facilitar a interpretação dos dados.

A análise fatorial, de acordo com Johnson e Wichern (2007), descreve o relacionamento entre as principais variáveis em termos de poucos fatores não observáveis (latentes). Esses fatores agrupam variáveis altamente correlacionadas entre si, mas que mantêm pouca correlação com as demais variáveis que compõem outro fator. Esse agrupamento permite a identificação desses construtos, que não podem ser identificados a partir de uma única variável.

Formalmente, a análise fatorial busca descrever a variabilidade original do vetor  $X$  através de um número menor de fatores, que estão relacionados aos primeiros por meio de um modelo linear. No modelo fatorial, parte da variabilidade é atribuída aos fatores comuns e parte ao erro aleatório.

Sendo  $X$  um vetor aleatório, com  $p$  componentes, com médias  $\mu$  e matriz de covariância  $\Sigma$ , o modelo de análise fatorial postula que  $X$  é literalmente dependente com um pequeno número de variáveis aleatórias não observadas  $F$  (fatores comuns), bem como com fontes adicionais de variação não identificadas representadas por  $\varepsilon$  (erros) e com fatores específicos que, em geral, são agrupados em  $\varepsilon$ . Assim, a variação total de cada variável pode ser separada em fatores comuns que influenciam duas ou mais variáveis, chamado comunalidade; em fatores específicos, que influenciam uma única variável denominada unicidade. Formalmente,

$$\begin{aligned} X_1 - \mu_1 &= l_{11}F_1 + l_{12}F_2 + l_{1m}F_m + \varepsilon_1 \\ X_2 - \mu_2 &= l_{21}F_1 + l_{22}F_2 + l_{2m}F_m + \varepsilon_2 \\ &\vdots \qquad \qquad \qquad \vdots \qquad \qquad \qquad \vdots \\ X_p - \mu_p &= l_{p1}F_1 + l_{p2}F_2 + l_{pm}F_m + \varepsilon_p \end{aligned}$$

Em que, representado em forma matricial, é expresso por:

$$X - \mu = LF + \varepsilon_p$$

Os coeficientes  $l_{ij}$  são os *loadings* ou cargas fatoriais e expressam a importância que cada construto tem na determinação do valor de cada variável, são medidas pelas covariâncias entre as variáveis observadas e os fatores comuns ( $Cov(X_i, F_j) = l_{ij}$ ). Os fatores específicos, representados por  $\varepsilon$  correspondem à parte não explicada pelos fatores comuns.

Na prática, a análise fatorial pode ser aplicada seguindo as 10 etapas descritas abaixo, a exemplo da forma apresentada por Barbosa (2013).

### **1ª Etapa: Padronização das variáveis**

Quando as variáveis estiverem com unidades de medidas diferentes é necessário utilizar o valor padronizado. O procedimento de padronização consta da subtração de cada

variável original pela média de todas as observações e a divisão pelo valor resultante do desvio-padrão das respectivas observações (CATELA, 2013).

A execução deste procedimento tem sua importância devido ao fato de simplificar a comparação entre os conjuntos de variáveis fornecendo uma perspectiva racional na interpretação dos resultados (HAIR JR. *et al* 2005).

### **2ª Etapa: Matriz de correlação**

Realizada a padronização das variáveis ( $Z_i$ s) o passo seguinte é a obtenção da matriz de correlação  $P_{p \times p}$ . A variação do valor do coeficiente de correlação varia de  $-1$  a  $+1$ . A correlação é considerada forte entre os pares quando os valores estiverem próximos a 1. Para que a análise fatorial seja considerada adequada conforme Hair Jr. *et al* (2005) é recomendada a inspeção visual das correlações amostrais de modo a verificar se a maioria está com valores acima de 0,3.

### **3ª Etapa: Teste de validação**

O teste de validação é feito a partir da matriz de correlação amostral. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin – (KMO) tem seu fundamento na proximidade com a inversa da matriz de correlações amostral para que o modelo de análise fatorial seja considerado bem ajustado. No KMO os valores do coeficiente variam de zero a 1. Conforme Mingoti (2005) para adequar o ajuste do modelo de análise fatorial o KMO deve ser maior ou igual a 0,8. Avalia-se também a Medida de Adequação da Amostra (MAS) que avalia a adequação e a aplicação da análise fatorial para toda a matriz de correlação e também para cada variável.

### **4ª Etapa: Obtenção dos autovalores, autovetores e determinação do número de fatores retidos**

Os autovalores (*eigenvalues*) e os autovetores (*eigenvetores*) são calculados a partir da matriz de correlação amostral. Os valores obtidos dos autovalores e autovetores servem para estimar a matriz de correlação teórica,  $R_{p \times p}$ .

Para definir a quantidade dos  $m$  fatores que devem ser mantidos pela análise fatorial alguns critérios devem ser seguidos, entre estes se destacam a proporção de variância acumulada, o critério de Kaiser e o gráfico *scree-plot*. A magnitude da variância explicada

depende da definição do pesquisador e do tipo de estudo que está sendo realizado. Em geral, mantém no estudo, os fatores que indicam variância acumulada acima de 70%. Contudo, vale a ressalva, que esta proporção depende da sensibilidade e das preferências do pesquisador. Assim, é usual na determinação do número de fatores a serem mantidos na análise, associar pelo menos dois conceitos/medidas diferentes.

Por sua vez, o critério de Kaiser indica que será retido no estudo os  $m$  fatores correspondentes aos autovalores maiores que a unidade. Conforme Hair Jr. *et al* (2005) é o critério mais usado.

Além disto, pode ser utilizada a análise do gráfico *scree-plot*, que ordena os autovalores em ordem crescente de valor (variância explicada), indica que deve ser mantido no estudo o número de fatores anterior ao ponto de salto na curva formada pela linha de ligação dos autovalores.

### **5ª Etapa: Estimação da matriz dos *loadings* e interpretação dos atores antes da rotação; estimação das comunalidades, unicidades e análise do ajuste do modelo**

Com o número de fatores  $m$  definido, determinam-se as matrizes  $\hat{\beta}_{pxm}$  (matriz dos *loadings* que corresponde aos  $m$  fatores extraídos) e  $\hat{\Psi}_{pxp}$  (matriz diagonal dos erros ou das variâncias específicas). Há na literatura vários métodos usados para esse fim, com destaque para o Método dos Componentes Principais, Método do Fator Principal e Método de Máxima Verossimilhança (ver Johnson e Wichern, 2007). Para Mingoti (2005) é o Método dos Componentes Principais é o mais utilizado, especialmente por não exigir suposições sobre a distribuição das variáveis envolvidas.

Segundo Mingoti (2005) no método das componentes principais para cada autovalor ( $\hat{\lambda}_i, i = 1, 2, \dots, p$ ) retido na estimação do valor  $m$  existe um autovetor correspondente  $\hat{e}_i$ , onde  $\hat{e}_i = (\hat{e}_{i1}, \hat{e}_{i2}, \hat{e}_{i3} \dots \hat{e}_{ip})'$ . A diagonal da matriz  $\hat{\beta}\hat{\beta}'_{pxp}$  obtida da aproximação da matriz de correlação amostral  $P_{pxp}$  fornece as comunalidades que são estimativas da variância de cada variável do modelo explicada pelo  $m$  fatores comuns retidos na análise fatorial. O valor das comunalidades varia de zero a 1 e quanto mais próximo de 1 o modelo estará ajustado.

As matrizes  $\hat{\beta}_{pxm}$  e  $\hat{\Psi}_{pxp}$  são estimados por:

$$\hat{\beta}_{pxm} = ( \sqrt{\hat{\lambda}_1} \hat{e}_1 \quad \sqrt{\hat{\lambda}_2} \hat{e}_2 \quad \dots \quad \sqrt{\hat{\lambda}_m} \hat{e}_m ) \quad (1)$$

$$\hat{\Psi}_{pxp} = \text{diag} ( P_{pxp} - \hat{\beta}_{pxm} \hat{\beta}'_{m xp} ) \quad (2)$$

onde,  $\text{diag} ( \cdot )$  representa a matriz diagonal.

A matriz de correlações amostral  $P_{pxp}$  depois de fixado o valor de  $m$ , é aproximada por:

$$\hat{P}_{pxp} = \sum_{i=1}^p \hat{\lambda}_i \hat{e}_i e'_i = \sum_{i=1}^m \hat{\lambda}_i \hat{e}_i e'_i + \sum_{i=m+1}^p \hat{\lambda}_i \hat{e}_i e'_i \quad (3)$$

E uma aproximação para a matriz  $\beta\beta'_{pxp}$  é dada por:

$$\hat{\beta} \hat{\beta}'_{pxp} = ( \sum_{i=1}^m \sqrt{\hat{\lambda}_i} \hat{e}_i \hat{e}'_i = ( \sqrt{\hat{\lambda}_1} \hat{e}_1 \dots \sqrt{\hat{\lambda}_m} \hat{e}_m ) ( \sqrt{\hat{\lambda}_1} \hat{e}_1 \dots \sqrt{\hat{\lambda}_m} \hat{e}_m )' \quad (4)$$

A unicidade das variáveis utilizadas é dada pela matriz  $\hat{\Psi}_{pxp}$  que é obtida pela diferença entre a matriz de correlações amostral  $P_{pxp}$  e  $\beta\beta'_{pxp}$ . A unicidade ou variâncias específicas demonstra a proporção da variabilidade de cada variável associada ao erro aleatório específico de cada variável (MINGOTI, 2005).

O papel de cada variável na definição de cada um dos fatores comuns retidos é fornecido pelos *loadings* das variáveis que possuem os maiores valores. Nos fatores comuns não há correlação entre si (ortogonais). Sendo que o primeiro fator representante do maior poder de explicar a variância dos dados. Já o segundo fator que são as variâncias remanescentes do primeiro fator representa o segundo melhor poder para explicar a variância total dos dados. Esse procedimento segue até a dissipação total da variância (MINGOTI, 2005).

### **6ª Etapa: Cálculo da matriz dos resíduos e avaliação de ajuste do modelo de análise fatorial a partir dos elementos dessa matriz**

A matriz residual (MRES) é resultante da diferença entre a matriz de correlação amostral ( $P_{pxp}$ ) e a matriz de correlações amostral aproximada ( $\beta\beta'_{pxp}$ ). A matriz MRES é representada por:  $\hat{\Psi}$

$$MRES = P_{pxp} - ( \hat{\beta} \hat{\beta}' + \hat{\Psi}_{pxp} ) \quad (5)$$

O modelo terá um ajuste mais adequado quanto mais próximo de zero estiverem os elementos da matriz *MRES*.

### **7ª Etapa: Rotação dos fatores**

De acordo com Mingoti (2005) a interpretação dos fatores originais em algumas situações pode sofrer a interferência dos *loadings* com valores numéricos semelhantes e não desprezíveis em mais de um fator. E para tornar mais simples a interpretação a recomendação conforme Mingoti (2005) é a rotação ortogonal dos fatores originais. Ao ser feita a rotação ortogonal as comunalidades e unicidades são mantidas pelo fato de que o ângulo entre os eixos dos fatores continuarem em 90°. Apenas os valores dos *loadings* dos fatores retidos são alterados implicando assim alteração dos respectivos autovalores. Com a rotação permanece a mesma a parcela da variância total dos dados que explica o conjunto dos fatores retidos.

A rotação varimax foi escolhida para este trabalho por buscar encontrar grupos de variáveis com fortes correlações com apenas um fator, independentemente de serem positivas ou negativas e mantendo desprezíveis as correlações desses grupos com os demais fatores.

### **8ª Etapa: Determinação do valor dos *loadings* considerados significativos para a interpretação dos fatores**

Sendo o *loading* a representação da correlação entre a variável e o fator comum, um dos critérios para se determinar esse valor é a significância prática. Por esse critério quanto maior for o valor absoluto do *loading*, maior será a sua importância na interpretação da matriz fatorial. Conforme Hair Jr. *et al* (2005) faz a recomendação para que sejam considerados os *loadings* com valores absolutos sejam maiores que 0,5 apesar de que a decisão também depende das características específicas e do objetivo do pesquisador.

### **9ª Etapa: Nomeação e interpretação dos fatores**

Com a definição do valor absoluto do *loading* estimado como significativo para a interpretação dos fatores segue-se para a nomeação dos fatores. A nomeação serve para representar o padrão de forte correlação que o conjunto de variáveis possui com um determinado fator partindo das características e dimensões latentes representadas por essas variáveis.

### **10ª Etapa: Obtenção dos escores fatoriais**

Concluído a fase de retenção e interpretação dos  $m$  fatores e calculado os *loadings*, prossegue-se com o cálculo dos escores fatoriais para cada elemento da amostra, para utilizar os valores nas demais análises pertinentes à pesquisa. Os fatores  $F_j, j = 1, 2, \dots, m$ , podem ser

representados combinados linearmente as variáveis padronizadas  $Z_i$ ,  $i = 1, 2, \dots, p$ . Onde cada elemento da amostra  $k$ ,  $k = 1, 2, \dots, n$ . O escore é estimado conforme segue:

$$\hat{F}_j = w_{j1}Z_{1k} + w_{j2}Z_{2k} + \dots + w_{jp}Z_{pk} \quad (6)$$

Onde  $(Z_{1k}, Z_{2k}, \dots, Z_{pk})$  são valores observados das  $Z_i$  variáveis padronizadas para o  $k$ -ésimo elemento amostral e os coeficientes  $w_{ji}$ ,  $i = 1, 2, \dots, p$  são os pesos de ponderação de cada variável  $Z_i$  no fator  $F_j$ , denominados de escores fatoriais (MINGOTI, 2005). A obtenção dos pesos pode ser estimada por três métodos, sendo os mais usuais: o método de mínimos quadrados ponderados que estima os escores a partir de uma regressão por MQO que considera a heterocedasticidade dos erros; o método de regressão, em que se aplica a estimação por máxima verossimilhança e, o método ad hoc, que considera na construção dos fatores as variáveis altamente correlacionadas com o fator em construção e não correlacionada com os demais.

O método dos fatores principais foi utilizado para estimação dos *scores*. Assim, após a aplicação da análise fatorial e realizado os devidos testes para verificar a adequabilidade do modelo, obtém-se os escores fatoriais. A partir destes escores será construído o Índice de Potencial Criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul, conforme descrito abaixo.

#### 4.5 Cálculos do Índice de Potencial Criativo

Para a obtenção do índice usa-se a média ponderada dos escores fatoriais de cada elemento amostral. A equação (7) apresenta a forma de cálculo do índice mencionado anteriormente

$$IBPOCR_i = \frac{\sum_{j=1}^m f_j w_{ij}}{\sum_{j=1}^m f_j} \quad (7)$$

Onde  $f_j$  é a proporção da variância total explicada, em escala decimal, pelo fator  $F_j$ , com  $j = 1, 2, \dots, m$ , e  $w_{ij}$  são os escores fatoriais do  $i$ -ésimo elemento amostral no fator  $F_j$ , com  $i = 1, 2, \dots, 78$ , neste caso representando os 78 municípios estudados.

A partir da interpolação dos valores do *IBPOCR*, considerando para tanto o maior valor do *IBPOCR* como 100 e o menor como zero, foi obtido o Índice de Potencial Criativo

(*IPOCR*) relativo a cada município estudado, atribuindo a eles uma ordenação com base nos valores do índice. A equação (8) apresenta a fórmula de cálculo desse índice, cujos valores extremos variam de zero a 100 representando, respectivamente, o município que apresentou o menor e o maior *IPOCR*.

$$IPOCR_i = \left( \frac{IBPOCR_i - IBPOCR^{min}}{IBPOCR^{max} - IBPOCR^{min}} \right) \cdot 100 \quad (8)$$

Onde o  $IBPOCR_i$  é o valor do Índice Bruto de Potencial Criativo para o  $i$ -ésimo município,  $i = 1, 2, \dots, 78$ ,  $IBPOCR^{min}$  é o menor valor do *IBPOCR* observado e o  $IBPOCR^{max}$  é o maior valor observado para o *IBPOCR*.

As faixas de níveis para classificação do potencial criativo dos municípios são definidas com base no trabalho realizado por Barbosa (2013) que leva em conta o valor da média ( $M$ ) e do desvio-padrão ( $s$ ) dos municípios estudados. São definidos três níveis de potencial criativo para os municípios de Mato Grosso do Sul. Primeiro considerado como alto potencial criativo quando  $IPOCR > (M + s)$ ; grau médio de potencial criativo quando  $M \leq IPOCR \leq (M + s)$ ; grau de potencial criativo baixo quando  $IPOCR < M$ . A tabela 01 apresenta a classificação para o potencial criativo dos municípios estudados.

Tabela 01 – Graus de potencial criativo atribuídos aos municípios a partir do índice de potencial criativo (*IPOCR*)

<b>Categoria</b>	<b>Sigla</b>	<b>Desvio-Padrão (s) em torno da média (M)</b>
Alto	A	$IPOCR > (M+1s)$
Médio	MD	$M \leq IPOCR \leq (M+1s)$
Baixo	B	$IPOCR < M$

A identificação dos graus de potencial criativo possibilita a identificação de subgrupos singulares em termos de nível de potencial criativo dos municípios de Mato Grosso dos Sul e demonstra as possíveis disparidades existentes.

#### **4.6 Análise de Agrupamento (*Cluster*)**

É uma técnica multivariada que tem como objetivo agrupar dados de acordo com as similaridades entre eles. Assim, nesta etapa do estudo busca-se através da aplicação da análise

de *cluster* estruturar grupos homogêneos de municípios de acordo com as características que consolidam o potencial criativo.

Conforme Hair Jr. *et al* (2005) a análise de agrupamento serve para os casos em que a pesquisa procura uma estrutura “natural” entre as observações que tenha como base um perfil multivariado. Mingoti (2005), por sua vez, menciona que o objetivo da análise de agrupamento, também conhecida como *cluster*, tem seu objetivo na divisão em grupos de maneira que os elementos pertencentes ao mesmo grupo sejam similares entre si com respeito às variáveis.

Os métodos de agrupamento (*cluster* ou conglomerados) são procedimentos estatísticos que, a partir de um conjunto de informações, classifica seus elementos em grupos homogêneos, “permitindo gerar estruturas agregadas significativas e desenvolver tipologias analíticas” (SIMÕES, 2005, p.17).

Tais métodos podem ser hierárquicos – com sequências de partições em classes cada vez mais amplas – em que iniciamos com  $n$  grupos, cada um contendo um dos objetos e terminamos com um único grupo, contendo todos os objetos. Esses são os modelos hierárquicos aglomerativos. Existem ainda os modelos hierárquicos divisivos, em que se inicia com um único grupo contendo todos os objetos e termina-se com  $n$  grupos de um único objeto os modelos não hierárquicos – com partições em números fixos de classes, em que os objetos são alocados nos grupos de maneira otimizada. Essa última seria a melhor opção quando se tem grandes amostras.

Em síntese, para a análise de agrupamento são requeridos os seguintes passos:

### **1ª Etapa: Escolha do critério de “parecença” (semelhança/dissemelhança)**

Neste estágio, define-se se as variáveis devem ser padronizadas, para evitar a diferença de escalas e o critério que será utilizado para determinar os grupos (similaridade ou dissimilaridade).

Suponha que um conjunto de dados de  $n$  elementos amostrais, medidos por  $p$  variáveis aleatórias em cada um deles. O objetivo da análise é agrupá-los em  $g$  grupos a partir de medidas de similaridades ou dissimilaridades. Para identificar os grupos podem ser utilizadas as medidas de distância entre os diferentes vetores, sendo que os métodos mais tradicionais são: distância euclidiana, distância generalizada ou ponderada, distância de Minkopwsky, distância euclidiana média, distância de Mahalanobis, entre outros. A maioria dos algoritmos de análise de agrupamento tem como base as medidas de dissimilaridade, sendo que quanto maior esta for, menor será a semelhança entre os indivíduos. Por outro lado, as medidas de

similaridade (correlação, por exemplo), quanto maior essa medida, maior a semelhança entre os indivíduos.

A escolha das medidas de proximidade depende do tipo de variável que está sendo utilizada, podendo ser quantitativa (variáveis discretas ou contínuas) ou qualitativa (variáveis ordinais ou nominais). Neste estudo serão utilizadas as variáveis quantitativas e a distância euclidiana ao quadrado como medida de distância.

## **2ª Etapa: Definição do número de grupos**

O número de grupos mantido na análise pode ser definido ‘a priori’, com base em conhecimentos prévios (métodos não hierárquicos); por conveniência da análise ou por definição ‘a posteriori’, com base no resultado da análise – nesse caso seriam os modelos hierárquicos.

As técnicas para a formação de *cluster* ou agrupamento são classificadas em dois tipos como comentados anteriormente. As técnicas hierárquicas partem do princípio de que no início do processo de agrupamento, têm-se  $n$  grupos – isto é, cada elemento é um conglomerado separado. A cada estágio do algoritmo os elementos são reagrupados utilizando alguma medida de dissimilaridade pré-definida. Quando dois elementos aparecem juntos em um *cluster* em alguma etapa do processo, esses permanecerão juntos em todos os estágios subsequentes, o que define a propriedade da hierarquia.

Dado essa propriedade é possível identificar o “dendrograma” que representa a história de agrupamento. Segundo Mingoti (2005) na escala vertical desse gráfico registra-se o grau de (dis) similaridade e no eixo horizontal, marcam-se os elementos amostrais na ordem do agrupamento. A análise do dendrograma aponta que quando há grandes saltos nas distâncias, os dados agrupados são muito heterogêneos.

## **3ª Etapa: Formação dos grupos**

Vários são os algoritmos de agrupamentos para os métodos hierárquicos aglomerativos, e todos os métodos utilizam a matriz de distâncias (dis) similaridade como referência para realizar o agrupamento. As principais técnicas, segundo Mingoti (2005) são: 1 – método do vizinho mais próximo ou de ligação simples: é a menor distância entre os elementos  $a$  e  $b$ ; 2 – método do vizinho mais longe de ligação completa: é a maior distância entre os elementos  $a$  e  $b$ ; 3 – método das médias das distâncias: calcula-se a média das distâncias entre os elementos  $a$  e  $b$ ; 4 – método da centroide – esse método define a coordenada de cada grupo como sendo a média das coordenadas de seus objetos. A distância

entre os centroides define a distância entre os grupos; e 5 – método de Ward – a alocação de um elemento a um grupo é feita de modo a minimizar uma medida de homogeneidade interna. A cada passo do algoritmo calcula-se a soma dos quadrados das distâncias euclidianas de cada elemento amostral em relação às médias, e são agrupados aqueles que minimizam essa distância.

Neste trabalho será utilizado o método de Ward que conforme Hair Jr. *et al* (2005) menciona, trata-se de um procedimento que visa agrupar de forma hierárquica com base na similaridade. Este método forma grupos mais homogêneos, pois calcula a média dos centróides.

#### **4ª Etapa: Interpretação dos grupos**

Os grupos formados devem ser caracterizados, em geral avaliados por estatísticas descritivas. Nesse momento, é importante entender qual a importância atribuída a cada variável em cada grupo. Isso contribui para explicar a heterogeneidade entre os grupos.

Conforme Hair Jr. *et al* (2005), interpretar os grupos envolve o exame de acordo com a correspondência proposta por alguma teoria ou por experiência prática de maneira que o agrupamento descreva a natureza dos agregados.

## 5. ÍNDICE DE POTENCIAL CRIATIVO DOS MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO SUL

A análise utilizada para a elaboração do IPOCR tem com pressuposto de aplicação a existência de correlação entre as variáveis. De acordo com Hair Jr. *et al* (2005), devem permanecer na análise as variáveis que apresentem correlação superior a 0,3. Os resultados obtidos na matriz de correlação das variáveis padronizadas mostram forte correlação entre as variáveis conforme se apresenta no anexo A.

Após a análise da matriz de correlação amostral, segue os procedimentos da análise fatorial. Primeiramente verifica-se a adequabilidade dos dados do modelo da análise fatorial através dos testes de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO). O resultado de acordo com a Tabela 02 aponta que a maioria das variáveis está com valores MSA acima de 0,5 que é considerado como aceitáveis conforme Hair Jr. *et al* (2005).

Ressalta-se apenas, que a variável  $Z_9$  (identifica os municípios em faixa de fronteira) está com valor abaixo deste limite. Apesar disso, a variável será mantida na análise, pois é uma característica do estado a grande faixa de fronteira, o que pode ser um fator de interação e fomento cultural entre os países, o que afeta a criatividade nos municípios localizados nesse espaço.

Tabela 02 – Valores do teste de Medida de Adequação da Amostra (MSA) e *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO).

Variáveis	MSA	Variáveis	MSA
$Z_1$	0,9378	$Z_{16}$	0,9772
$Z_2$	0,9508	$Z_{17}$	0,8847
$Z_3$	0,9301	$Z_{18}$	0,9408
$Z_4$	0,9172	$Z_{19}$	0,8819
$Z_5$	0,9059	$Z_{20}$	0,9644
$Z_6$	0,8500	$Z_{21}$	0,8942
$Z_7$	0,8828	$Z_{22}$	0,9420
$Z_8$	0,6197	$Z_{23}$	0,9505
$Z_9$	0,3712	$Z_{24}$	0,8995
$Z_{10}$	0,9432	$Z_{25}$	0,5424
$Z_{11}$	0,9456	$Z_{26}$	0,9274
$Z_{12}$	0,9574	$Z_{27}$	0,9071
$Z_{13}$	0,9799	$Z_{28}$	0,9128
$Z_{14}$	0,9444	$Z_{29}$	0,9019
$Z_{15}$	0,9492	<b>KMO (média MSA)</b>	<b>0,9219</b>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Para o teste de KMO, média global da medida de adequação da amostra (MAS), aponta valor de 0,9219, o que indica um bom ajuste no modelo, conforme aponta Mingoti (2005).

A decomposição da matriz de informação em seus autovalores e a variância explicada por elas são apresentados na Tabela 03. Nesse estudo, optou-se por manter três fatores ( $m=3$ ) na análise ( $\lambda_1$ ,  $\lambda_2$  e  $\lambda_3$ ), como indicado pelo critério de Kaiser, que possuem valores maiores que 1. Esses fatores sintetizam as informações contidas nas 29 variáveis incorporadas neste trabalho e correspondem a 89,66% da variância acumulada dos dados.

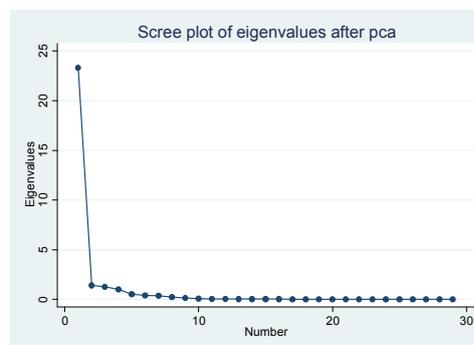
Tabela 03– Autovalores, variância individual explicada e variância acumulada.

Autovalores ( $\lambda_i$ )	Valores	Variância explicada por cada autovalor (%)	Variância acumulada (%)
$\lambda_1$	23,3073	0,8037	0,8037
$\lambda_2$	1,4200	0,0490	0,8527
$\lambda_3$	1,2742	0,0439	0,8966

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

A fim de corroborar a escolha dos três fatores, apresenta-se o gráfico *scree-plot*. De acordo com Mingoti (2005), o gráfico é uma forma prática que ajuda a determinar o número apropriado de fatores a serem mantidos na análise. Nessa representação os autovalores são ordenados em escala decrescente e a escolha do número de componentes deve ser a quantidade em que a variação entre esses passa a ser pequena e os valores tendem  $\lambda_i$  a estabilizar. Os fatores estão representados no Gráfico 01.

Gráfico 01: Representação gráfica dos fatores selecionados pelo método Kaiser e pela observação do gráfico *scree-plot*.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Após a definição de fatores selecionados para a análise fatorial, o próximo passo é a extração dos *loadings* ou cargas fatoriais. Os *loadings* representam a correlação entre as variáveis em estudo e os fatores selecionados. Através do método das componentes principais foram extraídos os *loadings* que estão representados na Tabela 04 e também as comunalidades que representa a variabilidade de cada variável explicada pelos três fatores selecionados.

Tabela 04 – *Loadings* extraídos antes e após a rotação varimax, comunalidades, unicidades e variâncias explicadas.

Variáveis	FATORES						Comunalidades (C)	Unicidades (U)	Variância Total (C + U)
	Não rotacionado			Após a rotação					
	F1	F2	F3	Fr1	Fr2	Fr3			
Z <sub>1</sub>	0,9970	0,0084	0,0292	0,9943	0,0691	0,0385	0,9949	0,0051	1
Z <sub>2</sub>	0,9970	0,0142	0,0263	0,9940	0,0685	0,0450	0,9948	0,0052	1
Z <sub>3</sub>	0,9837	0,0289	0,0327	0,9817	0,0542	0,0535	0,9695	0,0305	1
Z <sub>4</sub>	0,9983	0,0084	0,0195	0,9946	0,0775	0,0436	0,9971	0,0029	1
Z <sub>5</sub>	0,9692	-0,0247	0,0195	0,9685	0,0664	-0,0016	0,9425	0,0575	1
Z <sub>6</sub>	0,4150	-0,3308	0,0495	0,3275	0,8488	0,1249	0,8433	0,1567	1
Z <sub>7</sub>	0,9972	0,0186	-0,7494	0,9912	0,0904	0,0634	0,9947	0,0053	1
Z <sub>8</sub>	-0,2515	-0,5178	-0,0021	-0,1955	-0,2289	-0,7428	0,6425	0,3575	1
Z <sub>9</sub>	-0,0659	0,7756	0,5578	-0,0944	-0,1135	0,8401	0,7276	0,2724	1
Z <sub>10</sub>	0,7380	-0,0553	-0,3490	0,7171	0,2256	0,0628	0,5691	0,4309	1
Z <sub>11</sub>	0,9920	0,0513	0,0032	0,9870	0,0684	0,0884	0,9867	0,0133	1
Z <sub>12</sub>	0,9830	0,0406	-0,0073	0,9768	0,0819	0,0842	0,9680	0,0320	1
Z <sub>13</sub>	0,9927	-0,0069	0,0208	0,9890	0,0838	0,0295	0,9860	0,0140	1
Z <sub>14</sub>	0,8949	-0,1841	-0,0677	0,8801	0,2414	-0,0805	0,8394	0,1606	1
Z <sub>15</sub>	0,9537	0,0742	0,0255	0,9516	0,0338	0,0946	0,9156	0,0844	1
Z <sub>16</sub>	0,9696	-0,0222	0,0304	0,9669	0,0813	0,0104	0,9416	0,0584	1
Z <sub>17</sub>	0,5940	-0,2071	-0,2138	0,5449	0,3476	-0,0385	0,4414	0,5586	1
Z <sub>18</sub>	0,9707	0,0646	0,0646	0,9726	0,0073	0,0669	0,9506	0,0494	1
Z <sub>19</sub>	0,9247	-0,0723	0,0731	0,9263	0,0667	-0,0566	0,8657	0,1343	1
Z <sub>20</sub>	0,9559	-0,0386	-0,0566	0,9436	0,1624	0,0408	0,9185	0,0815	1
Z <sub>21</sub>	0,9962	0,0088	0,0194	0,9924	0,0772	0,0439	0,9928	0,0072	1
Z <sub>22</sub>	0,9926	-0,0152	0,0183	0,9885	0,0902	0,0237	0,9859	0,0141	1
Z <sub>23</sub>	0,9940	0,0160	0,0317	0,9917	0,0627	0,0436	0,9892	0,0108	1
Z <sub>24</sub>	0,9947	-0,0151	0,0099	0,9897	0,0975	0,0282	0,9898	0,0102	1
Z <sub>25</sub>	0,3992	0,5802	0,4199	0,4490	-0,6186	0,2967	0,6723	0,3277	1
Z <sub>26</sub>	0,9919	0,0176	0,0392	0,9904	0,0553	0,0409	0,9857	0,0143	1
Z <sub>27</sub>	0,9850	0,0053	0,0629	0,9696	0,0393	0,0170	0,9420	0,0580	1
Z <sub>28</sub>	0,9980	0,0039	0,0179	0,9941	0,0812	0,0405	0,9964	0,0036	1
Z <sub>29</sub>	0,9768	-0,0122	0,0616	0,9775	0,0503	0,0031	0,9581	0,0419	1
Var. explicada (%)	0,8037	0,0490	0,0439	0,7947	0,0527	0,0493	-	-	-
Var. acumulada (%)		0,8966			0,8966		-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Para as vinte e nove variáveis incluídas no modelo, observa-se, pela comunalidade, que a variabilidade explicada pelos três fatores supera o montante de 80% em vinte e quatro variáveis. Somente as variáveis Z<sub>8</sub>, Z<sub>9</sub>, Z<sub>10</sub>, Z<sub>17</sub>, e Z<sub>25</sub>, apresentaram comunalidades abaixo do deste montante. As variáveis Z<sub>1</sub>, Z<sub>2</sub>, Z<sub>4</sub>, Z<sub>7</sub>, Z<sub>11</sub>, e Z<sub>28</sub> apresentaram comunalidades acima de 0.95 representando uma alta explicação de suas variabilidades. As variáveis relacionadas à dimensão capital humano foram as que apresentaram as maiores comunalidades. Desta

maneira, reforça importância do capital humano, como um recurso crucial para a economia criativa como potencial para os setores criativos que dependem do conhecimento para desenvolver a criatividade.

Por sua vez, as unicidades, de forma inversa às comunalidades, implicam em valores baixos para um bom ajuste dos dados ao modelo da análise fatorial. Para a maioria das variáveis, as unicidades estão abaixo de 0,10 e somente sete variáveis ( $Z_6$ ,  $Z_8$ ,  $Z_9$ ,  $Z_{10}$ ,  $Z_{14}$ ,  $Z_{17}$ , e  $Z_{25}$ ) apresentam valores acima de 0,15. A tabela 04 também mostra a soma das comunalidades com as unicidades cujo resultado é sempre igual à unidade uma vez que se supõe que a variância das variáveis padronizadas é igual à unidade. Essas variáveis demonstram a diferença das condições de vida existente entre os municípios mais distantes da capital do estado, os problemas existentes na faixa de fronteira, concentração do ensino superior nas cidades mais populosas, questões referentes à população indígena e o baixo número de teatros, em geral concentrado nas grandes cidades.

Ainda, no intuito de avaliar o ajustamento do modelo, estimou-se a matriz residual (MRES). Essa matriz indica que a matriz de correlação estimada pela análise fatorial corresponde à matriz original. Isso corroborado pelo cálculo do Erro Médio ( $EM = 0,000$ ) e a Raiz Quadrada do Erro Quadrático Médio ( $REQM = 0,030$ ). Segundo Hair Jr. *et al* (2005) esses valores devem ser muito próximos a zero para que o modelo tenha um bom ajustamento.

Ainda com base na Tabela 04, verifica-se que a maioria dos *loadings* antes e após a rotação estão fortemente correlacionados com o fator 1. Após a rotação ortogonal varimax recomendada por Hair Jr. *et al* (2005) os resultados obtidos não apontam alteração na variância explicada por todos os fatores. A alteração verifica-se na variância explicada por cada fator com mudanças nos autovalores. O fator 2 e fator 3 aumentaram o seu poder de explicação da variância dos dados para 5,27% e 4,93% respectivamente. Já o fator 1 diminuiu seu poder de explicação para 79,47%.

A interpretação dos *loadings* após a rotação, leva em consideração o valor em módulo acima de 0,6 para serem representativos. As variáveis  $Z_1$ ,  $Z_2$ ,  $Z_3$ ,  $Z_4$ ,  $Z_5$ ,  $Z_{10}$ ,  $Z_{11}$ ,  $Z_{12}$ ,  $Z_{13}$ ,  $Z_{14}$ ,  $Z_{15}$ ,  $Z_{16}$ ,  $Z_{17}$ ,  $Z_{18}$ ,  $Z_{19}$ ,  $Z_{20}$ ,  $Z_{21}$ ,  $Z_{22}$ ,  $Z_{23}$  e  $Z_{24}$ , apresentaram valores fortemente correlacionados com o fator 1. O fator 2 apresenta valores correlacionados com as variáveis  $Z_6$  e  $Z_{25}$ . E o fator 3 correlacionado com as variáveis  $Z_8$  e  $Z_9$ .

O Quadro 03 apresenta os fatores com nomes atribuídos e agrupados conforme as correlações de cada uma das variáveis. O fator 1 possui forte correlação com as variáveis da dimensão capital humano, ambiente urbano e estrutura econômico-produtiva sendo denominado de *Desempenho humano-urbano-produtivo*. O fator 2 possui forte correlação

com a variável  $Z_6$  e  $Z_{25}$  que compõe as dimensões ambiente urbano e capital social, sendo denominado de *Desempenho urbano-étnico*. O fator 3 apresenta forte correlação com a dimensão ambiente urbano e recebe a denominação de *Desempenho de localização*.

Quadro 03 – Nomeação dos fatores e variáveis relacionadas.

Nome do fator	Variáveis relacionadas	
F1: <i>Desempenho Humano-urbano-produtivo</i>	$Z_1$ : Alunos matriculados no ensino fundamental.	
	$Z_2$ : Alunos matriculados no ensino médio.	
	$Z_3$ : Alunos matriculados no ensino superior.	
	$Z_4$ : Pessoas de 25 a 29 anos.	
	$Z_5$ : Trabalhadores em ocupações criativas.	
	$Z_7$ : Existência de telefone.	
	$Z_{10}$ : Número de escolas federais.	
	$Z_{11}$ : Número de escolas estaduais.	
	$Z_{12}$ : Número de escolas municipais.	
	$Z_{13}$ : Número de escolas particulares.	
	$Z_{14}$ : Número de instituições de ensino superior.	
	$Z_{15}$ : Número de bibliotecas.	
	$Z_{16}$ : Número de museus.	
	$Z_{17}$ : Número de teatros e salas de espetáculos.	
	$Z_{18}$ : Estádios ou ginásios poliesportivos.	
	$Z_{19}$ : Despesas em cultura	
	$Z_{20}$ : Número de Delegacias de Polícia Civil.	
	$Z_{21}$ : População de brancos.	
	$Z_{22}$ : População de pretos.	
	$Z_{23}$ : População de amarelos.	
	$Z_{24}$ : População de pardos.	
	$Z_{26}$ : Número de empresas dentro dos setores criativos.	
	$Z_{27}$ : Número de trabalhadores em empresas consideradas de alta tecnologia.	
	$Z_{28}$ : População economicamente ativa.	
	$Z_{29}$ : Renda do trabalho dos setores criativos.	
	F2: <i>Desempenho Urbano-étnico</i>	$Z_6$ : Índice de Desenvolvimento Humano e Municipal.
		$Z_{25}$ : População de índios.
	F3: <i>Desempenho de Localização</i>	$Z_8$ : Distância da capital do Estado.
		$Z_9$ : Faixa de fronteira.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

O fator 1 apresenta na dimensão capital humano os aspectos nível de qualificação e população jovem com os maiores loadings sendo que as variáveis - Alunos matriculados no ensino fundamental e Pessoas de 25 a 29 anos ( $Z_1$  e  $Z_4$ ) as mais representativas. A importância dessas variáveis para o potencial criativo está naquilo que Souza (2009) aponta como importantes para o surgimento de inovações de modo endógeno e referem-se às necessidades de acesso aos meios de informação e conhecimento.

As variáveis das dimensões do capital humano e estrutura econômico-produtiva possuem influência significativa na participação do fator 1. Portanto, reforça a importância da educação, na obtenção das habilidades necessárias a formação de pessoal qualificado. Onde o conhecimento é peça chave para se adquirir as habilidades necessárias que certamente

contribuirão para a formação de pessoal que possa atuar nos setores criativos da economia criativa.

O IDHM e a população de índios compõem o fator 2. Segundo Jannuzzi (2004) o IDHM inclui dimensões que abrange longevidade, educação e renda. Refere ao processo dinâmico e permanente de proporcionar as oportunidades aos indivíduos para conquistar acesso à educação, cultura e condições de desfrutar uma vida saudável e longa com condições adequadas para toda a população.

Os municípios de Amambai (7225), Dourados (6830) e Miranda (6475) segundo o IBGE (2010) são que possuem as maiores populações indígenas de Mato Grosso do Sul. Porém, os municípios de Japorã (49,44%), Paranhos (35,66) e Tacuru (35,60) são os que possuem as maiores porcentagem de população indígena em relação ao total da população. Nesses municípios, localizados na faixa de fronteira, estão ocupadas principalmente pelos Guaranis e Kaiowás que conforme aponta Nascimento (2008) possuem uma cultura criativa carregada de misticismos e crenças que moldam a interação entre seus aspectos físicos, sócias, culturais, religiosos e que diferenciam as diversas etnias.

Assim, a economia criativa que Reis (2008) afirma poder estimular os talentos e a diversidade, através da conexão entre nos atores sociais e demais instituições, com o intuito de promover benefícios para todos os envolvidos, de maneira igualitária. Seria uma perspectiva nova para as comunidades indígenas explorarem seu potencial cultural para desenvolverem atividades ligadas aos setores criativos. Contudo, neste estudo usamos apenas a variável população, o que não capta a diversidade e a riqueza cultural destes povos.

O fator 3 refere-se à aspectos de localização geográfica. Entende-se que a capital se torna um polo que beneficia as cidades próximas com a dinâmica econômica, além disto, na capital há uma maior concentração de bens públicos relacionados à cultura. A variável faixa de fronteira busca captar as diferenças e a integração cultural nas regiões de fronteira no estado. Conforme já mencionado anteriormente a faixa de fronteira possui sua dinâmica própria e, portanto tem suas características que propiciam também a oportunidade para o desenvolvimento das atividades dos setores criativos. A discussão desta variável é importante, pois pode fomentar ações dos gestores públicos será possível fomentar o adequado entendimento dos processos formadores que venham a estimular atividades ligadas a geração de bens e serviços culturais ligados aos temas regionais. E assim, utilizar o capital social existente na região de fronteira de maneira a estimular práticas empreendedoras no campo cultural que possibilite o intercâmbio de experiências e informações de maneira a implantar uma rede de colaboração entre os profissionais para que juntos busquem objetivos comuns.

### 5.1 Índice de Potencial Criativo (IPOCR)

Após a análise do ajuste do modelo de análise fatorial e da estimação e interpretação dos *loadings*, o passo seguinte é a construção do Índice de Potencial Criativo (IPOCR) para os municípios de Mato Grosso do Sul. A Tabela 05 apresenta os escores fatoriais, o Índice Bruto de Potencial Criativo (IBPOCR), o Índice de Potencial Criativo (IPOCR), grau de Potencial Criativo e o *ranking* dos municípios de Mato Grosso do Sul.

Tabela 05 – Escores fatoriais, Índice Bruto de Potencial Criativo (IBPOCR), Índice de Potencial Criativo (IPOCR), grau de potencial criativo e *ranking* dos municípios de Mato Grosso do Sul.

Municípios	F1	F2	F3	IBPOCR	IPOCR	Grau de Potencial Criativo (1)	Ranking
Campo Grande	8.3055	0.1339	0.1352	7.3769	100.00	A	1
Dourados	1.8307	-0.2667	1.4853	1.6886	25.72	A	2
Corumbá	0.7958	0.6279	-1.3721	0.6668	12.38	MD	3
Três Lagoas	0.6565	1.6826	-0.7889	0.6374	11.99	MD	4
Ponta Porã	0.4527	1.1545	-0.7578	0.4275	9.25	MD	5
Aquidauana	0.3417	-0.6958	2.2737	0.3870	8.72	MD	6
Nova Andradina	0.1300	1.3332	-0.7138	0.1543	5.68	MD	7
Naviraí	0.0505	1.2290	0.4629	0.1425	5.53	MD	8
Amambai	0.2176	-2.1970	0.2011	0.0748	4.64	MD	9
Sidrolândia	-0.0831	0.1723	2.1614	0.0553	4.39	MD	10
Maracaju	-0.1005	1.3111	1.0311	0.0447	4.25	MD	11
Coxim	-0.0065	1.1749	-0.4054	0.0410	4.20	MD	12
Paranaíba	0.0436	0.9723	-1.1584	0.0321	4.09	MD	13
Miranda	0.0479	-2.0595	1.8614	0.0238	3.98	MD	14
Caarapó	-0.0330	-0.6401	1.1375	-0.0043	3.61	B	15
Jardim	-0.1314	1.3077	0.6371	-0.0046	3.61	B	16
Itaporã	-0.0105	-1.3484	1.1075	-0.0277	3.31	B	17
Aparecida do Taboado	0.0155	0.3664	-1.4055	-0.0420	3.12	B	18
Cassilândia	-0.0404	1.1037	-1.3568	-0.0456	3.07	B	19
Rio Brillhante	-0.2360	0.9971	1.6102	-0.0620	2.86	B	20
Chapadão do Sul	-0.1317	1.5555	-0.7276	-0.0654	2.81	B	21
São Gabriel do Oeste	-0.1574	0.9497	0.2245	-0.0713	2.74	B	22
Anastácio	-0.1736	-0.4334	1.6747	-0.0873	2.53	B	23
Mundo Novo	-0.0431	0.2943	-1.4118	-0.0986	2.38	B	24
Costa Rica	-0.1330	0.7810	-0.8666	-0.1196	2.11	B	25
Ivinhema	-0.1786	1.1172	-0.5479	-0.1228	2.06	B	26
Bonito	-0.1853	0.0935	0.6410	-0.1235	2.06	B	27
Ribas do Rio Pardo	-0.1891	0.4826	0.2528	-0.1253	2.03	B	28
Fátima do Sul	-0.2595	0.5930	0.8842	-0.1465	1.75	B	29
Rio Verde de Mato Grosso	-0.1845	0.4587	-0.2432	-0.1500	1.71	B	30
Nioaque	-0.1940	-0.8065	1.2429	-0.1510	1.70	B	31
Bataguassu	-0.1841	0.8208	-0.6862	-0.1526	1.67	B	32
Camapuã	-0.2550	1.0271	0.1865	-0.1554	1.64	B	33
Bela Vista	-0.1536	0.1566	-0.5294	-0.1560	1.63	B	34
Ladário	-0.1676	0.5934	-0.9415	-0.1655	1.51	B	35

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Tabela 05 (continuação) – Escores fatoriais, Índice Bruto de Potencial Criativo (IBPOCR), Índice de Potencial Criativo (IPOCR), grau de potencial criativo e *ranking* dos municípios de Mato Grosso do Sul.

Municípios	F1	F2	F3	IBPOCR	IPOCR	Grau de Potencial Criativo (1)	Ranking
Tacuru	-0.0127	-2.0471	-0.6750	-0.1687	1.46	B	36
Glória de Dourados	-0.2962	0.6816	0.9358	-0.1710	1.43	B	37
Porto Murtinho	-0.0787	-0.7489	-1.1801	-0.1787	1.33	B	38
Dois Irmãos do Buriti	-0.2629	-0.9048	1.9250	-0.1804	1.31	B	39
Sonora	-0.1432	-0.0849	-0.9583	-0.1846	1.26	B	40
Nova Alvorada do Sul	-0.3487	0.3793	1.8507	-0.1850	1.25	B	41
Terenos	-0.2522	0.0662	0.6104	-0.1861	1.24	B	42
Deodápolis	-0.3005	0.2210	1.1741	-0.1888	1.20	B	43
Paranhos	0.0383	-2.7779	-1.1099	-0.1903	1.18	B	44
Brasilândia	-0.2062	0.6089	-0.9444	-0.1989	1.07	B	45
Jateí	-0.3366	0.8246	0.9071	-0.2000	1.06	B	46
Água Clara	-0.2267	0.0873	-0.0890	-0.2007	1.05	B	47
Itaquiraí	-0.1154	-1.0467	-0.7006	-0.2023	1.03	B	48
Coronel Sapucaia	-0.0292	-2.1560	-0.9286	-0.2037	1.01	B	49
Iguatemi	-0.1449	-0.2099	-1.1608	-0.2046	1.00	B	50
Antônio João	-0.1422	-0.7716	-0.6149	-0.2052	0.99	B	51
Japorã	0.0769	-3.5764	-1.4117	-0.2197	0.80	B	52
Bodoquena	-0.2921	-0.2455	0.9755	-0.2197	0.80	B	53
Bandeirantes	-0.3009	0.3899	0.4164	-0.2209	0.78	B	54
Sete Quedas	-0.0999	-0.8614	-1.4949	-0.2214	0.78	B	55
Douradina	-0.3462	0.1980	1.2709	-0.2253	0.73	B	56
Guia Lopes da Laguna	-0.2724	0.0831	0.1615	-0.2277	0.69	B	57
Eldorado	-0.1810	-0.2638	-0.9441	-0.2278	0.69	B	58
Jaraguari	-0.3033	0.1998	0.5171	-0.2287	0.68	B	59
Batayporã	-0.2370	0.1175	-0.6112	-0.2367	0.58	B	60
Inocência	-0.2488	0.3995	-0.7351	-0.2375	0.57	B	61
Rochedo	-0.2875	-0.0448	0.2923	-0.2414	0.52	B	62
Corguinho	-0.3055	0.2371	0.2643	-0.2423	0.50	B	63
Pedro Gomes	-0.2256	-0.0979	-0.7149	-0.2450	0.47	B	64
Novo Horizonte do Sul	-0.2941	-0.5334	0.8323	-0.2463	0.45	B	65
Selvíria	-0.2104	0.0166	-1.1293	-0.2476	0.43	B	66
Santa Rita do Pardo	-0.2146	-0.4612	-0.5691	-0.2486	0.42	B	67
Vicentina	-0.3723	0.4831	0.9635	-0.2486	0.42	B	68
Rio Negro	-0.3356	0.7210	0.0907	-0.2501	0.40	B	69
Anaurilândia	-0.2127	-0.1898	-0.9453	-0.2517	0.38	B	70
Taquarussu	-0.2986	-0.5286	0.7712	-0.2534	0.36	B	71
Laguna Carapã	-0.2594	-0.3541	-0.0694	-0.2545	0.34	B	72
Juti	-0.2338	-1.0743	0.2800	-0.2550	0.34	B	73
Angélica	-0.3089	0.4390	-0.3346	-0.2664	0.19	B	74
Figueirão	-0.2706	-0.1442	-0.4248	-0.2717	0.12	B	75
Alcinópolis	-0.3115	0.5019	-0.5640	-0.2776	0.04	B	76
Aral Moreira	-0.1911	-0.9462	-1.0048	-0.2803	0.01	B	77
Caracol	-0.2614	-0.6284	-0.2223	-0.2809	0.00	B	78
Var. Explicada	0.7947	0.0527	0.0493	-	-	-	-
Var. Explicada F1 + F2 + F3		0.8966		-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

(1) Os valores de referência do IPOCR para a classificação dos municípios foram: A: IPOCR > 15,29; MD: 3,66 ≤ IPOCR ≤ 15,29; B: IPOCR < 3,66.

Os municípios com maiores valores de escores fatoriais são aqueles que apresentam maior participação sobre a variabilidade explicada pelos fatores. O fator F1, *Desempenho Humano-urbano-produtivo* tem seu poder de explicação de 79.47% da variabilidade total dos dados. Os maiores escores fatoriais são dos municípios de Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Ponta Porã respectivamente. Enquanto que os menores são de Vicentina, Nova Alvorada do Sul e Douradina respectivamente. Importante observar que o valor apresentado pelo escore fatorial de Campo Grande, capital do Estado, foi de 8,3055 muito superior ao segundo melhor escore observado (1,8307, de Dourados), demonstrando a grande superioridade da capital em termos do potencial econômico-produtivo no Índice de Potencial Criativo do fator 1 em relação aos demais municípios de Mato Grosso do Sul. Em relação a valores com escores positivos no fator 1, apenas 14 municípios se encontram nessa situação.

As variáveis ligadas aos temas, nível de qualificação:  $Z_1$  (0,9943),  $Z_2$  (0,9940),  $Z_3$  (0,9817),  $Z_4$  (0,9946) e infraestrutura educacional:  $Z_{11}$  (0,9870),  $Z_{12}$  (0,9768),  $Z_{13}$  (0,9890), apresentam valores altos no fator 1. Demonstrando a importância significativa que a educação possui na formação do homem e no desenvolvimento de sua criatividade. Já nos fatores F2 e F3 os valores referentes a esses temas estão com valores baixos.

A dimensão capital humano tem destaque para a variável: ( $Z_4$ ) pessoas de 25 a 29 anos com valor de 0,9946 no fator 1, o que ressalta a importância da população jovem para o potencial criativo.

O fator F2, *Desempenho Urbano-étnico* possui um poder de explicação de 5,27% da variabilidade total dos dados. Os municípios que apresentaram os maiores escores foram Três Lagoas, Chapadão do Sul e Nova Andradina. E os menores escores foram dos municípios de Japorã, Paranhos e Amambai. Os destaques positivos em relação aos escores são para: Três Lagoas, Chapadão do Sul, Nova Andradina, Maracaju, Jardim, Naviraí, Coxim, Ponta Porã, Ivinhema e Cassilândia. O inverso acontece com os municípios de Japorã, Paranhos e Amambai que apresentaram os menores escores. Os totais de escores positivos somam a quantidade de 46 municípios. Chamam atenção os municípios com significativa parcela da população indígena que apresentam os menores valores para os escores desse fator. Sabe-se que a população indígena se destaca pela sua contribuição cultural que é importante para a economia criativa. Contudo a variável incluída não capta a diversidade cultural, somente a presença do conjunto.

Já o fator F3, *Desempenho de Localização*, possui um poder de explicação de 4,93% da variabilidade total dos dados. Aquidauana e Sidrolândia foram os municípios que se

descaram com valores positivos em relação aos escores dos demais municípios estudados. Já os municípios de Sete Quedas, Mundo Novo e Japorã foram os municípios que apresentaram menores valores dos escores. No total de 37 municípios apresentaram escores positivos.

Quanto ao grau de potencial criativo, apenas dois municípios apresentam alto grau. Doze municípios apresentam médio grau de potencial criativo. E os demais municípios (64) apresentam baixo grau de potencial criativo. Dessa forma, os resultados apontam para uma grande disparidade em termos de nível de potencial criativo.

A Tabela 06 apresenta o Índice de Potencial Criativo de Mato Grosso do Sul, o número de habitantes e taxa de urbanização dos municípios estudados. Esse comparativo objetiva verificar o comportamento apresentadas pelo Índice de Potencial Criativo nos municípios mais populosos de Mato Grosso do Sul. O resultado apresenta o maior Índice de Potencial Criativo de Mato Grosso do Sul para o município de Campo Grande, com valor máximo de 100 devido à interpolação dos valores obtidos a partir do Índice Bruto de Potencial Criativo (IBPOCR). Na sequência vêm os municípios de Dourados (25,72), Corumbá (12,38), Três Lagoas (11,99), Ponta Porã (9,25) e os demais municípios. Esses dados comparados com o número de habitantes e a taxa de urbanização dos municípios demonstram a influência dos espaços urbanos na disseminação da criatividade. Espaços onde estão disponíveis as variáveis do ambiente urbano e que terão influencia na formação do capital humano.

Tabela 06 – Índice de Potencial Criativo, número de habitantes e taxa de urbanização dos municípios de Mato Grosso do Sul.

<b>Município</b>	<b>IPOCR (1)</b>	<b>Número de Habitantes (2)</b>	<b>Taxa de Urbanização (3)</b>
Campo Grande	100.00	787204	98.66
Dourados	25.72	196068	92.36
Corumbá	12.38	103772	90.11
Três Lagoas	11.99	101722	95.35
Ponta Porã	9.25	77866	79.69
Aquidauana	8.72	45623	78.81
Nova Andradina	5.68	45599	85.07
Naviraí	5.53	46355	92.29
Amambai	4.64	34739	64.43
Sidrolândia	4.39	42076	65.89
Maracaju	4.25	37407	86.15
Coxim	4.20	32180	90.62
Paranaíba	4.09	40174	88.94
Caarapó	3.61	25763	71.05
Jardim	3.61	24363	93.41

Fontes: (1) Resultados da pesquisa; (2) e (3) IBGE.

Tabela 06 (continuação) – Índice de Potencial Criativo, número de habitantes e taxa de urbanização dos municípios de Mato Grosso do Sul.

Município	IPOCR (1)	Número de Habitantes (2)	Taxa de Urbanização (3)
Itaporã	3.31	20879	63.71
Aparecida do Taboado	3.12	22305	90.09
Cassilândia	3.07	20932	90.63
Rio Brillhante	2.86	30647	80.07
Chapadão do Sul	2.81	19654	85.50
São Gabriel do Oeste	2.74	22164	86.96
Anastácio	2.53	23846	82.53
Mundo Novo	2.38	17035	89.66
Costa Rica	2.11	19689	85.53
Ivinhema	2.06	22355	77.32
Bonito	2.06	19598	82.46
Ribas do Rio Pardo	2.03	20967	61.87
Fátima do Sul	1.75	19024	89.13
Rio Verde de Mato Grosso	1.71	18892	86.26
Nioaque	1.70	14396	49.03
Bataguassu	1.67	19825	76.84
Camapuã	1.64	13648	71.97
Bela Vista	1.63	23175	81.66
Ladário	1.51	19653	94.65
Tacuru	1.46	10215	36.88
Glória de Dourados	1.43	9928	77.27
Porto Murtinho	1.33	15369	65.45
Dois Irmãos do Buriti	1.31	10362	45.42
Sonora	1.26	14867	90.36
Nova Alvorada do Sul	1.25	16433	74.83
Terenos	1.24	17162	42.44
Deodápolis	1.20	12131	82.78
Paranhos	1.18	12355	50.69
Brasilândia	1.07	11804	67.82
Jateí	1.06	4017	46.58
Água Clara	1.05	14429	66.52
Itaquiraí	1.03	18618	40.84
Coronel Sapucaia	1.01	14064	72.58
Iguatemi	1.00	14887	74.02
Antônio João	0.99	8215	83.21
Japorã	0.80	7645	18.44
Bodoquena	0.80	7986	72.35
Bandeirantes	0.78	6598	68.51
Sete Quedas	0.78	6277	76.01
Douradina	0.73	5365	61.25
Guia Lopes da Laguna	0.69	10368	84.75
Eldorado	0.69	11680	79.91
Jaraguari	0.68	6341	28.17
Batayporã	0.58	10938	76.17
Inocência	0.57	7686	63.60
Rochedo	0.52	4922	58.59
Corguinho	0.50	4862	38.50
Pedro Gomes	0.47	7967	77.17
Novo Horizonte do Sul	0.45	4944	53.94
Selvíria	0.43	10780	83.25
Santa Rita do Pardo	0.42	7254	48.72

Fontes: (1) Resultados da pesquisa; (2) e (3) IBGE.

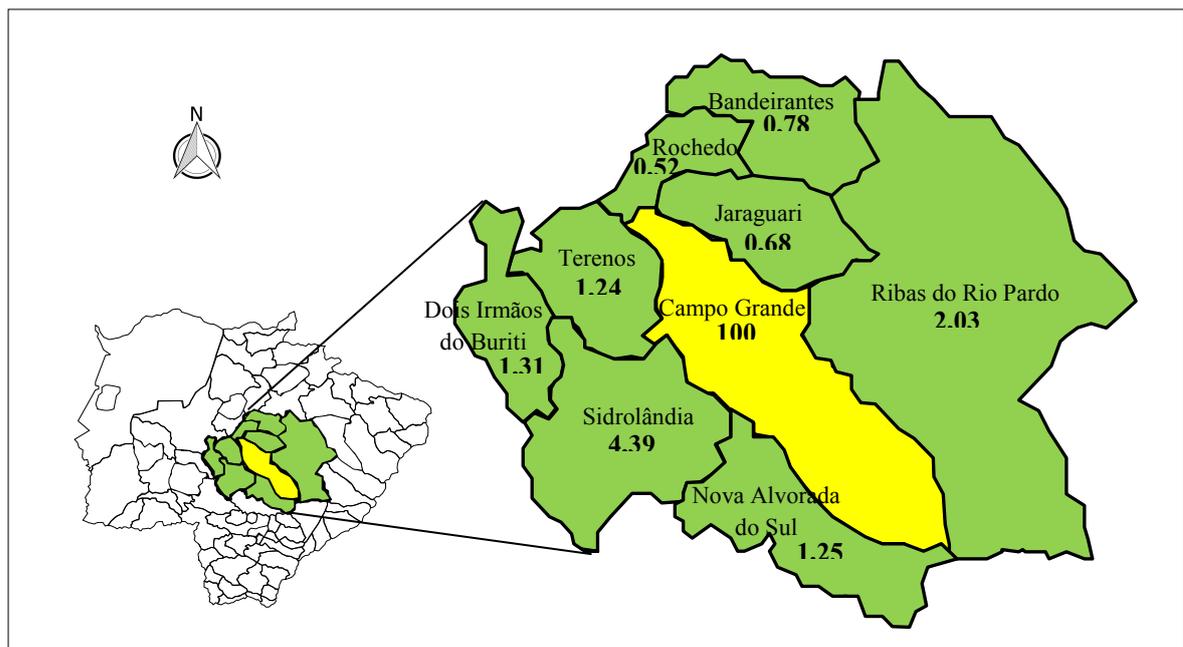
Tabela 06 (continuação)– Índice de Potencial Criativo, número de habitantes e taxa de urbanização dos municípios de Mato Grosso do Sul.

Município	IPOCR (1)	Número de Habitantes (2)	Taxa de Urbanização (3)
Vicentina	0.42	5901	71.90
Rio Negro	0.40	5040	72.80
Anaurilândia	0.38	8494	50.88
Taquarussu	0.36	3512	69.70
Laguna Carapã	0.34	6493	42.18
Juti	0.34	5900	66.53
Angélica	0.19	9170	83.75
Figueirão	0.12	2927	52.27
Alcinópolis	0.04	4570	68.67
Aral Moreira	0.01	10255	52.28
Caracol	0.00	5400	60.00

Fontes: (1) Resultados da pesquisa; (2) e (3) IBGE.

Os dados apresentados na Tabela 06 demonstram que o IPOCR acompanha a ordenação em termos de número de habitantes. Dessa maneira, verifica-se que os maiores índices de potencial criativo pertencem aos municípios que possuíam o maior número de habitantes em 2010. Verifica-se também que os quatro primeiros municípios melhores colocados em termos de Índice de Potencial Criativo apresentam taxa de urbanização acima de 90%. Os doze municípios com grau médio de potencial criativo também estão entre os mais populosos do Estado. Esses resultados mostram a concentração dos melhores níveis de potencial criativo nos municípios mais populosos e urbanizados de Mato Grosso do Sul, onde provavelmente existe uma concentração maior oferta e oportunidades de empregos nas áreas de atuação dos setores criativos.

Figura 03 - Índice de Potencial Criativo dos municípios vizinhos à Campo Grande

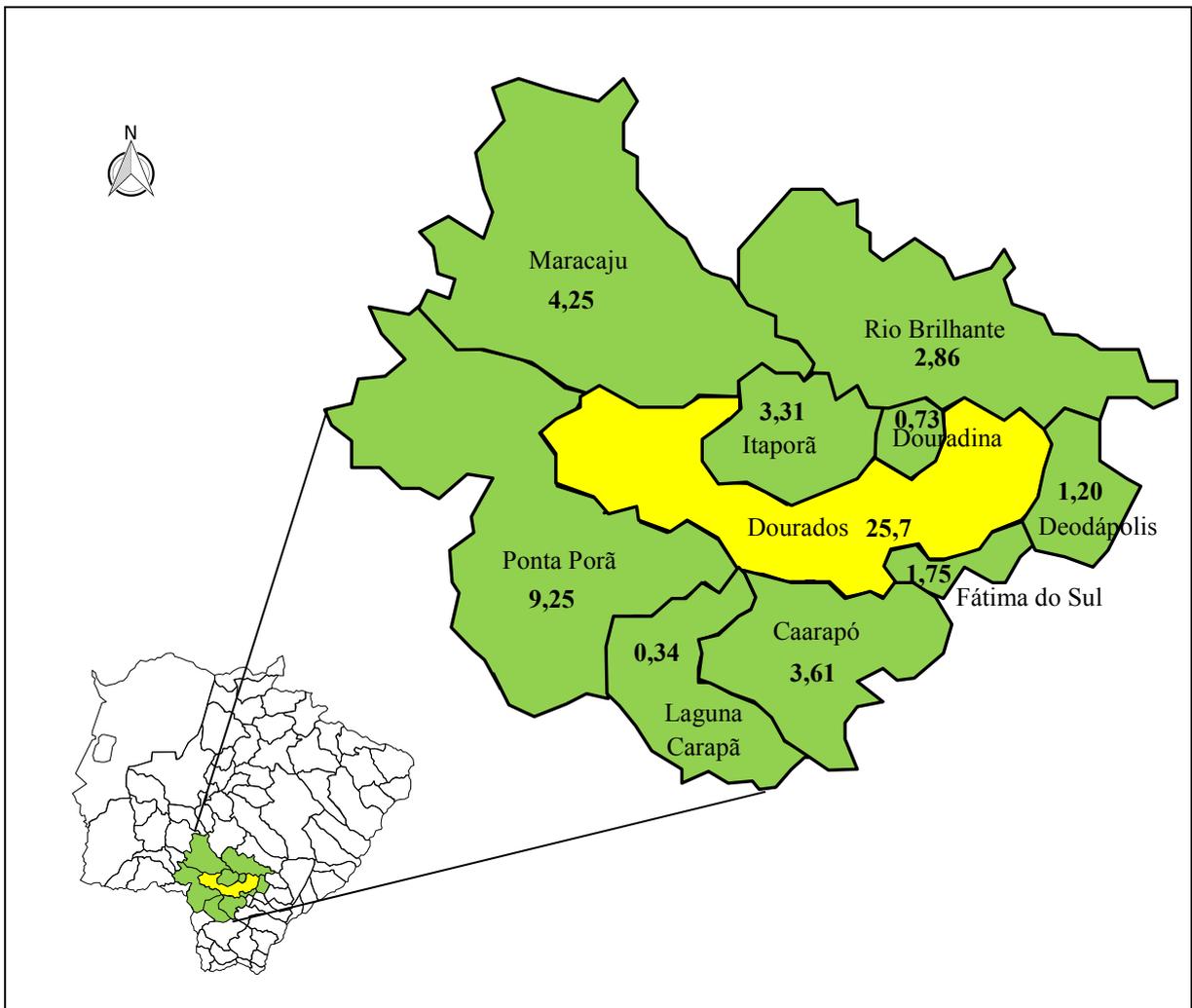


Fonte: elaborado com base nos dados SEMADE (2015)

No caso de Campo Grande, conforme apresentado na Figura 03, que tem por vizinhos os municípios de Sidrolândia (4,39); Ribas do Rio Pardo (2,03); Dois Irmãos do Buriti (1,31); Nova Alvorada do Sul (1,25); Terenos (1,24); Bandeirantes (0,78), Jaraguari (0,68); Rochedo (0,52). Observa-se que Campo Grande não afeta o potencial criativo do entorno, dado que os municípios de fronteira com a capital registram baixo potencial criativo.

Por sua vez, o município de Dourados também segue a mesma tendência de não se constituir um polo de influência para a questão de potencial criativo. Conforme apresentado na Figura 04, dos nove municípios vizinhos dois estão com médio Índice de Potencial Criativo: Ponta Porã (9,25) e Maracaju (4,25). E os outros sete com baixos Índices de Potencial Criativo: Caarapó (3,61), Itaporã (3,31), Rio Brillhante (2,86), Fátima do Sul (1,75), Deodápolis (1,20), Douradina (0,73), Laguna Carapã (0,34).

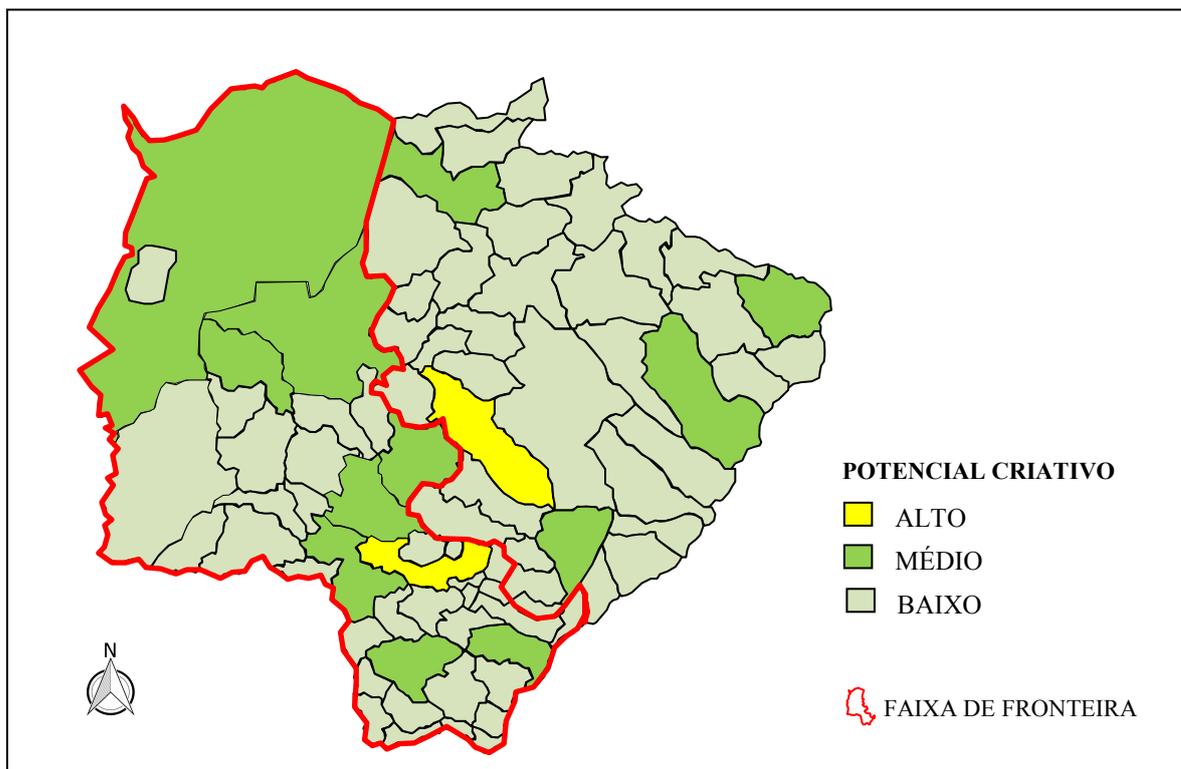
Figura 04 - Índice de Potencial Criativo dos municípios vizinhos à Dourados



Fonte: elaborado com base nos dados SEMADE (2015)

Outra questão que é possível destacar refere-se à faixa de fronteira de Mato Grosso do Sul composta de 44 municípios que apresenta seu potencial em capital social através das diferenças culturais presentes nas etnias indígenas (Gurani-kaiowá, Guarani-nhãndeva, Guató, Terena e Kadiweu) cuja presença marcante nesta parte do território. Ainda os assentamentos também têm sua contribuição na faixa de fronteira de Mato Grosso do Sul com a presença de pessoas oriundas de várias partes do país trazendo sua bagagem cultural. Dessa maneira, existe um potencial de capital social para ser utilizado pela economia criativa através de práticas que possam ser vivenciadas pelos moradores da região através da exploração dos setores criativos de maneira a criar empreendimentos criativos que possam gerar produtos e serviços que sirvam para atender primeiramente as necessidades da região. Contudo, a aplicação metodológica quantitativa não foi capaz de captar essa diversidade cultural, pela natureza das variáveis disponíveis para o estudo. A figura 05 mostra a distribuição do potencial criativo em Mato Grosso do Sul.

Figura 05 - Índice de Potencial Criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: elaborado com base nos dados SEMADE (2015)

Observa-se pela aplicação da análise fatorial, especialmente no que se refere à variância explicada pelo fator 1, uma predominância das variáveis que compõe as dimensões

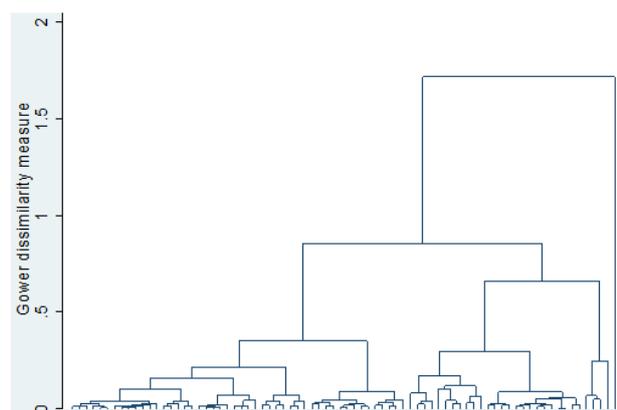
de capital humano, ambiente urbano e estrutura econômico-produtiva no potencial criativo dos municípios. Isso explica a grande concentração de municípios no extrato de baixo potencial criativo, dado que a maioria das cidades são municípios pequenos, com baixa densidade populacional e conseqüentemente pouca oferta de capital humano, além de um estrutura produtiva pouco desenvolvida nas atividades criativas. Somado a isso, há uma grande informalidade no mercado de trabalho nas atividades ligadas a economia criativa, especialmente no que se refere à expressão cultural (artesanato, festivais, etc) .

## 5.2 Análise de Agrupamento (*cluster*)

Com a intenção de validar os resultados da análise fatorial utiliza-se também a análise de agrupamentos. A análise de agrupamento apresenta sua contribuição no sentido de permitir a formação de grupos em função da informação existente e dessa maneira os indivíduos estarão situados em grupos que sejam semelhantes entre si da melhor maneira possível e tão diferente dos restantes. A base de dados utilizada para a realização da análise de agrupamento foi a mesma utilizada na análise fatorial.

A escolha do número de grupos é feita a partir da análise do dendrograma (Gráfico 2), que conforme Mingoti (2005) trata de um gráfico que representa em forma de árvore o nível de similaridade ou dissimilaridade. A análise visual indica que os dados podem ser organizados em 3 grupos distintos.

Gráfico 02 - Dendrograma



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Como indicado no capítulo de metodologia, os *clusters* foram calculados a partir do método de Ward. Os municípios que compõe cada grupo estão apresentados no Quadro 04.

Quadro 04: Agrupamento por potencial criativo

<i>CLUSTER</i>	<b>Municípios</b>
<b>POTENCIAL CRIATIVO ALTO</b> 1 Município	CAMPO GRANDE.
<b>POTENCIAL CRIATIVO MÉDIO</b> 7 municípios	CORUMBÁ, COXIM, DOURADOS, JARDIM, NAVIRAÍ, PONTA PORÃ e TRÊS LAGOAS.
<b>POTENCIAL CRIATIVO BAIXO</b> 70 municípios	ÁGUA CLARA, ALCINÓPOLIS, AMAMBAI, ANASTÁCIO, ANAURILÂNDIA, ANGÉLICA, ANTÔNIO JOÃO, APARECIDA DO TABOADO, AQUIDAUANA, ARAL MOREIRA, BANDEIRANTES, BATAGUASSU, BATAYPORÃ, BELA VISTA, BODOQUENA, BONITO, BRASILÂNDIA, CAARAPÓ, CAMAPUÃ, CARACOL, CASSILÂNDIA, CHAPADÃO DO SUL, CORGUINHO, CORONEL SAPUCAIA, COSTA RICA, DEODÁPOLIS, DOIS IRMÃOS DO BURITI, DOURADINA, ELDORADO, FÁTIMA DO SUL, FIGUEIRÃO, GLÓRIA DE DOURADOS, GUIA LOPES DA LAGUNA, IGUATEMI, INOCÊNCIA, ITAPORÃ, ITAQUIRAÍ, IVINHEMA, JAPORÃ, JARAGUARI, JATEÍ, JUTI, LADÁRIO, LAGUNA CARAPÃ, MARACAJU, MIRANDA, MUNDO NOVO, NIOAQUE, NOVA ALVORADA DO SUL, NOVA ANDRADINA, NOVO HORIZONTE DO SUL, PARANAÍBA, PARANHOS, PEDRO GOMES, PORTO MURTINHO, RIBAS DO RIO PARDO, RIO BRILHANTE, RIO NEGRO, RIO VERDE DE MATO GROSSO, ROCHEDO, SANTA RITA DO PARDO, SÃO GABRIEL DO OESTE, SELVÍRIA, SETE QUEDAS, SIDROLÂNDIA, SONORA, TACURU, TAQUARUSSU, TERNOS E VICENTINA.

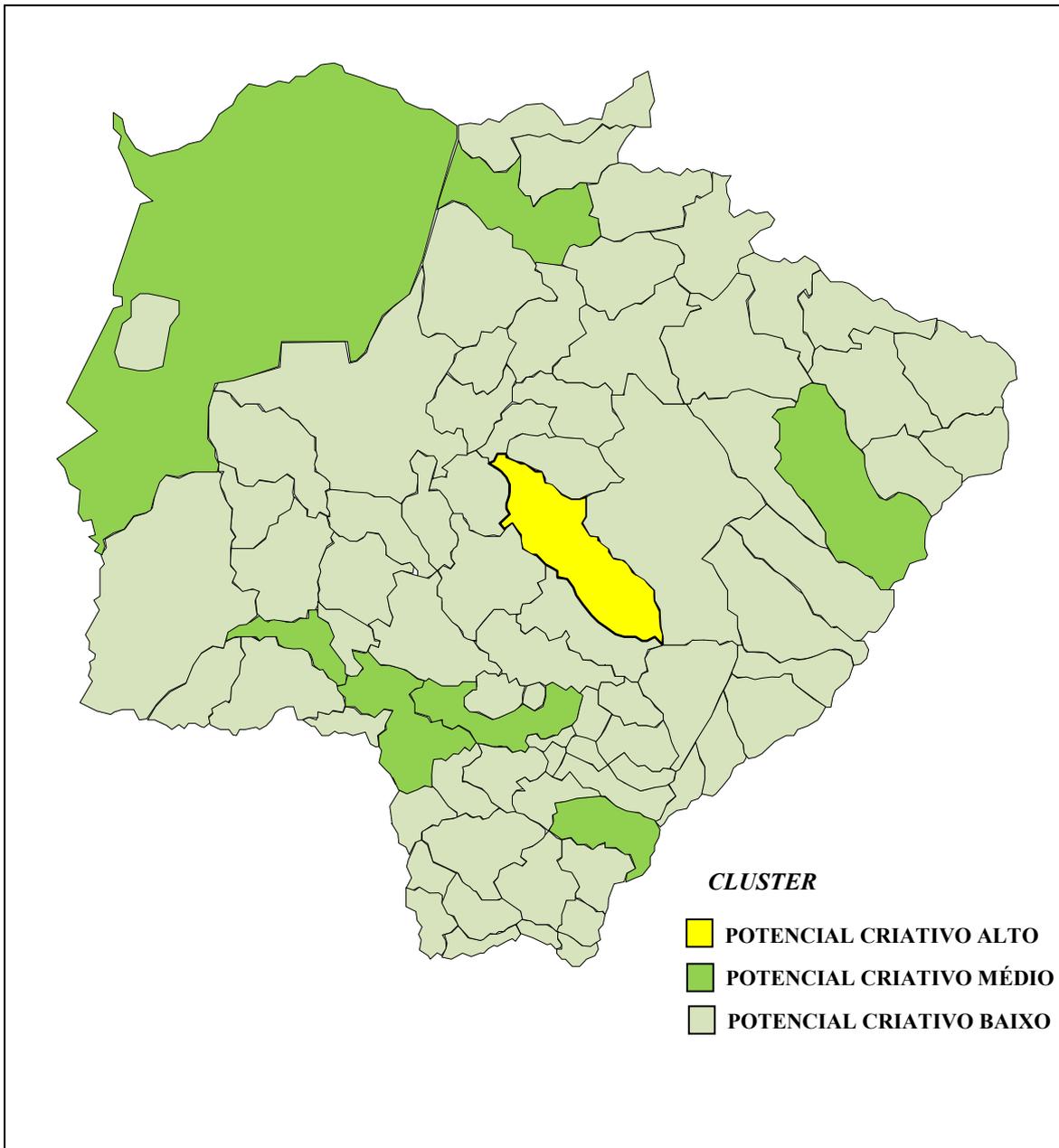
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

O primeiro *cluster* apresenta de forma isolada o município de Campo Grande o que indica elevada “concentração” do potencial criativo na capital do estado. De fato, o conjunto de variáveis incluídas na análise tem como base aspectos do capital humano, capital social, estrutura econômico-produtiva e ambiente urbano, que em geral tendem a ser mais concentrados na capital do estado.

O segundo *cluster* apresenta municípios de Corumbá, Coxim, Dourados, Jardim, Naviraí, Ponta Porã e Três Lagoas com as mesmas similaridades em relação às variáveis estudadas. O município de Dourados (196.035) é o segundo em número de habitantes no estado. Os municípios de Corumbá (103.703), Três Lagoas (101.791) e Ponta Porã (77.872), também são respectivamente os que possuem as maiores quantidade de população. Já os municípios de Naviraí, Coxim e Jardim são municípios com menos de 50.000 habitantes, mas possuem a mesma similaridade com os demais principalmente com a variável:  $Z_{27}$  (número de trabalhadores em empresas consideradas de alta tecnologia). O percentual de participação dos trabalhadores em empresas consideradas de alta tecnologia em relação ao total dos trabalhadores é respectivamente Coxim (0,24%) Jardim (0,05%) e Naviraí (0,03%) valores próximos aos pelos demais municípios deste grupo.

O terceiro grupo é composto pela maioria dos municípios de Mato Grosso do Sul, no total de 70. A figura 06 representa a distribuição dos municípios de Mato Grosso do Sul conforme o resultado apresentado pela análise de *cluster*.

Figura 06 – Agrupamento por potencial criativo



Fonte: elaborado com base nos dados SEMADE (2015)

A tabela 07 apresenta a média, quantidade e desvio padrão das variáveis utilizadas na análise de cluster.

Tabela 07– Estatística descritiva dos grupos

VAR.	GRUPO											
	1			2			3			TOTAL		
	Média	Q.	Desv. Padrão									
Z <sub>1</sub>	8,276	1	-	0,662	7	0,699	-0,184	70	0,127	0,000	78	1,006
Z <sub>2</sub>	8,441	1	-	0,513	7	0,582	-0,171	70	0,107	-0,000	78	1,006
Z <sub>3</sub>	8,068	1	-	0,594	7	1,138	-0,174	70	0,085	-0,000	78	1,006
Z <sub>4</sub>	8,373	1	-	0,564	7	0,663	-0,176	70	0,110	0,000	78	1,006
Z <sub>5</sub>	8,351	1	-	0,278	7	0,683	-0,146	70	0,222	0,000	78	1,006
Z <sub>6</sub>	2,551	1	-	0,872	7	0,514	-0,123	70	0,959	-0,000	78	1,006
Z <sub>7</sub>	8,260	1	-	0,637	7	0,719	-0,181	70	0,147	0,000	78	1,006
Z <sub>8</sub>	-2,289	1	-	0,233	7	0,623	0,009	70	1,007	-0,000	78	1,006
Z <sub>9</sub>	-0,797	1	-	-0,013	7	0,963	0,123	70	1,020	0,000	78	1,006
Z <sub>10</sub>	5,050	1	-	2,352	7	0	-0,307	70	0,322	-0,000	78	1,006
Z <sub>11</sub>	8,287	1	-	0,535	7	0,641	-0,172	70	0,200	-0,000	78	1,006
Z <sub>12</sub>	7,846	1	-	0,794	7	1,026	-0,191	70	0,212	-0,000	78	1,006
Z <sub>13</sub>	8,547	1	-	0,387	7	0,459	-0,160	70	0,110	-0,000	78	1,006
Z <sub>14</sub>	6,842	1	-	1,121	7	0,905	-0,210	70	0,456	-0,000	78	1,006
Z <sub>15</sub>	7,977	1	-	0,404	7	1,022	-0,154	70	0,276	-0,000	78	1,006
Z <sub>16</sub>	8,139	1	-	0,538	7	0,685	-0,170	70	0,266	-0,000	78	1,006
Z <sub>17</sub>	4,233	1	-	1,104	7	0,636	-0,171	70	0,826	-0,000	78	1,006
Z <sub>18</sub>	8,297	1	-	0,310	7	0,826	-0,149	70	0,202	-0,000	78	1,006
Z <sub>19</sub>	7,928	1	-	0,510	7	1,215	-0,164	70	0,193	-0,000	78	1,006
Z <sub>20</sub>	7,645	1	-	0,803	7	1,059	-0,189	70	0,289	0,000	78	1,006
Z <sub>21</sub>	8,359	1	-	0,518	7	0,743	-0,171	70	0,112	-0,000	78	1,006
Z <sub>22</sub>	8,415	1	-	0,509	7	0,616	-0,171	70	0,123	0,000	78	1,006
Z <sub>23</sub>	8,520	1	-	0,387	7	0,591	-0,160	70	0,081	-0,000	78	1,006
Z <sub>24</sub>	8,520	1	-	0,658	7	0,601	-0,184	70	0,117	-0,000	78	1,006
Z <sub>25</sub>	2,738	1	-	0,111	7	1,385	-0,050	70	0,922	0,000	78	1,006
Z <sub>26</sub>	8,481	1	-	0,370	7	0,711	-0,158	70	0,668	0,000	78	1,006
Z <sub>27</sub>	8,719	1	-	0,074	7	0,332	-0,131	70	0,029	0,000	78	1,006
Z <sub>28</sub>	8,421	1	-	0,525	7	0,616	-0,172	70	0,106	-0,000	78	1,006
Z <sub>29</sub>	8,584	1	-	0,183	7	0,480	-0,140	70	0,137	0,000	78	1,006

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa.

Os valores da média do grupo 2 apresenta as variáveis como Z<sub>14</sub>: número de instituições de ensino superior (1,12) e Z<sub>17</sub>: número de teatro e salas de espetáculos (1,10) demonstrando a importância da dimensão do ambiente urbano.

No grupo 3 a dimensão do ambiente urbano continua a manter seu destaque onde as médias que apresentam os maiores valores são Z<sub>9</sub>: faixa de fronteira (1,02) e Z<sub>8</sub>: distância da capital do estado (1,00).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura consultada neste trabalho aponta para os problemas que afligem o homem e a cultura nos dias atuais. Assuntos que fazem pensar sobre o progresso, a ciência, a tecnologia e as expectativas surgidas a partir delas e também a busca de novos caminhos para a humanidade.

Primeiramente, fez-se uma revisão teórica sobre a evolução das relações de trabalho. Verifica-se na argumentação dos autores certa preocupação com os rumos do trabalho envolvendo a condição humana nos vários aspectos entre a necessidade e a liberdade. Além disto, discute-se a influência da tecnologia neste processo, visto que a produtividade assume papel principal numa sociedade capitalista. Na sequência examinam-se os autores que tratam de assuntos relacionados à economia criativa e desenvolvimento. Destaca-se que economia criativa pode ser uma fonte para o desenvolvimento, dado que apresenta caminhos mais próximos de um modelo artesanal de trabalho que estimule a criatividade e os aspectos lúdicos de modo a permitir ao trabalhador poder aprender e desenvolver sua capacidade e desempenho buscando melhorar seus conhecimentos e habilidades unindo divertimento, trabalho e cultura.

O objetivo central deste trabalho foi contribuir com a elaboração de elementos teóricos e empíricos para a literatura referente ao potencial criativo existente em Mato Grosso do Sul. Entretanto, com a necessária consciência de estar diante de um fenômeno complexo relacionado com o desenvolvimento da humanidade e seus diferentes modos de organização da vida social. A análise fatorial serviu de suporte para atingir o objetivo da construção do Índice de Potencial Criativo para os municípios de Mato Grosso do Sul. Buscou-se a extração de fatores que pudessem ser responsáveis para representar os aspectos referentes ao capital humano, ambiente urbano, capital social e estrutura econômico-produtiva.

Durante a realização da pesquisa algumas limitações emergiram como é o caso da utilização de um único período de tempo, datado de 2010, para a realização da análise fatorial. Isso decorre da dificuldade na obtenção dos dados desagregados em nível de municípios. Além disto, se reconhece que nem todas as dimensões de abrangência do potencial criativo foram incluídas na análise fatorial, seja pelo fato da simplificação de conceitos complexos para viabilizar a operacionalização, dificuldades na obtenção de dados ou pelo ajuste do modelo.

Com pensamento de buscar novos caminhos a serem trilhados que venham a contribuir para o desenvolvimento enquanto melhoria de vida da população, primeiramente é necessário conhecer a situação em que se encontra o objeto de estudo. Para isso, o estudo do potencial criativo de Mato Grosso do Sul se torna importante, ainda que tenha certo grau de imprecisão devido a fatores limitantes já mencionados anteriormente e também por tratar-se de assunto que leva em conta determinados julgamentos sociais e aptidões ligadas à personalidade. De qualquer forma a análise trará um resumo próximo da realidade pesquisada.

A análise fatorial demonstrou que os principais determinantes do potencial criativo dos municípios de Mato Grosso do Sul foram compreendidos por três fatores comuns. O fator *Desempenho Humano-urbano-produtivo* teve um poder de explicação de 79,47%, proporcionando um maior impacto no nível de potencial criativo em Mato Grosso do Sul. As variáveis relacionadas aos aspectos de nível de qualificação ( $Z_1$ ,  $Z_2$  e  $Z_3$ ), população jovem ( $Z_4$ ), classe criativa ( $Z_5$ ), infraestrutura educacional ( $Z_{10}$ ,  $Z_{11}$ ,  $Z_{12}$ ,  $Z_{13}$  e  $Z_{14}$ ), bens públicos relacionados à cultura ( $Z_{15}$ ,  $Z_{16}$ ,  $Z_{17}$  e  $Z_{18}$ ), investimento local em cultura ( $Z_{19}$ ), segurança pública ( $Z_{20}$ ), empresas criativas ( $Z_{26}$ ), índice tecnológico ( $Z_{27}$ ), população ativa ( $Z_{28}$ ) e renda dos setores criativos ( $Z_{29}$ ), foram responsáveis pelas principais determinantes do potencial criativo para os municípios de Mato Grosso do Sul.

Os municípios em destaque com alto grau de potencial criativo são Campo Grande e Dourados, que são polos urbanos e econômico-produtivos do estado. Seguidos por 12 outros municípios com potencial médio. O maior extrato de cidades (64) se concentrou na faixa de baixo potencial criativo. Isso decorre da aplicação da técnica de análise fatorial ter retido como fator de maior representatividade no índice de potencial criativo as variáveis relacionadas ao capital humano e a estrutura econômico-produtiva, como discutido acima. Esses municípios representam em conjunto pouco mais de 30% da população do estado.

O segundo fator, *Desempenho Urbano-étnico*, foi responsável por 5,27% da explicação da variância total dos dados e, portanto o segundo maior impacto no nível de potencial criativo para Mato Grosso do Sul. A intenção principal de incluir na discussão a diferença étnica do estado de MS, ressaltando a presença da população indígena, foi um reconhecimento ao aspecto cultural desta população, contudo, a necessidade de dados desagregados por municípios implicou em uso da variável população, que é incapaz de captar essa contribuição. Porém, vale destacar que estudos de cunho mais qualitativos devem atentar à contribuição desta população à economia criativa.

O terceiro fator, *Desempenho de Localização*, contribuiu com 4,93% de explicação da variância total dos dados contribuindo assim, com o terceiro impacto no nível de potencial criativo para Mato Grosso do Sul. Os valores dos escores destacam os municípios de Aquidauana, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Miranda e Nova Alvorada do Sul. Esses municípios estão localizados próximos à capital do Estado. De maneira oposta, os municípios de Japorã, Mundo Novo e Sete Quedas são municípios localizados no extremo sul de Mato Grosso do Sul ficando bem distante da capital do Estado além de estarem localizados na sub-região XIV da faixa de fronteira e, portanto, recebendo influências características dessa região.

A análise de *cluster* apresentou três grupos distintos com pequenas diferenças em relação à ordenação proposta pelo Índice de Potencial Criativo. As desigualdades existentes entre os três grupos de municípios demonstram uma realidade proveniente do poder econômico, marcado pela predominância das variáveis que mensuram a estrutura econômico-produtiva na mensuração do potencial criativo dos municípios.

Diante deste cenário, fica evidente a necessidade de políticas públicas com atenção especial para esses municípios com baixo índice de Potencial Criativo. E neste momento, acredita-se que a economia criativa possa ser alternativa para melhorar a qualidade de vida dos moradores destes municípios. Através de mecanismos que integrem os saberes locais visando o desenvolvimento dos setores criativos que compõem a economia criativa. Desta maneira, será possível contribuir para que o potencial individual seja estimulado e as pessoas tenham a oportunidade de desenvolver sua capacidade criativa. Capacidade que cada pessoa possui com características únicas, que forma sua identidade pessoal através de suas reflexões, raciocínio, criatividade, interpretações, elaboração artística e outras capacidades que vão além das abordagens físicas e biológicas. E dessa maneira, buscar a construção de novos caminhos que possam ser trilhados na busca de um mundo melhor para todos.

Entende-se que a temática da economia criativa é vasta e, dado a vertente quantitativa deste estudo, não foi possível captar todas as relações importantes ao processo criativo. Assim, como indicação de trabalhos futuros, registra-se a necessidade de realizar estudos de ordem qualitativa, em especial a fim de captar as especificidades da significativa presença da população indígena nos municípios do estado e a vasta faixa de fronteira.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <<https://brito964.files.wordpress.com/2013/06/o-que-e-c3a9-trabalho-suzana-albornoz.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar. **A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais**. In: Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n.31, p.137-166, jan/jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>> Acesso em: 02 ago. 2017.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.ifibe.edu.br/arq/20150727211617851360102.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- ARANTES, Michele Honorato. **A construção da identidade de crianças pantaneiras**. Campo Grande, 2007, 143 f. Tese (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025545.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016.
- ARAÚJO, Ana Paula Dias Padilha Saravy de. **A justiça do trabalho em Mato Grosso do Sul: Relações de trabalho no contexto das transformações políticas da década de 1990**. Dourados, 2016, 174 f. Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Disponível em: <<http://www.ppphufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/Ana-Paula-Dias-Padilha.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- ARENDDT, Hannah. **Trabalho, obra, ação**. Trad. Adriano Correia (rev.téc. Theresa Calvet). Cadernos de ética e filosofia política, vol. 7, nº 2, 2005, p. 175-201. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/arendt-trabalho-obra-acao.pdf>> . Acesso em: 11 mar. 2017.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfl3EAH/bhabha-homi-k-local-cultura>>. Acesso em: 11 mar. 2017
- BARBALHO, Fernando Almeida, OLIVEIRA, Luiz Guilherme. **Aplicação de Conceitos Neo-Schumpeteriano em Frameworks Utilizados Para Desenvolvimento de Sistema de Informação**. In: XXV Simpósio de Gestão da Inovação. Brasília - DF, 2008.
- BARBOSA, Christian. **A tríade do Tempo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Disponível em: <<http://lelivros.stream/book/download-a-triade-do-tempo-christian-barbosa-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARBOSA, Francis Régis Gonçalves Mendes. **Índice de desenvolvimento dos municípios da microrregião de Dourados-MS: Uma aplicação da análise fatorial**. Dourados, 2013, 102 f. Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Grande dourados. Disponível em: <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-AGRONEGOCIOS/%C3%8DNDICE%20DE%20DESENVOLVIMENTO%20DOS%20MUNIC%3%8DPIOS%20DA%20MICR>>

ORREGI%3%83O%20DE%20DOURADOS-MS%20UMA%20APLICA%3%87%  
C3%83O%20DA%20AN%C3%81LISE%20FATORIAL.pdf>. Acesso em 20 out. 2016.

BENDASSOLI, Pedro F e *et al.* **Indústrias criativas: Definições, Limites e Possibilidades.** RAE, São Paulo, v. 49, n. 1, jan. – mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em 20 out. 2016.

BRANDÃO, Carlos. **Território & Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Romaz. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand, 1989.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.** In: Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas/ Antonio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Disponível em: <<https://educarparaomundo.files.wordpress.com/2016/07/moreira-candau-multiculturalismo-diferenc3a7as-culturais-e-prc3a1ticas-pedagc3b3gicas.pdf>> Acesso em: 06 jul. 2017.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos.** In: Revista Educação & sociedade, Campinas, v. 33, n. 188, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo.** 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CATELA, Eva Yamila da Silva. **Índice de Potencial Criativo e Desenvolvimento dos Municípios Brasileiros.** Séries Working Paper n. 5 BNDES/ANPEC – Programa de fomento à pesquisa em desenvolvimento econômico – PDE. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/produ%20tos/download/pde/PDE2012\\_Catela.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/produ%20tos/download/pde/PDE2012_Catela.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2016.

CATMULL, Ed. **Criatividade S.A.: superando as forças invisíveis que ficam no caminho da verdadeira inspiração.** Tradução Nivaldo Montingelli Jr. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

CAVES, Richard. **Creative Industries – Contracts between art and commerce.** Cambridge: Harvard University Press, 2000.

CRUZ, Igor Sacha Florentino. **A Geografia dos Serviços e sua Transposição Didática para o Livro Didático de Geografia do ensino Fundamental.** Recife, 2007, 144 f. Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Pernambuco. Disponível em: [http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/6936/arquivo6960\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/6936/arquivo6960_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 19 mai. 2016.

DAGNINO, Evelina. **Diversidade cultural, cidadania e construção democrática.** In: Dimensões e desafios políticos para a diversidade cultural. Salvador. EDUFBA. 2014.

DEHEINZELIN, Lala. **Economia Criativa é a estratégia de desenvolvimento do século.** Disponível em: < <http://laladeheinzelin.com.br/wp-content/uploads/2010/07/Economia-Criativa-%C3%A9-a-estrategia-de-desenvolvimento-do-S%C3%A9culo-Revista-Dealer-junho-2008.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

DEHEINZELIN, Lala. **Desejável mundo novo: vida sustentável, diversa e criativa em 2042.** São Paulo: Ed. do Autor, 2012. Disponível em: < [http://criefuturos.com/@api/deki/files/1306/=DESEJAVEL\\_MUNDO\\_NOVO-Crie\\_Futuros.pdf](http://criefuturos.com/@api/deki/files/1306/=DESEJAVEL_MUNDO_NOVO-Crie_Futuros.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Educação para formar talentos criativos.** In: Revista Economia Criativa #3 – Um caminho de desenvolvimento para o país através da moda e do design. São Paulo: IN-MOD, 2008.

DINIZ, Clélio Campolina. **Celso Furtado e o desenvolvimento regional.** In: Nova Economia n. 19 p. 227-249, maio-agosto de 2009. Belo Horizonte, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** Tradução Stephania Matousek. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. Disponível em: <[https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2015/02/durkheim\\_2011\\_educacao-e-sociologia\\_book.pdf](https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2015/02/durkheim_2011_educacao-e-sociologia_book.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2017.

DUQUE, Felipe da Silva. **Para uma crítica da Economia Criativa no Brasil: empreendendo precariados.** Niterói, 2015. 119 f. Tese (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação, 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/14449922/Para\\_uma\\_cr%C3%ADtica\\_da\\_Economia\\_Criativa\\_no\\_Brasil\\_empreendendo\\_precariados](https://www.academia.edu/14449922/Para_uma_cr%C3%ADtica_da_Economia_Criativa_no_Brasil_empreendendo_precariados)>. Acesso em: 10 mar. 2016.

FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira. Territorialidade e Cultura: **A experiência de Sergipe em planejamento regional.** In: Políticas culturais: informações, territórios e economia criativa/ organização de Lia Calabre; tradução de Carmen Carballal – São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politica-culturalcasaderuibarbosa/files/2015/02/Pol%C3%ADticas-Culturais-informa%C3%A7%C3%B5es-territ%C3%B3rios-e-economia-criativa.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

FELIPE, Ednilson Silva. **As instituições e os neo-schumpeterianos: a noção de aprendizado a partir do pilar cognitivo das instituições .** In: PESQUISA & DEBATE, volume 19, n. 1 (33) pp. 15-32, jan/jun. 2008. São Paulo. 2008

FILIPPIM, Marcos Luiz; KUSHANO, Elisabete Sayuri; BAHLL, Miguel. **Festival de Inverno de Antonina (Paraná, Brasil): o evento sob as perspectivas de visitantes e residentes.** In: Revista Hospitalidade. São Paulo v.IX, n. p. 273 – 294, jul – dez. 2012.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre. Bookman. 2004.

FLORIDA, Richard. **Cities and the Creative Class.** Oxon: Routledge, 2005. Disponível em: <<http://creativeclass.com/rfcgdb/articles/4%20Cities%20and%20the%20Creative%20Class.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Graal, 1979. Disponível em: < <http://lelivros.com/book/baixar-livro-microfisica-do-poder-michel-foucault-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> >. Acesso em: 15 mai. 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREY, Klaus. **Capital social, comunidade e democracia**. In: Revista Política & Sociedade, n. 02, Florianópolis, abr. 2003. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjdvIrg7KfWAhVHWpAKHWrNB\\_4QFggpMAA&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fpolitica%2Farticle%2Fdownload%2F4958%2F4317&usg=AFQjCNGdG7tJvMozGGNwBxkkzbNJuxM8BA](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjdvIrg7KfWAhVHWpAKHWrNB_4QFggpMAA&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fpolitica%2Farticle%2Fdownload%2F4958%2F4317&usg=AFQjCNGdG7tJvMozGGNwBxkkzbNJuxM8BA)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

FURTADO, Celso. **Intra-country discontinuities: Towards a theory of spatial structures**. Social Science Information, v. 6, p. 7-14, 1967.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, nº 3. P. 20-29. Maio/jun. 1995.

GOLGHER, André Braz. **As cidades e a classe criativa no Brasil: diferenças espaciais na distribuição de indivíduos qualificados nos municípios brasileiros**. In: Revista Brás. Est. Pop., São Paulo, v. 25, n1, p 109-129, jan/jun, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n1/v25n1a07.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2016.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Tradução de Angela Ramalho Vianna e Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Forense, 1982. Disponível em: <<http://docslide.com.br/download/link/martins-jose-de-souza-a-sociabilidade-do-homem-simples>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

HAIR Jr., Joseph; *et al.* **Análise multivariada de dados**. Tradução de Adonai Schulp Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008. Disponível em: <<https://ia801909.us.archive.org/14/items/DavidHarveyCondiacaoPosModerna/David%20Harvey%20-%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%B3s-moderna.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

IBGE. **População Jovem no Brasil**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/populacaojovem\\_-\\_IBGE\\_0.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/populacaojovem_-_IBGE_0.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2016.

IBGE. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas – Versão 2.0**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv36932.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 – Características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?Uf=50&dados=0>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

IBGE. **Cidades**. 2014. Disponível em: <[http://cidades.ibge.gov.br/download/mapa\\_e\\_municipios.php?lang=&uf=ms](http://cidades.ibge.gov.br/download/mapa_e_municipios.php?lang=&uf=ms)>. Acesso em: 04 jul. 2016.

IBGE. **Cidades**. 2016 <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500320&search=mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

JOHNSON, R.A.; WCHEN, D. W. **Applied Multivariate Statistical Analysis**. Editora: Prentice Hall, 800 p, 6 ed, 2007

JONES, Charles. **Introdução à teoria do crescimento econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Disponível em: <[http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/090320175933\\_Jones\\_introducaoateoriadocrescimentoeconomicocharlesjones.pdf](http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/090320175933_Jones_introducaoateoriadocrescimentoeconomicocharlesjones.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2016.

KALDOR, N. **Causes of the slow rate of economic growth of the United Kindgom**. Cambridge. Cambridge University Press, 1966.

KALDOR, N. **The case for regional polices**. Scottish Journal of Political Economy, 1970. p. 338-348.

KOMIYAMA, Cristiane Benevides. **Estratégia para o desenvolvimento sustentável**. In: MATO GROSSO DO SUL, Corumbella – Mato Grosso do Sul faz ciência. FUNDECT, ano 3, nº 03. p. 26-29, 2015.

MADEIRA, Mariana Gonçalves. **Economia criativa: implicações e desafios para a política externa brasileira**. Brasília: FUNAG, 2014.

MARINHO, Heliana. **Economia Criativa: Abordagem conceitual e dinâmica da MPE**. In: Políticas culturais: informações, territórios e economia criativa/ organização de Lia Calabre; tradução de Carmen Carballal – São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2015/02/Pol%C3%ADticas-Culturais-informa%C3%A7%C3%B5es-territ%C3%B3rios-e-economia-criativa.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000. Disponível em: <<http://docslide.net/download/link/a-sociabilidade-do-homem-simples-2010-martins-jose-de-souza>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

MAYER, Marcos. **Criatividade para normais: desperte o potencial criativo que existe dentro de você**. Disponível em: <<http://www.criatividadeparanormais.com.br/ebook-criatividade-para-normais/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

MINGOTI, Sueli Aparecida. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MIGUEZ, Paulo. **Economia criativa – em busca de paradigmas: (re)construções a partir da teoria e da prática**. Projeto de Pesquisa. Salvador. Universidade Federal da Bahia. 2007. Disponível em:<[http://www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio\\_economia\\_criativa.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio_economia_criativa.pdf)> . Acesso em: 03 fev. 2016.

MINISTÉRIO DA CULTURA, **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011 - 2014**. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA+ECONOMIA+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd07>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira - PDF**. Brasília, Ministério da Integração Nacional, 2009. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjKg57M\\_7UAhUHJAKHef3COEQFggqMAE&url=http%3A%2F%2Fois.sebrae.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2013%2F06%2Fcartilha-faixa-defronteira.pdf&usq=AFQjCNGWCjtVvFKMGQ7\\_Zj6TZsK6xg8Lg](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjKg57M_7UAhUHJAKHef3COEQFggqMAE&url=http%3A%2F%2Fois.sebrae.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2013%2F06%2Fcartilha-faixa-defronteira.pdf&usq=AFQjCNGWCjtVvFKMGQ7_Zj6TZsK6xg8Lg)>. Acesso em: 20 mai. 2016.

MONASTERIO, Leonardo Monteiro, **A retórica do capital social: uma análise da obra de Roberto Putman**. In: *Capital Social: Teoria e Prática*/ Marcelo Baquero e Dejalma Cremonese (orgs.). Ijuí, UNIJUÍ, 2006. Disponível em: <<http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/arquivos/mt/livro%20capital%20social%202006-.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2016.

NASCIMENTO, Marcelo Casaro. **Relação entre Tekoha, sustentabilidade e território: estudo de caso do Tekoha Carumbé na perspectiva do desenvolvimento local**. Campo Grande, 2008. 110 f. Tese (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, 2008. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8039-relacao-entre-tekoha-sustentabilidade-e-territorio-estudo-de-caso-do-tekoha-carumbe-na-perspectiva-do-desenvolvimento-local.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

OFFE, Claus. **Disorganized Capitalism: contemporary transformations of work and politics**. Oxford, Basil Blackwell, 1986. Tradução Lucia Hippolito. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_10/rbcs10\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_01.htm)>. Acesso em: 11 mar. 2017

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH/Labur Edições, 2007. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAa4AH/modo-capitalista-producao-agricultura-reforma-agraria>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

PAGLIOTO, Bárbara Freitas. **Economia Criativa: mediação entre cultura e desenvolvimento**. In: *Por um Brasil criativo: significados, desafios e perspectivas da economia*/ Cláudia Leitão e Ana Flávia Machado (orgs.). Belo Horizonte: Código Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/5a60179c-1438-4779-929e-e2196b59e892/Livro-Por%20um%20Brasil%20Criativo.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2017.

PAVÃO, Eugênio da Silva. **Formação, Estrutura e Dinâmica da Economia de Mato Grosso do Sul no Contexto das Transformações da Economia Brasileira**. 239 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Economia Industrial) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102209/225391.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PEREIRA, Vinícius Andrade, **Comunicação, Memória, Linguagem e Tecnologia: uma exploração neuro-cultural das extensões mutante humano**. Rio de Janeiro: 2002.

Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_792.PDF](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_792.PDF)>. Acesso em: 10 out. 2016.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1961. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfXwEAI/formacao-brasil-contemporaneo-caio-prado-jr>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

PREFEITURA DE CORUMBÁ. 2015. Disponível em<<http://www.corumba.ms.gov.br/site/corumba/2/>>. Acesso em 12 mar. 2016.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **A Companhia Mate Laranjeira, 1891-1902: Contribuição à história da empresa concessionária dos ervais do antigo sul de Mato Grosso**. In: Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 8, n.1, jan.-jun., 2015. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/336/pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia criativa – um novo olhar o que faz a diferença**. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas: Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. São Paulo, 2011. 297 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10669808/Tese\\_Cidade\\_Criativa\\_Ana\\_Carla\\_Fonseca\\_Reis](https://www.academia.edu/10669808/Tese_Cidade_Criativa_Ana_Carla_Fonseca_Reis)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. São Paulo: Manole, 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11094308/Economia\\_da\\_Cultura\\_e\\_Developimento\\_Sustentavel\\_o\\_Caleidoscopio\\_da\\_cultura\\_Ana\\_Carla\\_Fonseca\\_Reis](https://www.academia.edu/11094308/Economia_da_Cultura_e_Developimento_Sustentavel_o_Caleidoscopio_da_cultura_Ana_Carla_Fonseca_Reis)>. Acesso em: 12 mar.2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia Criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultura, 2008. Disponível em: <[www.obecdf.org/index.php/component/k2/item/download/10\\_86eb7f58007bc905f59f8f407b7a0b34](http://www.obecdf.org/index.php/component/k2/item/download/10_86eb7f58007bc905f59f8f407b7a0b34)>. Acesso em: 10 fev.2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. **I Seminário de Políticas Públicas para a Cultura, Turismo, e Empreendedorismo e Inovação**. Palestra: “Economia Criativa – Traduzindo em Miúdos”, 13/05/2015. Disponível em: <[www.fundacaodecultura.ms.gov.br/conferencista-de-economia-criativa-incentiva-a-transversalidade-das-pastas-da-sectei/](http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/conferencista-de-economia-criativa-incentiva-a-transversalidade-das-pastas-da-sectei/)>. Acesso em: 22 fev.2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. Crescimento e desenvolvimento urbano: Por que nossas cidades continuam tão precárias? In: Revista Novos Estudos, São Paulo, vol. 89, p. 89-109 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n89/06.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

RUEDIGER, Marco Aurélio, et al. **A economia criativa e de alta tecnologia no Brasil**. São Paulo: FGV, 2015. Disponível em: [http://dapp.fgv.br/wp-content/uploads/2016/03/2016-02-17\\_economia-criativa.pdf](http://dapp.fgv.br/wp-content/uploads/2016/03/2016-02-17_economia-criativa.pdf). Acesso em: 09 mar. 2017.

SALVATO, Márcio Antônio. **Desenvolvimento humano e diversidade**. In: Diversidade Cultural: da proteção à promoção/ José Márcio Barros (org.) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Disponível em: [http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/publicacoes/SID/Diversidade\\_Cultural\\_Protecao\\_Promocao\\_2008.pdf](http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/publicacoes/SID/Diversidade_Cultural_Protecao_Promocao_2008.pdf). Acesso em: 09 fev. 2017.

SANTOS, Elinaldo Leal; VIEIRA, Edson Trajano. **A economia criativa sobre a perspectiva do desenvolvimento regional**. Revista Discente da UNIABEU. v. 2 n.3, jan-jul, 2014. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/download/1420/1102>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SANTOS, Felipe Rezende e *et al.* **Desenvolvimento: Um conceito Multidimensional**. Revista Desenvolvimento regional em Debate. n.1, ano 2, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/215/284>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999. Disponível em: <http://sinus.org.br/2014/wp-content/uploads/2013/11/FMI.BMNov%C3%ADssimo-Dicion%C3%A1rio-de-Economia.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2017.

SAROLDI, Nina; AYRES, Andreia Ribeiro. **Economia da cultura e as formações do inconsciente**. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: <http://culturadigital.br/politica-culturalcasaderuibarbosa/files/2013/11/Nina-Saroldi-et-alii.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Minidicionário livre da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2011.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial**. 4 ed. São Paulo : Brasiliense, 1995.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma Investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico**. Tradução Maria Silvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982. Disponível em: [http://www.ufjf.br/oliveira\\_junior/files/2009/06/s\\_Schumpeter\\_-\\_Teoria\\_do\\_Developolvimento\\_Econ%C3%B4mico\\_-\\_Uma\\_Investiga%C3%A7%C3%A3o\\_sobre\\_Lucros\\_Capital\\_Cr%C3%A9dito\\_Juro\\_e\\_Ciclo\\_Econ%C3%B4mico.pdf](http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-_Teoria_do_Developolvimento_Econ%C3%B4mico_-_Uma_Investiga%C3%A7%C3%A3o_sobre_Lucros_Capital_Cr%C3%A9dito_Juro_e_Ciclo_Econ%C3%B4mico.pdf). Acesso em: 20 jul. 2016.

SEMAC, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DO PLANEJAMENTO, DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira/MS**. Campo Grande: SEMAC, 2012. Disponível em: <http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/157/2017/06/Plano-Desenvolvimento-e-Integra%C3%A7%C3%A3o-de-Fronteira.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.

SEMADE, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Diagnóstico socioeconômico de Mato Grosso do Sul - 2015**. Campo

Grande: SEMADE, 2015. Disponível em: <[http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/03/Diagnostico\\_Socioeconomico\\_de\\_MS\\_20151.pdf](http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/03/Diagnostico_Socioeconomico_de_MS_20151.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2016.

SEMADE, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Perfil estatístico de Mato Grosso do Sul 2015**. Campo Grande: SEMADE, 2015. Disponível em: <<http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/12/Perfil-Estatistico-de-MS-2015-revisao.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

SEMAGRO, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, PRODUÇÃO E AGRICULTURA FAMILIAR. <<http://www.semagro.ms.gov.br/>>

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SIMÕES, Rodrigo Ferreira. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/6519931.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SIQUEIRA, Jairo. **Criatividade Aplicada: Habilidades e técnicas essenciais para a criatividade, inovação e solução de problemas**. Rio de Janeiro: 3 ed., 2012. Disponível em: <[http://www.mettodo.com.br/ebooks/Criatividade\\_aplicada.pdf](http://www.mettodo.com.br/ebooks/Criatividade_aplicada.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2016.

SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca. **Educação para a competitividade ou para a cidadania social?** São Paulo em Perspectiva, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9797.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

SOMEKH, Nadia. **A construção social da cidade: desenvolvimento local e projetos urbanos**. In: DOWBOR, L.; PORCHMANN, M. Políticas para o desenvolvimento local. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010, p.17-40.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

UNCTAD, UNITED NATIONS CONFERENCE ON COMMERCE AND TRADE. **Creative economy report**. Genebra, abril, 2008. Disponível em: <[unctad.org/en/docs/ditc20082cer\\_en.pdf](http://unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2016.

VIEIRA, Carolina Bilha. **Economia Criativa: índice de potencial criativo das capitais brasileiras**. Florianópolis, 2013. 69 f. Tese (Graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Departamento de ciências Econômica, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução, Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi – 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

## ANEXOS

ANEXO A – Matriz de correlações teórica ( $R_{pyp}$ ) – parte 1

	var1	var2	var3	var4	var5	var6	var7	var8	var9	var10	var11	var12
var1	1.0000											
var2	0.9970	1.0000										
var3	0.9810	0.9800	1.0000									
var4	0.9980	0.9980	0.9840	1.0000								
var5	0.9620	0.9680	0.9590	0.9710	1.0000							
var6	0.3840	0.3790	0.3880	0.3920	0.3750	1.0000						
var7	0.9970	0.9960	0.9850	0.9980	0.9660	0.4080	1.0000					
var8	-0.2380	-0.2510	-0.2420	-0.2500	-0.2210	-0.2520	-0.2630	1.0000				
var9	-0.0670	-0.0622	-0.0619	-0.0657	-0.1000	-0.0070	-0.0531	-0.2980	1.0000			
var10	0.7400	0.7130	0.7100	0.7200	0.6400	0.3950	0.7310	-0.1430	0.0013	1.0000		
var11	0.9890	0.9910	0.9740	0.9900	0.9550	0.3960	0.9900	-0.2720	-0.0286	0.7310	1.0000	
var12	0.9880	0.9780	0.9790	0.9830	0.9390	0.4170	0.9880	-0.2540	-0.0334	0.7490	0.9730	1.0000
var13	0.9900	0.9950	0.9710	0.9950	0.9760	0.3860	0.9890	-0.2520	-0.0768	0.6870	0.9840	0.9640
var14	0.8920	0.8810	0.8830	0.8830	0.8250	0.5030	0.8910	-0.1060	-0.1450	0.7540	0.8830	0.8930
var15	0.9500	0.9530	0.9510	0.9480	0.9210	0.3550	0.9500	-0.2710	-0.0333	0.7000	0.9550	0.9370
var16	0.9640	0.9640	0.9450	0.9650	0.9280	0.4040	0.9590	-0.2020	-0.0789	0.7030	0.9570	0.9470
var17	0.5770	0.5710	0.5330	0.5740	0.5280	0.4500	0.5900	-0.0043	-0.0184	0.5900	0.5770	0.5920
var18	0.9670	0.9690	0.9530	0.9680	0.9390	0.3280	0.9600	-0.2580	-0.0442	0.7020	0.9690	0.9450
var19	0.9250	0.9210	0.8720	0.9260	0.8970	0.3460	0.9100	-0.1660	-0.1250	0.6620	0.9090	0.8870
var20	0.9520	0.9490	0.9620	0.9520	0.9180	0.4650	0.9570	-0.2350	-0.0730	0.7210	0.9460	0.9500
var21	0.9950	0.9970	0.9890	0.9980	0.9730	0.3970	0.9980	-0.2500	-0.0682	0.7040	0.9880	0.9820
var22	0.9900	0.9910	0.9680	0.9940	0.9670	0.3850	0.9880	-0.2500	-0.0833	0.7150	0.9830	0.9690
var23	0.9910	0.9960	0.9810	0.9960	0.9740	0.3710	0.9920	-0.2630	-0.0680	0.6840	0.9870	0.9690
var24	0.9960	0.9950	0.9690	0.9960	0.9600	0.3920	0.9920	-0.2430	-0.0735	0.7430	0.9860	0.9780
var25	0.4100	0.3940	0.4260	0.3960	0.3460	-0.1920	0.4090	-0.0810	0.2330	0.3080	0.4320	0.4530
var26	0.9880	0.9930	0.9870	0.9940	0.9800	0.3740	0.9910	-0.2560	-0.0729	0.6760	0.9820	0.9690
var27	0.9630	0.9760	0.9470	0.9730	0.9700	0.3270	0.9620	-0.2610	-0.0914	0.6170	0.9620	0.9230
var28	0.9970	0.9990	0.9830	0.9997	0.9730	0.3920	0.9970	-0.2530	-0.0693	0.7120	0.9900	0.9800
var29	0.9700	0.9800	0.9620	0.9790	0.9930	0.3510	0.9720	-0.2330	-0.0961	0.6330	0.9660	0.9390

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa

ANEXO A – Matriz de correlações teórica ( $R_{pp}$ ) – parte 2

	var13	var14	var15	var16	var17	var18	var19	var20	var21	var22	var23	var24
var1												
var2												
var3												
var4												
var5												
var6												
var7												
var8												
var9												
var10												
var11												
var12												
var13	1.0000											
var14	0.8640	1.0000										
var15	0.9420	0.8450	1.0000									
var16	0.9640	0.8790	0.9150	1.0000								
var17	0.5630	0.6110	0.5230	0.5690	1.0000							
var18	0.9680	0.8180	0.9430	0.9550	0.5160	1.0000						
var19	0.9300	0.7980	0.8280	0.9280	0.5260	0.9220	1.0000					
var20	0.9360	0.8970	0.9170	0.9040	0.5580	0.9030	0.8410	1.0000				
var21	0.9920	0.8860	0.9530	0.9580	0.5660	0.9600	0.9080	0.9570	1.0000			
var22	0.9930	0.8720	0.9280	0.9650	0.5740	0.9730	0.9480	0.9350	0.9870	1.0000		
var23	0.9960	0.8660	0.9460	0.9630	0.5460	0.9720	0.9230	0.9460	0.9950	0.9930	1.0000	
var24	0.9910	0.8820	0.9370	0.9660	0.5830	0.9710	0.9440	0.9430	0.9890	0.9960	0.9910	1.0000
var25	0.3580	0.3080	0.4310	0.3960	0.2310	0.4190	0.3220	0.3550	0.3980	0.3600	0.3760	0.3650
var26	0.9940	0.8550	0.9510	0.9590	0.5410	0.9690	0.9110	0.9460	0.9950	0.9870	0.9970	0.9840
var27	0.9870	0.8120	0.9220	0.9390	0.5000	0.9520	0.9150	0.9010	0.9720	0.9760	0.9850	0.9670
var28	0.9960	0.8820	0.9480	0.9640	0.5720	0.9680	0.9260	0.9510	0.9980	0.9940	0.9970	0.9950
var29	0.9880	0.8290	0.9290	0.9430	0.5260	0.9550	0.9110	0.9190	0.9810	0.9780	0.9870	0.9700

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa

ANEXO A – Matriz de correlações teórica ( $R_{pp}$ ) – parte 3

	var25	var26	var27	var28	var29
var25	1.0000				
var26	0.3870	1.0000			
var27	0.3270	0.9820	1.0000		
var28	0.3860	0.9950	0.9770	1.0000	
var29	0.3440	0.9890	0.9880	0.9820	1.0000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa

## ANEXO B – Matriz dos resíduos (MRES) – parte 1

	var1	var2	var3	var4	var5	var6	var7	var8	var9	var10	var11	var12
var1	0.0000											
var2	0.0023	0.0000										
var3	-0.0013	-0.0023	0.0000									
var4	0.0021	0.0023	0.0012	0.0000								
var5	-0.0054	0.0011	0.0046	0.0029	0.0000							
var6	-0.0047	-0.0100	0.0141	-0.0048	0.0012	0.0000						
var7	0.0028	0.0019	0.0041	0.0023	0.0000	-0.0012	0.0000					
var8	0.0012	-0.0077	0.0026	-0.0057	-0.0171	0.0990	-0.0012	0.0000				
var9	0.0023	0.0016	-0.0080	0.0004	-0.0001	0.0154	-0.0025	0.2810	0.0000			
var10	0.0093	-0.0179	-0.0101	-0.0138	-0.0695	-0.0394	-0.0039	0.0959	0.0418	0.0000		
var11	-0.0002	0.0011	-0.0032	-0.0013	-0.0051	0.0036	-0.0001	0.0019	-0.0019	0.0017	0.0000	
var12	0.0074	-0.0024	0.0108	0.0017	-0.0123	0.0169	0.0070	0.0182	-0.0027	0.0244	-0.0038	0.0000
var13	-0.0006	0.0049	-0.0058	0.0033	0.0123	-0.0128	-0.0005	-0.0180	0.0013	-0.0435	-0.0007	-0.0112
var14	0.0029	-0.0063	0.0107	-0.0075	-0.0440	0.0197	0.0019	0.0614	0.0325	0.0739	0.0054	0.0200
var15	-0.0024	0.0009	0.0102	-0.0056	-0.0023	0.0032	-0.0026	-0.0070	-0.0192	0.0041	0.0049	-0.0038
var16	-0.0030	-0.0028	-0.0092	-0.0038	-0.0136	0.0166	-0.0071	0.0134	0.0128	-0.0095	-0.0041	-0.0047
var17	-0.0069	-0.0129	-0.0383	-0.0127	-0.0424	-0.0251	0.0013	0.1570	0.1070	0.1090	-0.0010	0.0145
var18	-0.0037	-0.0011	-0.0063	-0.0033	-0.0038	-0.0050	-0.0093	-0.0168	-0.0078	-0.0018	0.0020	-0.0113
var19	0.0017	-0.0015	-0.0381	0.0019	-0.0045	-0.0064	-0.0105	-0.0119	0.0179	-0.0139	-0.0048	-0.0182
var20	0.0006	-0.0023	0.0242	-0.0005	-0.0067	0.0131	0.0044	0.0173	0.0002	0.0047	0.0001	0.0118
var21	0.0012	0.0030	0.0082	0.0030	0.0071	0.0009	0.0042	-0.0055	-0.0026	-0.0275	-0.0003	0.0022
var22	0.0004	0.0012	-0.0084	0.0025	0.0035	-0.0178	-0.0017	-0.0188	0.0003	-0.0161	-0.0007	-0.0064
var23	-0.0011	0.0042	0.0015	0.0031	0.0097	-0.0130	0.0001	-0.0220	-0.0039	-0.0438	-0.0004	-0.0081
var24	0.0044	0.0028	-0.0092	0.0024	-0.0052	-0.0182	0.0002	-0.0058	0.0072	0.0091	-0.0002	0.0005
var25	-0.0053	-0.0236	0.0030	-0.0156	-0.0477	0.1490	0.0013	0.0855	-0.0445	0.1070	0.0053	0.0401
var26	-0.0027	0.0029	0.0091	0.0030	0.0173	-0.0024	0.0012	-0.0189	-0.0076	-0.0493	-0.0030	-0.0065
var27	-0.0047	0.0088	-0.0081	0.0052	0.0278	-0.0265	-0.0034	-0.0498	-0.0097	-0.0887	0.0002	-0.0293
var28	0.0015	0.0032	0.0003	0.0029	0.0046	-0.0077	0.0022	-0.0098	-0.0004	-0.0213	-0.0004	-0.0014
var29	-0.0056	0.0049	-0.0005	0.0031	0.0431	-0.0117	-0.0017	-0.0280	-0.0008	-0.0798	-0.0027	-0.0203

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa

## ANEXO B – Matriz dos resíduos (MRES) – parte 2

	var13	var14	var15	var16	var17	var18	var19	var20	var21	var22	var23	var24
var13	0.0000											
var14	-0.0244	0.0000										
var15	-0.0047	0.0073	0.0000									
var16	0.0007	0.0092	-0.0083	0.0000								
var17	-0.0236	0.0265	-0.0223	-0.0056	0.0000							
var18	0.0029	-0.0344	0.0111	0.0127	-0.0335	0.0000						
var19	0.0101	-0.0381	-0.0505	0.0279	-0.0228	0.0247	0.0000					
var20	-0.0123	0.0309	0.0100	-0.0218	-0.0302	-0.0184	-0.0413	0.0000				
var21	0.0030	-0.0028	0.0013	-0.0079	-0.0194	-0.0088	-0.0139	0.0059	0.0000			
var22	0.0067	-0.0183	-0.0176	0.0014	-0.0146	0.0093	0.0272	-0.0134	-0.0023	0.0000		
var23	0.0088	-0.0183	-0.0035	-0.0017	-0.0337	0.0036	0.0023	-0.0022	0.0038	0.0059	0.0000	
var24	0.0031	-0.0107	-0.0112	0.0011	-0.0094	0.0058	0.0223	-0.0084	-0.0024	0.0081	0.0020	0.0000
var25	-0.0431	0.0863	-0.0034	0.0094	0.2040	-0.0334	-0.0356	0.0192	-0.0131	-0.0346	-0.0431	-0.0274
var26	0.0082	-0.0265	0.0026	-0.0039	-0.0365	0.0023	-0.0082	0.0006	0.0064	0.0015	0.0094	-0.0026
var27	0.0242	-0.0491	-0.0038	-0.0021	-0.0610	0.0071	0.0149	-0.0214	0.0062	0.0136	0.0199	0.0028
var28	0.0049	-0.0095	-0.0046	-0.0039	-0.0163	-0.0026	0.0018	-0.0015	0.0035	0.0031	0.0046	0.0023
var29	0.0164	-0.0435	-0.0036	-0.0067	-0.0438	0.0035	0.0025	-0.0119	0.0066	0.0070	0.0142	-0.0022

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa

## ANEXO B – Matriz dos resíduos (MRES) – parte 3

	var25	var26	var27	var28	var29
var25	0.0000				
var26	-0.0356	0.0000			
var27	-0.0890	0.0189	0.0000		
var28	-0.0227	0.0043	0.0095	0.0000	
var29	-0.0651	0.0178	0.0385	0.0062	0.0000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados da pesquisa